

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**“UM AGRICULTOR EXEMPLAR”: LINGUAGEM
AVALIATIVA NO GÊNERO HISTÓRIA DE VIDA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Andréa Franciéle Weber

**Santa Maria, RS, Brasil
2007**

**“UM AGRICULTOR EXEMPLAR”: LINGUAGEM AVALIATIVA
NO GÊNERO HISTÓRIA DE VIDA**

por

Andréa Franciéle Weber

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Lingüísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Nina Célia Almeida de Barros

**Santa Maria, RS, Brasil
2007**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Dissertação de Mestrado

**“UM AGRICULTOR EXEMPLAR”: LINGUAGEM AVALIATIVA NO
GÊNERO HISTÓRIA DE VIDA**

elaborado por
ANDRÉA FRANCIÉLE WEBER

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:

Nina Célia Almeida de Barros, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Marco Antônio Esteves da Rocha, Dr. (UFSC)
(1º argüidor)

Désirée Motta-Roth, Dr^a. (UFSM)
(2^a argüidor)

Santa Maria, 15 de fevereiro de 2007.

Pirueta

*Si muriera el alfabeto
morirían todas las cosas.
Las palabras son las alas.*

*La vida entera
depende
De cuatro letras.*

Federico García Lorca

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que, como eu e os personagens das narrativas aqui estudadas, têm sua história de vida marcada por esforço e superação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

a Deus;
à minha família;
à professora Nina;
à Cooperativa Regional Alfa;
aos professores, funcionários e colegas do PPGL;
ao Alexandre, à Nara e à Joseline;
aos demais amigos

por terem contribuído, direta ou indiretamente, para
a concretização deste estudo e de mais uma
importante etapa em minha vida.

Muito obrigada!

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

“UM AGRICULTOR EXEMPLAR”: LINGUAGEM AVALIATIVA NO GÊNERO HISTÓRIA DE VIDA

AUTORA: ANDRÉA FRANCIÉLE WEBER
ORIENTADORA: NINA CÉLIA ALMEIDA DE BARROS
Data e Local do Exame: Santa Maria, fevereiro de 2007.

A difusão social dos meios de comunicação de massa tem propiciado o surgimento de novos gêneros textuais na atualidade. Entre eles, estão as histórias de vida, que são publicadas por um jornal de cooperativa agropecuária e circulam no meio rural das regiões oeste, extremo-oeste e planalto-norte do estado de Santa Catarina. Este estudo procura descrever esse gênero, em especial, a linguagem avaliativa que o configura. Também visa a testar a viabilidade da Teoria da Valoração quando aplicada à Língua Portuguesa e o uso de ferramentas computacionais nesse tipo de análise. Para tanto, foi selecionado um corpus composto por 23 exemplares das histórias de vida, publicados no ano de 2005, o qual foi analisado sob as categorias de campo e conteúdo ideacional (Halliday, 1997), movimentos retóricos (Swales, 1990), índices de atitude e vozes do discurso jornalístico (Martin e White, 2005). Para complementar a análise decorrente da leitura das histórias de vida, utilizamos as ferramentas do programa computacional WordSmith, que forneceu dados sobre frequência lexical e ocorrência dos termos no contexto lingüístico. Informações contextuais sobre o gênero foram obtidas através de entrevistas com produtores e consumidores das histórias de vida e de observação participante no local de produção do jornal. Os resultados indicam que os movimentos retóricos das histórias de vida são, por um lado, estreitamente dependentes do contexto de produção das entrevistas e, por outro, dos objetivos comunicativos do gênero. O conteúdo ideacional dos textos, por sua vez, é idêntico em todos os exemplares, centrando-se no processo de crescimento econômico do personagem. Em relação à linguagem avaliativa, as histórias de vida compreendem principalmente índices de julgamento, tanto explícitos quanto implícitos, baseados em estima social positiva, os quais são intensificados pelo uso dos advérbios *sempre* e *nunca* e de linguagem conotativa. A voz predominante no discurso do gênero é a voz do correspondente, na qual estão presentes julgamentos autorais de estima social. Assim, por meio desses recursos de linguagem, as histórias de vida concretizam seu objetivo retórico que é o fornecimento de um exemplo de agricultor para os demais agricultores, visando à permanência do homem no campo e ao aumento da produção e da produtividade agrícola.

Palavras-chave: Gêneros textuais, Linguagem avaliativa, Jornalismo Rural, Histórias de vida.

ABSTRACT

Master's Degree Dissertation
 Programa de Pós-Graduação em Letras
 Universidade Federal de Santa Maria

“AN EXEMPLAR AGRICULTOR”: EVALUATIVE LANGUAGE IN THE GENRE HISTORY OF LIFE

AUTHOR: ANDRÉA FRANCIÉLE WEBER
 SUPERVISOR: NINA CÉLIA ALMEIDA DE BARROS
 Date and Place of Examination: Santa Maria, February 2007.

The social spread of mass communication has allowed the emergence of new current textual genres. Among them, the histories of life, which are published by an agricultural cooperative journal and are read in the rural environment of the regions west, north-west and north of the state of Santa Catarina. This study aims at describing such genre, in special, the evaluative language that characterizes the histories of life. It also aims at testing the feasibility of the Appraisal Theory to be applied to the Portuguese Language and the use of computer tools to this kind of analysis. For such, a corpus of 23 pieces of histories of life published in 2005, which were analyzed under the categories of field and ideational content (Halliday, 1997), rhetorical movements (Swales, 1990) and attitude and voices in the journalistic speech (Martin e White, 2005). For complementary analysis from the histories of life reading, we applied our corpus to the tools of the software WordSmith, which provided data on the lexical frequency and terms occurrence in the linguistic context. Contextual information on the genre was gotten through interview with producers and consumers of histories of life and of the participative observation in the place of production of the journal. The results indicate that the rhetorical movements of history of life are, on one hand, strictly dependent on the production context of the interviews and, on the other hand, on the communicative objectives of the genre. The ideational content is identical in all the texts, focusing in the process of economic growth of the character. Concerning evaluative language, the histories of life mainly approach judgment rates, either explicit or implicit, based on social positive esteem, which are intensified by the use of the adverbs *ever* and *never* as well as connotative language. The most noticeable in the genre is the voice of the correspondent, in which authorial judgments of social esteem are present. This way, through these language resources, the histories of life consolidate its rhetoric objective that is to provide an example of farmer to the other farmers, aiming at the keeping the man in the countryside and the agricultural productivity increase.

Key-words: Textual Genres, Evaluative language, Rural journalism, Histories of life.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificações de Beltrão e Melo para os gêneros do jornal (Bonini, 2003).....	37
Quadro 2 - Classificação de Chaparro para os gêneros do jornal (Bonini, 2003).....	37
Quadro 3 - Modelo de introdução de artigos científicos em inglês (Swales, 1990).....	41
Quadro 4 - Semântica interpessoal em relação à léxico-gramática e à fonologia (Martin e White, 2005).....	48
Quadro 5 - Organização esquemática da Teoria da Valoração.....	49
Quadro 6 - Julgamento: estima social (Martin e White, 2005).....	53
Quadro 7 - Julgamento:sanção social (Martin e White, 2005).....	53
Quadro 8 - Interação entre índices atitudinais implícitos e explícitos (Martin e White, 2005).....	55
Quadro 9 - Características dos informantes.....	73
Quadro 10- Movimentos retóricos nas histórias de vida.....	77

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estratos da linguagem (Martin e White, 2005).....	47
Figura 2 - Sistema semântico interpessoal e variáveis de relações (Martin e White, 2005).....	49

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 -	Cadeia de transferência de tecnologia para o difusionismo (Bordenave, 1988).....	21
Esquema 2 -	O processo de comunicação eficiente segundo o difusionismo (Bordenave, 1988).....	21
Esquema 3 -	Estratégias para implicitar (ou inscrever) e explicitar (invocar) atitude (Martin e White, 2005).....	56
Esquema 4 -	Sistema de vozes jornalísticas (Martin e White (2005).....	58

LISTA DE ANEXOS

Anexo A -	Exemplar 01/2005 <i>A cara da coragem</i>	108
Anexo B -	Exemplar 01/2005 <i>Espírito jovem aos 70</i>	109
Anexo C -	Exemplar 02/2005 <i>Fidelidade apesar da distância</i>	111
Anexo D -	Exemplar 02/2005 <i>Trabalho é o sentido da vida</i>	113
Anexo E -	Exemplar 03/2005 <i>Mais que uma pedra no meio do caminho</i>	115
Anexo F -	Exemplar 03/2005 <i>Meu lampião de gás...</i>	117
Anexo G -	Exemplar 04/2005 <i>Coragem e valentia na chegada</i>	118
Anexo H -	Exemplar 04/2005 <i>A luta continua</i>	119
Anexo I -	Exemplar 05/2005 <i>Mulher; mãe e agricultora</i>	120
Anexo J -	Exemplar 05/2005 <i>Saúde e disposição aos 74 anos</i>	122
Anexo K -	Exemplar 06/2005 <i>Cabeça nas nuvens e pés firmes no chão</i>	123
Anexo L -	Exemplar 06/2005 <i>Herói desde pequeno</i>	124
Anexo M -	Exemplar 07/2005 <i>Vida e esperança nas montanhas de Nova T...</i>	125
Anexo N -	Exemplar 07/2005 <i>Em sintonia com o passado</i>	126
Anexo O -	Exemplar 08/2005 <i>Relíquias que funcionam</i>	128
Anexo P -	Exemplar 08/2005 <i>A caminho do Paraíso</i>	129
Anexo Q -	Exemplar 09/2005 <i>O sonho era voar</i>	130
Anexo R-	Exemplar 09/2005 <i>Saudosismo vivo</i>	131
Anexo S -	Exemplar 10/2005 <i>Sem medo do cooperativismo</i>	132
Anexo T -	Exemplar 10/2005 <i>Pedro Beal tem saudades do passado</i>	134
Anexo U -	Exemplar 11/2005 <i>Viver é aventurar-se</i>	135
Anexo V -	Exemplar 12/2005 <i>Saudade do canto dos passarinhos</i>	136
Anexo X -	Exemplar 12/2005 <i>No colo do vovô</i>	137

SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
LISTA DE QUADROS.....	ix
LISTA DE FIGURAS.....	x
LISTA DE ESQUEMAS.....	xi
LISTA DE ANEXOS.....	xii
 INTRODUÇÃO.....	 14
 CAPÍTULO 1 - REVISÃO DA LITERATURA.....	 17
1.1 Comunicação rural e comunicação cooperativa.....	17
1.1.1 Comunicação rural.....	18
1.1.1.1 Primeiras experiências brasileiras em comunicação e extensão rural.....	19
1.1.1.2 Novos conceitos.....	24
1.1.2 Comunicação cooperativa.....	30
1.2 Gêneros jornalísticos.....	35
1.2.1 Movimentos retóricos.....	41
1.2.2 Histórias de vida como gênero textual.....	43
1.3 Contexto e metafunções.....	45
1.4 O sistema de atitude.....	47
1.4.1 Julgamento.....	51
1.4.2 As vozes do discurso jornalístico.....	57
 CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	 60
2.1. Coleta dos dados.....	60
2.2. Passos da análise das entrevistas e da observação participante.....	61
2.3. Passos da análise das histórias de vida.....	62
2.3.1 Identificação dos movimentos retóricos das histórias de vida.....	62
2.3.2 Obtenção da lista de termos.....	62
2.3.3 Agrupamento dos termos.....	63
2.3.4 Análise das ocorrências dos termos em seu contexto.....	64
2.3.5 Observação dos índices de julgamento.....	64
2.3.6 Exame das vozes jornalísticas.....	65
 CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	 66
3.1 Contexto das histórias de vida.....	66
3.1.1 Produção.....	66
3.1.2 Circulação e consumo.....	71
3.2 Movimentos retóricos nas histórias de vida.....	77
3.3 Campo e função ideacional nas histórias de vida.....	79
3.4 Linguagem avaliativa nas histórias de vida.....	86
3.4.1 Índices de julgamento.....	86
3.4.2 As vozes do discurso jornalístico.....	93
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 100
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 105

INTRODUÇÃO

Estava muito frio e úmido naquele dia. Era quase noite e as crianças já estavam encolhidas- vestiam só um casaquinho- sentadas em um morrinho de terra. Eu tinha derrubado mato o dia inteiro. Mas ainda faltava uma coisa: queimar o xaxim. Essa terra era cheia de xaxim. Lembrando assim parece impossível que hoje não exista quase mais nenhum. Eles eram altos e, na ponta, os bugios se balançavam. A gente cortava os xaxins até quase o chão, depois fazia um buraco no meio do toquinho que sobrava e botava fogo, e deixava queimando em brasa até consumir toda a raiz pra dentro da terra. Naquele dia, eu tinha cortado uns 50 pés de xaxim, e quando peguei as crianças pra irmos pra casa; quando cheguei com elas lá em cima do morro, olhei pra trás e vi aquelas pontas vermelhas no escuro, parecia um céu estrelado em pleno chão...

A imagem do *chão estrelado* por causa da brasa queimando os xaxins nunca saiu da minha cabeça, até porque foram muitos anos ouvindo essa mesma história e tantas outras parecidas. Porém, as histórias que minha mãe repete tanto, não são nada excêntricas, raras, estranhas para quem viveu como ela a saga do desbravamento de uma região que, até os anos 40, praticamente desconhecia a mão e a cultura (em todos os sentidos possíveis do termo) do homem ‘branco e civilizado’. Esse desbravamento, feito em alemão, polonês e italiano, hoje é contado com um sotaque carregado ou folgado nos erres.

As histórias que conta minha mãe também conta seu João, seu Pedro, dona Maria, os Zelig, os Marconi, os Biaroski. E elas se transformaram em um gênero textual que chamamos de ‘história de vida’ e que é publicado mensalmente nas páginas do jornal da cooperativa agropecuária CR¹. Esse jornal, JR, circula no meio rural das regiões oeste, extremo-oeste e planalto-norte do estado de Santa Catarina, tendo como público outros agricultores que viveram ou ouviram dos mais velhos histórias semelhantes.

No entanto, ao serem apropriadas pelo jornal, essas histórias, mais do que resgatar o passado, adquiriram uma finalidade retórica: persuadir os leitores de JR a adotarem posturas semelhantes às desses desbravadores, como o pioneirismo, a persistência, a valorização do trabalho e da agricultura, entre outras que a cooperativa considera importantes para a manutenção do jovem no campo e para o aumento da produção e da produtividade agrícola.

¹ Para preservar o nome da instituição e das fontes de informação desta pesquisa, não revelaremos os nomes nem do jornal, que chamaremos de JR, nem da cooperativa que o produz, que trataremos por CR. Também os entrevistados pela pesquisa serão identificados por números (informante 1,2, 3...) ou por seu cargo na cooperativa (diretor do jornal).

O objetivo deste estudo foi o de descrever a configuração lingüística do gênero história de vida, em especial, a linguagem avaliativa que ele apresenta. Essa descrição está centrada na observação de suas condições de produção, circulação e consumo, na exposição de seu conteúdo ideacional, na identificação dos movimentos retóricos do gênero e na observação dos recursos avaliativos que ocorrem nos textos. Ao realizar esse levantamento, procuramos também discutir a inserção do gênero no contexto da comunicação rural e cooperativa, suas estratégias persuasivas, o paradoxo de direcionar um veículo impresso a um público pouco escolarizado, o papel do jornalista na produção dessas histórias, entre outras questões sociais que permeiam o uso da linguagem.

Por meio da descrição das histórias de vida, também buscamos testar a utilidade da coleta de dados a partir de ferramentas computacionais para este tipo de análise, bem como a viabilidade da aplicação da Teoria da Valoração, de produção recente e pouco difundida no Brasil, a textos em língua portuguesa.

Acreditamos que este estudo pode contribuir para a melhor compreensão e eficiência dos processos comunicativos que envolvem o meio rural, já que estes freqüentemente são prejudicados pela distância social que separa produtores e consumidores das mensagens midiáticas. A descrição das histórias de vida pode também ajudar no estabelecimento de uma mais adequada nomeação e definição para o gênero, uma vez que o campo jornalístico convive com a falta de uniformidade na demarcação dos gêneros com que trabalha. Por fim, o trabalho com novas teorias e métodos pode fornecer aos estudos lingüísticos um parecer sobre a viabilidade dessas novas perspectivas de compreensão da linguagem, a partir do que teorias e métodos podem ser aperfeiçoados.

Para realizar esta investigação, utilizamos o referencial da Lingüística Sistêmico-Funcional, no que se refere à investigação do campo e do conteúdo ideacional das histórias de vida. A Teoria da Valoração, que também se insere sob o marco dessa perspectiva de estudos da linguagem, por sua vez, forneceu os parâmetros da análise da linguagem avaliativa presente nos textos, especialmente das avaliações sobre seres humanos, chamadas de 'julgamentos'. Já a configuração do gênero textual foi estudada com base nos movimentos retóricos propostos por Swales (1990), que identificam também os processos subjacentes à produção lingüística. Para complementar a análise decorrente da leitura das histórias de vida, recorremos a listas de palavras extraídas de nosso corpus de estudo por meio de

recursos computacionais. Com esse mesmo propósito, também fizemos uso de entrevistas e da observação do processo de produção do jornal.

Este trabalho está dividido em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo, *Revisão da literatura*, inicia relacionando as histórias de vida ao contexto da comunicação rural e cooperativa. Na seqüência, discute os gêneros jornalísticos e os diferentes usos da expressão ‘história de vida’ nas ciências humanas. As concepções de contexto e as metafunções relacionadas a ele são o terceiro aspecto abordado, ao qual segue a descrição dos índices de atitude.

No segundo capítulo, *Metodologia*, relatamos os procedimentos adotados na coleta de dados e os passos realizados para a análise das entrevistas, das informações obtidas por meio da observação participante e do texto das histórias de vida.

O último capítulo, *Resultados e discussão*, inicia apresentando e discutindo o contexto de produção, circulação e consumo das histórias de vida. Passa, depois, para a descrição dos movimentos retóricos observados no gênero e para a análise de seu campo e conteúdo ideacional. Finaliza destacando os aspectos avaliativos da linguagem das histórias de vida, por meio da identificação dos índices de julgamento e da classificação das vozes jornalísticas presentes nos textos.

As *Considerações Finais* retomam os resultados e discutem o papel social do gênero na comunidade em que circula. Além disso, relacionam os resultados com a literatura especializada da área e avaliam os pontos positivos e negativos do referencial teórico e das técnicas de coleta de dados utilizadas neste estudo.

CAPÍTULO 1 - REVISÃO DA LITERATURA

1.1 Comunicação rural e comunicação cooperativa

Não é possível compreender o gênero história de vida, conforme nos propomos neste estudo, sem fazer referência ao contexto comunicativo amplo em que ele se insere. O contexto comunicativo a que nos referirmos, neste momento, diz respeito a duas áreas específicas da comunicação social, que são a comunicação rural e a comunicação cooperativa. Embora, em última instância, os processos de comunicação midiática sejam semelhantes, já que, *grosso modo*, envolvem emissores, mensagens, um canal para escoamento da informação e receptores, as áreas da comunicação social costumam ser divididas de acordo com seus objetivos e público-alvo. Com o tempo, cada área toma contornos específicos, produzindo conceitos e práticas próprias. É assim que a comunicação rural e a comunicação cooperativa obtiveram certa autonomia, desenvolvendo estratégias comunicativas adequadas à condição social de seus receptores, passando a centrar-se em conteúdos de interesse desses sujeitos e também da instituição representada, dando preferência a certos tipos de linguagem, adotando determinados princípios e estabelecendo uma relação específica com seu público.

O gênero história de vida reflete em grande medida essas especificidades da comunicação rural e da comunicação cooperativa, seja do ponto de vista da estrutura, do conteúdo ou do modo de produção. Para entendê-las melhor, passaremos agora a uma breve descrição das atividades de comunicação dirigidas ao público rural vigentes ou, pelo menos, propostas no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Cabe ressaltar que, na apresentação desse tema, optamos por separar comunicação rural de comunicação cooperativa, embora saibamos que esta, quando promovida por cooperativas agropecuárias, acaba tomando muitos dos preceitos e técnicas daquela. Por outro lado, no que se refere à comunicação rural, ao discuti-la, não podemos isolá-la de um outro fenômeno, qual seja, o da extensão rural, já que ambos, apesar de conceitualmente distintos, são indissociáveis e bastante semelhantes na prática.

Em suma, esta seção, visando à melhor contextualização do gênero história de vida, expõe alguns fatos relevantes envolvendo a comunicação rural e

cooperativa na história brasileira, bem como algumas das idéias que nortearam e norteiam tais atividades.

1.1.1. Comunicação rural

Podemos definir extensão rural como um conjunto de estratégias - informativas, organizativas, creditícias, econômicas - que tem como objetivo promover o desenvolvimento rural. Essa prática teve início nos EUA, no final do século XIX, com um grupo de fazendeiros do país que passou a reunir-se para discutir e receber orientação acerca de problemas de produtividade da lavoura e de comercialização dos seus produtos. Com o tempo, esses encontros foram complementados pelo maior contato com a pesquisa agrícola realizada nas universidades e por feiras e concursos para a exposição dos resultados obtidos pelos produtores. Por fim, o governo norte-americano começou a contribuir com esse processo educativo, produzindo panfletos informativos e enviando técnicos do governo federal e estadual para fornecer orientação aos produtores interessados em expandir seus negócios na agricultura e na pecuária. Nascia, assim, a extensão rural, cuja expressão é uma tradução do inglês *agricultural extension* e nomeia a prática de *estender, expandir, alastrar* o conhecimento produzido nos campos experimentais das Universidades e Institutos de Pesquisa aos produtores rurais (Fonseca, 1985, p. 38 e 39).

Já a Comunicação Rural se refere ao estabelecimento de contato com o trabalhador do campo por meio de processos comunicativos midiáticos. Ela pode abranger, fazer parte ou existir independentemente de projetos de extensão rural oficializados, tanto que, em muitos locais, a comunicação rural se estabeleceu antes mesmo da idéia de extensão. Na origem norte-americana da extensão rural, a comunicação dirigida ao homem do campo consistia apenas no uso de tecnologia midiática voltada à persuasão desse público. Mas, assim como a extensão rural, também o conceito e as práticas de comunicação rural variam conforme o modelo de extensão/comunicação adotado, de modo que, hoje, as concepções envolvendo essas duas áreas já não são as mesmas daquelas vigentes nos século XIX. Essa transformação será descrita nos itens seguintes.

1.1.1.1 Primeiras experiências brasileiras em comunicação e extensão rural

As primeiras iniciativas governamentais e privadas no país de difundir informações agrícolas para o campo ocorreram no Brasil Imperial. Como bem observa Duarte (2005), a difusão de informações agrícolas está na raiz da divulgação científica brasileira e pode ser considerada anterior à própria produção de ciência no país. Na segunda metade do século XIX, artigos, notas e textos jornalísticos sobre a cultura do algodão, borracha, cana e indústrias extrativas tornaram-se relativamente comuns na imprensa brasileira e, junto com manuais, exposições e livros, ajudaram a difundir a ciência agrícola. Em 1869, o Imperador Dom Pedro II lançou a *Revista Imperial do Instituto Fluminense de Agricultura* e assinou seu primeiro editorial.

Além disso, destaca-se a prática sistemática e planejada do governo do estado de São Paulo de levar informações agrícolas para o campo através de boletins, folhetos e periódicos sobre agricultura, os quais começaram a circular regularmente a partir de 1899. A Secretaria da Agricultura desse mesmo estado também instituiu, em 1906, a revista *O Imigrante*, que era editada em seis línguas para orientar imigrantes sobre como ocupar e fazer produzir as terras do país. Também nas rádios e jornais do início do século XX, um dos temas mais freqüentes eram as informações sobre agricultura (Bordenave, 1988, p.23 e 24; Duarte, 2005).

Nos anos 30, o governo brasileiro criou o serviço de publicidade agrícola, que teve seu apogeu nas décadas de 40 e 50, quando foi organizado o Serviço de Informação Agrícola (SIA) nacional, dotado de corpo técnico e equipamentos adequados. O SIA desenvolveu um amplo programa de informação rural, utilizando diversos meios de difusão de notícias e ensinamentos técnicos. Um noticiário era distribuído diariamente à imprensa, além de uma elevada quantidade de programas que o serviço mandava irradiar por emissoras oficiais e comerciais, através de uma cadeia radiofônica que, na época, era a maior do país. O SIA também chegou a produzir cerca de 350 filmes exibidos em circuitos nacionais (Bordenave, 1988, p. 23 e 24). Note-se, contudo, que essas tentativas de levar informação agrícola para o campo não caracterizavam nem integravam um programa de extensão rural organizado, o qual viria a ser instituído, no país, apenas na década de 40.

No Brasil, o estado pioneiro na implantação de programas de extensão e educação rural foi Minas Gerais, que o fez com o intuito de conter a migração rural-

urbana que ocorria de forma acelerada no país por volta dos anos 20, abalando a tranquilidade dos grandes centros urbanos e comprometendo a produção de alimentos para seu abastecimento. A diferença entre extensão e educação rural, nesse período histórico, era a de que a extensão constituía um processo educativo informal, enquanto a educação rural dizia respeito ao ensino formal e, nesse caso, visava à criação de escolas no campo envolvendo ensino regular e agrícola. Inicialmente, tais programas foram implantados de forma experimental e provisória, de modo que, somente no ano de 1948, começam a ser institucionalizados os serviços de extensão rural no país, a partir de convênios realizados entre o governo brasileiro e o norte-americano (Fonseca, 1985, p. 55).

Esse modelo norte-americano adotado pelo Brasil é atualmente chamado de difusãoista, por estar centrado na idéia de *difusão de informações* ao campo. Correa Junior (199-) define o difusãoismo como um conjunto de linhas teórico-metodológicas de orientação funcionalista surgidas nos Estados Unidos, nos anos 40, sob o nome de *diffusion research*, voltadas para a difusão de inovações tecnológicas ao campo. O funcionalismo, nas teorias da comunicação de massa, se contrapunha à idéia de que a influência dos *media* se dava sobre cada indivíduo isoladamente, como se a dinâmica social em que estão imersos os fenômenos comunicativos pudesse ser descartada desse processo (Wolf, 2001). Sendo assim, o difusãoismo levava em conta não só a persuasão direta que a mensagem midiática exerceia sobre cada agricultor, mas também a influência de um agricultor sobre o outro e a da comunidade sobre cada indivíduo. Foi esse modelo o importado pelo governo brasileiro no momento da implantação do seu programa de extensão rural, e é esse modelo que, com algumas alterações, orientou a relação das instituições interessadas no desenvolvimento agrícola (como as cooperativas agropecuárias, por exemplo) com o homem do campo durante praticamente toda a segunda metade do século XX no país.

O difusãoismo acredita que o desenvolvimento acontece quando se introduzem entre os agricultores novas idéias, de maior eficiência produtiva. O objetivo principal, nesse modelo, é o de encurtar o tempo que geralmente intermedeia o lançamento de uma inovação pelos centros de pesquisa e sua adoção generalizada pelos agricultores. O ideal, para o difusãoismo, seria que a maioria desenvolvesse as qualidades de inovação, inclinação para o risco, racionalidade técnica e econômica, de modo que cada dia fosse mais fácil e rápida a introdução de

novas práticas e produtos na agricultura. Por isso, o modelo coloca forte ênfase na comunicação, tanto das informações necessárias para avaliar e aplicar inovações, quanto das mensagens motivadoras e persuasivas, que promovem uma atitude inovadora geral, isto é, uma disposição favorável a considerar mudanças nos sistemas de produção (Bordenave, 1988, p. 31-34).

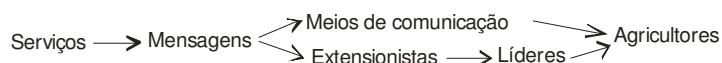
O modelo supõe o estabelecimento de uma cadeia eficiente de transferência de tecnologia, exemplificada no esquema 1:



Esquema 1- Cadeia de transferência de tecnologia para o difusionismo (Bordenave, 1988)

No esquema acima, observamos que as descobertas científicas aplicáveis à agricultura obtidas nos centros de pesquisa são difundidas aos agricultores por meio de profissionais das ciências agrárias (extensionistas) e de veículos midiáticos, seja em forma de notícias ou de publicidade (informação agrícola). Tais inovações seriam inicialmente adotadas por agricultores menos conservadores, que, com o tempo, seriam imitados por aqueles mais avessos a mudanças.

De acordo com o autor, a maneira encontrada para estabelecer essa corrente de influência entre os agricultores (da imitação dos inovadores pelos demais até chegar aos retardatários) foi o uso intenso de líderes naturais, assim como a formação de grupos instrumentais, como comitês locais, conselhos de desenvolvimento, clubes de mães, etc. (ver esquema 2). Também foi intenso o uso de técnicas de *marketing* e da publicidade comercial, que incluíam desde *slogans* e apelos emocionais até ameaças. A campanha tornou-se, assim, o método básico da informação rural difusionista, consistindo no uso combinado, intenso e concentrado de mensagens e meios numa região limitada (Bordenave, 1988, p. 33).



Esquema 2- O processo de comunicação eficiente segundo o difusionismo (Bordenave, 1988)

Podemos perceber que esse modelo de difusão de informações para o campo se preocupa fundamentalmente com aquele que é um dos principais problemas da extensão rural até os dias de hoje: a resistência do produtor agrícola a inovações tecnológicas. Em outras palavras, sua tendência a reproduzir os modos de produção agrícola herdados dos pais e avós. Para combatê-la, agentes de comunicação e extensão rural utilizaram e utilizam todo tipo de estratégia, especialmente persuasivas. O gênero história de vida, como veremos, faz parte de uma dessas estratégias.

Duarte (2005) explica que, nessa primeira fase da extensão rural brasileira, o foco estava na mensagem e não no homem; a liderança e a pressão de grupos eram aproveitadas; a adoção de inovações era considerada boa em si mesma; a capacidade própria e o saber popular eram desconsiderados; mesmo a tecnologia inadequada aos pequenos produtores era recomendada a eles; a formação de grupos era utilizada não como instrumento de organização, mas de persuasão. Desses características que Duarte lista, destaca-se o fato de os profissionais da comunicação rural manterem seu foco na mensagem, elaborando campanhas de qualidade técnica, mas nem sempre de eficiência comunicativa, já que aspectos culturais dos seus receptores, como grau de instrução e escolar e saberes populares relacionados à agricultura, não eram levados em conta no momento dessa produção.

Entrou-se em uma nova fase, por volta da década de 50, na qual foi utilizada grande quantidade de recursos visuais na comunicação rural. Contudo, embora os técnicos soubessem manipular os meios, os efeitos não estavam à altura esperada. Logo, a obsessão pelos meios acabou diminuindo e passou-se a pensar mais nos efeitos das mensagens. Com isso, surgiu a idéia de que era preciso conhecer as características psicológicas, sociológicas, econômicas e culturais do público rural, para manipulá-lo melhor. Os pesquisadores e extensionistas, então, concentraram seus estudos sobre a noção de símbolo, constatando que o símbolo tem o significado que lhe dá o receptor e esse significado depende de vários fatores, entre eles a experiência e a cultura de quem interpreta (Bordenave apud Amaral, 1993, p. 50 e 51).

Pela descrição do autor, não é difícil constatar que os conceitos e práticas da comunicação rural, nesse período, acompanham algumas mudanças de perspectiva que acontecem tanto na pesquisa em comunicação quanto nos estudos da

linguagem, áreas que passam a considerar o papel ativo do receptor na interpretação das mensagens.

Vale a pena comentar que “manipulação”, nessa época, não recebia o sentido negativo que tem hoje (Bordenave apud Amaral, 1993, p. 50 e 51). Da exposição efetuada pelo autor, conclui-se que esse entendimento decorre do fato de, em primeiro lugar, não existir a percepção de que o homem rural tivesse cultura, saberes e aspirações próprias e válidas, as quais nem sempre equivaliam as dos comunicadores e extensionistas rurais. Em segundo lugar, mesmo que a manipulação fosse entendida negativamente por alguns, como um processo de dominação, ela possuía objetivos positivos, uma vez que visava à melhoria da vida do homem rural. Isto é, as medidas manipulativas eram consideradas necessárias, porque o homem rural não ‘sabia’ progredir sozinho.

Como o modelo difusionista não resultou os efeitos esperados na América Latina, ele teve de ser adaptado para uma realidade rural bem mais precária que a norte-americana. Uma das adaptações realizadas no modelo foi a focalização em problemas muito mais básicos que o da produção e da produtividade agrícola, como em medidas de higiene e de economia doméstica. Segundo Fonseca (1985, p.92), também foram incluídas medidas educativas que melhorassem a qualidade de vida do homem rural e garantissem sua entrada no ritmo e na dinâmica da sociedade de mercado. Era preciso que ele deixasse de ser retraído, parado e desconfiado (concepção dos extensionistas da época) e passasse a produzir mais para consumir mais adubos, vacinas, equipamentos, produtos domésticos e assim por diante.

Outra adaptação do modelo norte-americano foi a redução do uso de recursos midiáticos. Com isso, segundo Bordenave (1988, p. 24-26), a tarefa persuasivo-comunicativa dos agentes de extensão rural foi mais valorizada e a difusão direta de informações pelos meios de comunicação foi reduzida a uma função de apoio ao contato pessoal. Em outras palavras, os extensionistas passaram a exercer o papel central na comunicação com o agricultor, enquanto utilizavam os recursos midiáticos como apoio a suas atividades. Assim, como acontece até hoje em se tratando de comunicação rural, mensagens que são veiculadas pelo rádio ou por via impressa são depois discutidas com os agricultores em encontros presenciais, que servem para dirimir as dúvidas existentes, as quais são, muitas vezes, decorrentes da dificuldade de interpretação das mensagens midiáticas.

O modelo difusionista de extensão rural, apesar das adaptações, predominou praticamente inalterado e inquestionado no Brasil até a década de 70, e seus reflexos podem ser encontrados ainda hoje nas práticas de extensão e comunicação rural do país (Pippi, 2005). Para Correa Junior (199-), existem 3 principais motivos que explicam a forte influência do difusionismo no Brasil. O primeiro deles é a existência de poucos trabalhos sobre o mundo rural brasileiro. O segundo, os impulsos dados pelo Estado a essas práticas com o objetivo de obter o máximo controle sobre todas as áreas do país. O terceiro motivo, pouco comentado, é a crença exagerada no poder de influência dos meios de comunicação, em que é subentendida uma relação direta, linear, unívoca e necessária de um emissor poderoso sobre um receptor fraco e passivo. E, se até esse período qualquer receptor era considerado passivo e fraco frente ao poder persuasivo da mídia, tal poder crescia enormemente diante do homem rural que, como vimos, era considerado um tipo retraído, parado e desconfiado que, além de tudo, vivia isolado e quase sempre sem acesso a meios formais de educação.

Correa Junior (199-) explica que o difusionismo também influenciou sobremaneira a produção acadêmica brasileira em comunicação rural, tanto que continua sendo responsável pela visão homogeneizada do setor rural no país, pela visão do homem do campo apenas como objeto de modernização, pelo uso exacerbado do quantitativo e pela repetição temática. A comunicação rural é, por isso, muitas vezes, nos dias atuais, ainda tratada como sinônimo de difusionismo.

No entanto, por volta da década de 70, uma nova proposta de relação com o homem do campo surge, dando um viés mais educativo à comunicação rural. Esses novos conceitos estão descritos na seqüência.

1.1.1.2 Novos conceitos

O modelo difusionista foi amplamente utilizado pela ABCAR (Associação Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural), criada em 1950 para gerenciar a extensão rural pública no país. Mais tarde, na década de 70, a ABCAR passa a se chamar EMBRATER (Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural). Com essa passagem, também mudaram os conceitos e a forma de praticar extensão e comunicação rural no Brasil. De acordo com Bordenave (1988, p. 28 e 29), a extensão rural deixou, nesse momento, de ser uma tarefa principalmente produtivista

e tecnificadora, e a responsabilidade básica do extensionista passou a ser a de capacitar as famílias rurais para a percepção, o equacionamento e a solução de seus problemas de ordem técnica, econômica e social.

Para Amaral (1993, p. 39 e 40), com a implementação da EMBRATER, começou-se a ver a extensão rural menos como um processo comunicativo e mais como educativo. Ela passou a ser entendida como um sistema que leva em conta a experiência individual e coletiva das pessoas, suas aspirações, que questiona a validade das políticas do governo para o meio rural. O uso dos meios de comunicação teve, então, o objetivo de conscientizar a população rural, e todo o extensionista passou a ser visto como um comunicador.

Tal mudança de postura ocorreu, em grande parte, devido às críticas à extensão agrícola latino-americana, que emergiam especialmente na voz de Paulo Freire, no período em que ficou encarregado da área pedagógica do recém implantado programa de extensão rural e reforma agrária do Chile (ver Freire, 1977). Freire e outros extensionistas criticavam a extensão agrícola tradicional que, à semelhança de outros métodos de educação tradicionais, era chamada por eles de “educação bancária”, porque procurava depositar conhecimentos na mente do produtor rural. Para eles, a comunicação é a essência de qualquer atividade de extensão rural e deve ser fundamentalmente dialógica. Paulo Freire acreditava que, através de um processo comunicacional democrático, seria possível educar o agricultor, desenvolver nele consciência e autonomia, as quais, por sua vez, permitiriam alcançar-se uma transformação estrutural no campo. Essas novas idéias deixaram apenas alguns reflexos na prática extensionista do Brasil, sem, contudo, alterar os objetivos do programa de extensão rural nacional, que continuavam ligados principalmente à difusão de tecnologia e ao desenvolvimento econômico.

No entanto, essas críticas ao diffusionismo serviram para que grupos ligados à extensão rural iniciassem uma discussão acerca da importância da compreensão da dinâmica social inerente à agricultura, especialmente no que se refere à valorização dos conhecimentos dos sujeitos que vivem no campo. Assim, encontraremos hoje, por exemplo, veículos midiáticos em cujo conteúdo há referências positivas a tais sujeitos, como detentores de saberes, de cultura, de capacidade administrativa, ainda que carentes de orientação técnica atualizada sobre o trabalho agrícola. Isso pode ser observado, de certa forma, no gênero história de vida.

Nas décadas de 70 e 80, as atividades dos serviços de extensão rural continuaram centrando-se na transferência de tecnologia proveniente da revolução verde, a qual se baseava na utilização de variedades genéticas que incrementavam espetacularmente a produtividade agrícola. Esse processo de modernização ocorreu em toda a América Latina e permitiu um avanço tecnológico, mas significou também a consolidação da agricultura empresarial em detrimento da familiar, bem como acelerou o processo de deterioração do meio ambiente (Vela e Heguedus, 1999, p. 14 e 15).

Além da ampliação dos meios de comunicação às zonas rurais e às áreas mais isoladas do país no intuito de promover a integração nacional, também se observou, nesse período, um *boom* de mensagens para o setor rural nos meios de comunicação brasileiros. A modernização da agricultura exigia maior agressividade na difusão de técnicas e conhecimentos sobre a atividade agrícola, tarefa em que a mídia pôde contribuir de forma relevante. Na televisão, surgiram vários programas destinados ao meio rural. Em 1989, a TV Bandeirantes possuía 4 programas desse tipo. Na TV Globo, em 1980, iniciava o programa Globo Rural, idealizado quando foi detectada a existência, principalmente no estado de São Paulo, de 4 milhões de aparelhos receptores de TV no campo e mais de 300 potenciais anunciantes de fertilizantes e implementos agrícolas. Também no rádio, veículo característico de regiões mais isoladas, apareceram muitos programas destinados à informação rural (Amaral, 1993, p. 43 e 44).

No decorrer dos anos, a extensão rural brasileira, já bem mais autônoma em relação aos modelos importados, acresceu à idéia de informar os agricultores sobre as novidades técnicas a de desenvolver neles a capacidade de administração, gestão e planejamento de suas propriedades e recursos (o espírito empresarial), para que, com o tempo, eles fossem necessitando cada vez menos dos auxílios governamentais ou das instituições privadas de fomento. A problemática ambiental também ganhou importância nos programas de extensão a partir da década de 90, numa tentativa de aliar a produção agrícola à preservação dos recursos naturais, os quais, hoje, estão seriamente comprometidos, devido, inclusive, à incorreta atuação da extensão rural do passado.

Mesmo alterando o modelo difusionista na direção de relações mais horizontais, Callou (2004, p.3) acredita que o Brasil nem mesmo chegou próximo de um programa de extensão/comunicação rural como o proposto por Paulo Freire.

Para ele, até mesmo a participação, o dialogismo, que as instituições governamentais de extensão rural passaram a pregar a partir da década de 70, ocorreu apenas no discurso e não passou de um disfarce que contribuía para fazer valer políticas públicas determinadas verticalmente. Dessa forma, até mesmo as expressões mais tradicionais da cultura dita popular, como folhetos de cordel, almanaques, teatro de fantoches, foram utilizadas como estratégia persuasiva para viabilizar a adoção tecnológica. O autor acredita ainda que, embora as práticas de difusão de inovações tenham contribuído para modernizar o campo, o desenvolvimento propriamente dito do meio rural não ocorreu; pelo contrário, criou-se um grave problema ambiental, de êxodo rural e de aumento da concentração de terra. Por isso, argumenta, a grande maioria dos pesquisadores pós-paulo-freireanos não tem mais dúvida de que a comunicação participativa ou horizontal é o ponto de partida para a construção de qualquer projeto voltado aos contextos populares.

Na trajetória da extensão e da comunicação rural brasileira, a intervenção governamental tem, indiscutivelmente, o papel de protagonista, pois, por muito tempo, grande parte das ações de desenvolvimento do campo estiveram ou reduzidas ou fortemente vinculadas ao apoio estatal. Contudo, conforme Olinger (1998, p. 18, 48, 75, 76), a tendência da extensão rural no país é a de ser exercida cada vez mais pela iniciativa privada (agroindústrias, cooperativas, escritórios particulares, ONGs, etc.), a exemplo do que já acontece em países desenvolvidos como os Estados Unidos, cujo modelo de extensão rural, vale lembrar, o Brasil importou meio século atrás.

Essa passagem da iniciativa pública para a privada é vista pelo autor como uma espécie de tendência natural, pois ela significa que os programas públicos deram certo e capacitaram o produtor brasileiro a andar “com as próprias pernas”. Por outro lado, tal passagem também é favorecida por uma crise no sistema público de extensão rural de todos os países latino-americanos, ocasionada pela interferência político-partidária dos governos e pelo desajustamento dos profissionais com relação às rápidas inovações tecnológicas. As cooperativas agropecuárias se incluem na iniciativa privada e, por isso, seus serviços de extensão e comunicação rural tendem a ganhar cada vez mais importância no setor rural do país como um todo e na vida de cada associado em particular.

Olinger (1998, p. 74) também descreve a fase atual da extensão rural brasileira como indefinida, porém, delineando-se na direção da qualidade da

produção, da preservação ambiental, da competitividade e da sustentabilidade do desenvolvimento, privilegiando o aprimoramento da base produtiva e da qualidade de vida da família rural.

Acompanhando essa proposta há, segundo o autor acima citado, uma tendência na extensão rural para o uso de meios massivos de comunicação (televisão, vídeo, rádio, publicações) em substituição aos métodos de extensão “educativos” (demonstrações, visitas, excursões, dias de campo, grupos de gestão, treinamentos de curta duração). Segundo ele, isso ocorre, entre outros fatores, por uma questão de comodidade, de falta de competência para executar tarefas práticas, de desconhecimento da realidade rural pelos egressos das escolas de Ciências Agrárias e pela falta de atualização dos agentes de extensão (Olinger, 1998, p.75 e 76).

Para Olinger (1998, p. 75 e 76), essa tendência é um erro de visão, pois o nível cultural da maioria dos agricultores familiares brasileiros ainda não é suficiente para interpretar mensagens visuais e/ou auditivas de modo a levá-las à prática com eficácia. Por outro lado, uma avaliação realizada pelo autor dos efeitos do programa televisivo Globo Rural conclui ser ele um bom *motivador*, pois leva o produtor rural a procurar soluções para seus problemas junto aos serviços de extensão, secretarias de agricultura e outros meios de informação. Nenhum método, diz Olinger, é mais eficaz do que a presença física do agente de extensão na propriedade do agricultor, para que ele aprenda a fazer, em contato direto com os que sabem fazer, na prática.

Duarte (2005) postula que a nova perspectiva em comunicação e extensão rural no país vem sendo desenhada já há alguns anos pela emergência de diversos movimentos sociais, especialmente aqueles que envolvem agricultura e meio ambiente, que buscam investir o agricultor de poder, “empoderá-lo”, para tomar decisões de forma consciente. Uma das principais causas dessa mudança é atenuação do isolamento característico do homem rural, ocasionada pelo próprio desenvolvimento econômico do campo e pelo avanço e popularização das tecnologias de comunicação. Hoje, “o agricultor não é mais um fazendeiro instalado em sua propriedade agrícola aguardando a presença de um extensionista ou ouvindo rádio para saber a melhor maneira de combater uma praga”, ele pode ter o mesmo acesso a cinema, teatro, vídeo, Internet que um morador da cidade, pode até mesmo, morar na cidade. Também proliferam novos atores agindo no espaço rural, os quais estão dispostos a estabelecer uma relação de comunicação com o

agricultor, como ONGs, grupos cooperativados, mercado de informação agrícola privada em *sites* da Internet e empresas de insumos que fornecem assistência técnica mediante compra de produtos. Tudo isso faz com que, segundo o autor, o paradigma dominante da comunicação de massa seja substituído pela comunicação interpessoal e por acordos organizacionais.

Também os estudos de comunicação e extensão rural - e por consequência sua prática- vêm passando por transformações consideráveis nos últimos dez anos, conforme análise de Callou (2004, p. 6). Para ele, essas transformações são consequência da influência dos estudos sobre desenvolvimento local, da disseminação dos estudos culturais ingleses nas pesquisas em comunicação da América Latina e das novas concepções sobre o rural brasileiro, as quais enlaçam atividades agrícolas e não agrícolas (como turismo, culinária e artesanato, por exemplo) num mesmo território agrário. É conveniente ressaltar que os estudos culturais latino-americanos são citados por muitos pesquisadores como uma das principais influências para a mudança de paradigma na comunicação/extensão rural, por contrariarem a própria idéia de passividade do receptor, incluírem a de mediação na recepção midiática e a de hibridização da cultura rural e urbana, folclórica e popular, popular e massiva, e assim por diante (ver Jesús Martín-Barbero, 1987 e Néstor García-Canclini, 1995).

Atualmente, a extensão rural é mais comumente compreendida, no Brasil, como "...difusão, transferência ou vulgarização de técnicas de trabalho, produção e comercialização, úteis e sustentáveis, aos produtores rurais, por meio de métodos educativos" (Olinger, 1998, p. 7). Já a comunicação rural pode ser definida como "o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural. Os meios e canais através dos quais aqueles fluxos circulam podem ser de natureza pessoal (formal ou informal), como no caso das visitas mútuas, das reuniões, das feiras e exposições, das festas e velórios, como de índole impessoal, quando se empregam meios de comunicação, tais como jornal, rádio, revistas, cartazes, cinema e audiovisuais" (Bordenave, 1988, p.7).

A explanação realizada até aqui mostra que, ao longo da segunda metade do século XX, as concepções acerca do papel social da extensão e da comunicação rural mudaram consideravelmente. De uma perspectiva manipuladora, persuasiva,

focada na difusão de tecnologia, passou-se a outra mais educativa, promotora da autonomia do agricultor e centrada no desenvolvimento rural como um todo, isto é, não só de seus aspectos tecnológicos, mas também produtivos, comerciais, econômicos e sociais. Do mesmo modo, a crença no poder ilimitado da comunicação de massa deu lugar a uma visão mais moderada, na qual são levados em conta a cultura, os saberes, os interesses do homem rural. Isso não significa que os meios de comunicação já não têm espaço nas atividades de comunicação rural; pelo contrário, eles continuam sendo muito utilizados, tanto que certos autores, como citado acima, reclamam do excesso de uso de veículos comunicativos nessa área. O que já não tem espaço atualmente é idéia de que sozinhos, ou seja, sem as relações presenciais entre agricultores e entre estes e extensionistas, os veículos de comunicação serão capazes de promover com eficiência o desenvolvimento do meio rural tal como é esperado. Os meios ficam, e provavelmente ficarão, relegados à função de apoio ao contato pessoal na extensão agrícola.

Como introduzido no início desta seção, estratégias de comunicação dirigidas ao meio rural também podem ser executadas por cooperativas agrícolas e, quando isso acontece, entram em cena novos preceitos (que atuam complementarmente aos da comunicação rural), os quais caracterizam a comunicação cooperativa. Na verdade, comunicação cooperativa é aquela executada por instituições que adotam esse regime organizativo, sejam elas voltadas à agropecuária, ao artesanato, à habitação, à educação ou a qualquer outro ramo. O que ocorre com as histórias de vida analisadas neste estudo é que elas são dirigidas ao meio rural e produzidas por uma cooperativa, o que faz com que nelas sejam percebidas características dessas duas áreas. Assim, cabe apresentar também alguns aspectos importantes relacionados à comunicação cooperativa, como seu público e seus princípios de atuação.

1.1.2 Comunicação cooperativa

As primeiras associações cooperativas surgiram oficialmente em 1844 em Rochdale, Manchester, na Inglaterra, reunindo tecelões interessados em buscar alternativas de trabalho para sua sobrevivência. A definição de cooperativa fornecida pela OCB (Organização das Cooperativas do Brasil) é a de “uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e

necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida". Os princípios do movimento cooperativista são praticamente os mesmos em todo o mundo e prevêem adesão voluntária e livre; gestão democrática e livre; participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, formação e informação; intercooperação e interesse pela comunidade.

Bialokorski Neto (2005) explica, resumidamente, que a missão fundamental outorgada à economia empresarial cooperativa é a de servir como intermediária entre o mercado e as economias dos cooperados para promover o incremento desta, podendo promover também a integração do produtor à cadeia produtiva. As sociedades cooperativas são caracterizadas como sociedades de pessoas em que há a agregação inicial do fator de produção/trabalho, sendo que, nas assembleias gerais, cada associado tem apenas o direito a um único voto. Atualmente, há cooperativas em vários setores da economia e estas se subdividem nos chamados ramos ou segmentos, como o agropecuário, que é a associação de produtores rurais, o habitacional, que é a associação com o intuito da construção de unidades habitacionais, o de trabalho, que é a associação de profissionais, cujo propósito é prestar serviços, ou, ainda, o de saúde, o de serviços, o mineral, entre outros.

No Brasil, as cooperativas agropecuárias são as mais representativas em número de associados e produção econômica. Conforme a OCB, o ramo agropecuário é composto de produtores rurais e pescadores cujos meios de produção pertencem ao próprio associado. Essas cooperativas geralmente cuidam de toda a cadeia produtiva, desde o preparo da terra até a industrialização e comercialização dos produtos.

O princípio cooperativista de *educação, formação e informação* é, hoje, viabilizado aos associados das cooperativas agropecuárias através de diversos meios de comunicação, tais como jornal, revista, rádio, reuniões e encontros. Na estrutura das cooperativas, explica Pereira (1999), são tradicionalmente responsáveis por esse trabalho os departamentos de comunicação e educação, os quais também têm respondido pela comunicação voltada ao mercado, ao divulgar a imagem institucional, produtos e serviços da empresa. Para ele, tem igualmente sido papel dos departamentos de comunicação e educação das cooperativas implantar e manter a democracia participativa em todas as relações dentro da empresa, o que é

uma tarefa desafiadora nesses tempos em que a competição mercadológica tem recebido prioridade com relação à função social das cooperativas.

No início da década de 70, a comunicação social passou a ser explorada mais intensamente pelo movimento cooperativista brasileiro, especialmente no ramo agropecuário, quando o país vivia o auge das grandes produções agrícolas para exportação. Nessa época, surgiram os primeiros jornais direcionados aos produtores rurais associados. Os objetivos iniciais da comunicação cooperativa eram, além de criar um canal de comunicação entre as aspirações dos associados e as deliberações da direção, incentivar o hábito de leitura na zona rural e desenvolver um veículo para a defesa dos anseios do agricultor, principalmente do pequeno, quase sempre marginalizado das decisões oficiais (Rossato apud Maio, 2004).

Poderíamos acrescentar que, hoje, ainda, entre as atribuições da comunicação cooperativa voltada ao meio rural estão a transferência de tecnologia para o campo, a mobilização dos agricultores para a adoção dessas tecnologias, a promoção da integração entre associados e instituição, a legitimação e defesa do próprio sistema cooperativo, entre outras incumbências. Dessa relação de incumbências, podemos observar que, enquanto as duas primeiras estão ligadas à comunicação rural, as duas últimas dizem respeito à comunicação cooperativa. Promover a integração entre associados e cooperativa, bem como defender o sistema cooperativista, são estratégias para a manutenção da própria instituição. Afinal, os agricultores devem sentir-se motivados a permanecerem associados à cooperativa e, para isso, por meio da comunicação social, a instituição divulga uma imagem positiva de si e do sistema cooperativista, bem como procura “agradar” o associado, publicando entrevistas e fotografias suas. Outras formas de integração podem ser realizadas pessoalmente, por meio de eventos festivos ou reuniões de trabalho e estudo.

Para Maio (2004), a comunicação cooperativa é ainda mais abrangente que o jornalismo rural porque seu conteúdo vai além das informações técnicas, políticas, econômicas e sociais que afetam a vida do homem do campo: ela inclui a defesa dos princípios cooperativistas. Assim, textos que divulgam o intercâmbio entre cooperativas, a relação de igualdade entre cooperados (um homem, um voto), as iniciativas de educação cooperativista, a suposta transparência de gestão são comuns nos jornais dessas organizações.

A comunicação cooperativa também pode ser considerada uma alternativa de comunicação rural, desde que os comunicadores não percam a sintonia com os objetivos primordiais dessa área: fomentar o diálogo com o produtor rural para que, juntos, possam promover mudanças sociais que garantam mais qualidade de vida ao homem do campo (Maio, 2004). Porém, em muitos jornais de cooperativa (impressos ou não), os objetivos relacionados à comunicação rural superam os referentes à divulgação da cooperativa e do cooperativismo, de modo que poderíamos também classificar a comunicação cooperativa não como uma alternativa de comunicação rural, mas como uma subcategoria, um segmento integrante, um ramo desta.

O cooperado, principal alvo da comunicação cooperativa, tem certas particularidades como público. Uma delas é que, ao associar-se, o indivíduo passa a ser dono da cooperativa, apesar de nem sempre ter consciência disso (Maio, 2004). Ao mesmo tempo em que é dono, também é fornecedor e consumidor, uma vez que entre os deveres do associado está o de ser fiel à instituição, dando a ela exclusividade na venda de sua produção agrícola e na compra de insumos, combustíveis e, até mesmo, alimentos industrializados. É, portanto, dono e leitor do jornal da instituição.

Outra característica do público da comunicação cooperativa é a de este ser relativamente homogêneo do ponto de vista econômico, social e cultural. Como as cooperativas têm uma atuação limitada geograficamente e também economicamente, elas acabam reunindo em seu quadro de associados pessoas com interesses, trabalho e situação financeira parecida. A proximidade espacial, por sua vez, também facilita uma maior semelhança cultural. É o caso da cooperativa agropecuária da região oeste de Santa Catarina da qual tratamos neste estudo. Desse modo, ao invés de lidar com um público médio, à maneira dos veículos de comunicação autônomos, o profissional da comunicação cooperativa tem nas mãos uma certa uniformidade de pensamentos, de sentimentos e de situação social que facilita seus diagnósticos e intervenções.

Tal uniformidade vai estar presente no gênero história de vida, vai emergir dos relatos dos agricultores. Essa característica pode constituir um fator decisivo na aceitação desse gênero textual por parte de seu público, já que a semelhança com o outro é capaz de despertar um sentimento de identificação nos leitores.

Em um amplo estudo sobre os departamentos de comunicação e educação de sete cooperativas agropecuárias do oeste de Santa Catarina, realizado no final

da década de 90, Pereira (1999) constata que existe uma tendência mais técnica tanto na comunicação com os associados quanto na com o público externo. Nessas instituições, ganhou espaço a comunicação voltada para a tarefa de mostrar a empresa cooperativa para o mercado, procurando apresentar da melhor forma a imagem da organização e os seus produtos aos demais segmentos sociais, potenciais consumidores. Perdeu espaço a comunicação que se preocupa com a educação dos associados, baseada no pressuposto de que as relações democráticas internas são fundamentais para definir a posição da cooperativa no mercado e na sociedade.

Com relação aos meios utilizados para a comunicação entre associados e cooperativas, Pereira (1999) observa que o rádio continua tendo grande importância na comunicação rural, devido à facilidade de acesso ao veículo e à linguagem simplificada e estreitamente ligada à tradição de comunicação oral dos agricultores. A televisão, por sua vez, tem peso muito pequeno na comunicação cooperativa, em razão dos seus altos custos, a ponto de não existir (na época da pesquisa) nenhum programa regular de cooperativas nesse meio.

O autor também vislumbra o declínio do jornal impresso, que “possivelmente nunca esteve em alta”, devido à baixa escolaridade dos produtores rurais, à falta do hábito de leitura, às dificuldades para a inteira compreensão da mensagem escrita e ao seu baixo poder aquisitivo. Uma esperança para a comunicação escrita seriam os jovens rurais, que vêm apresentando grau de escolaridade mais elevado, mas que, por outro lado, são as principais vítimas do êxodo rural. Já a Internet é, para Pereira, uma alternativa viável de comunicação com o campo, ainda que pouco difundida até o momento.

De fato, parece paradoxal que instituições como as cooperativas agropecuárias que, muitas vezes, trabalham com indivíduos de baixa escolaridade, tenham a tradição de produzir jornais impressos e dirigi-los a seus associados. No entanto, poderíamos citar pelo menos três razões que explicam esse fenômeno e que vão, em certa medida, de encontro à visão pessimista de Pereira quanto ao futuro da comunicação cooperativa rural. A primeira razão para a insistência na produção de veículos impressos é o fato de eles contribuírem para a difusão de uma boa imagem da cooperativa, já que não só agricultores terão acesso ao jornal, mas outras pessoas da comunidade. As páginas impressas também facilitam a venda de publicidade, pois o anunciante pode ver onde será publicado seu anúncio e conferir

depois, diferentemente do que ocorre com o rádio, em que esses processos são menos palpáveis. A terceira razão para a circulação de veículos impressos é que as dificuldades de leitura dos agricultores, pelo menos na região oeste de Santa Catarina, são contrabalançadas pela utilização de grande número de figuras nos textos e pela possibilidade de esclarecer dúvidas com vizinhos, parentes (especialmente esposa e filhos, geralmente com maior grau de instrução) ou com os próprios extensionistas rurais. Dessa forma, é possível que os jornais rurais continuem circulando e até aumentem sua importância na medida em que cresce o grau de escolaridade dos agricultores.

Pelo exposto, podemos concluir que as atividades de comunicação em uma cooperativa agropecuária estão focadas, ao mesmo tempo, no desenvolvimento do campo e no desenvolvimento da cooperativa. Por isso, conceitos e práticas típicas da comunicação rural, como a difusão de informações agrícolas, andam lado a lado com a ideologia cooperativista e com estratégias empresariais de publicidade.

Neste estudo, a descrição dos processos comunicativos voltados ao meio rural se justifica pela necessidade de conhecer tais dinâmicas para poder compreender o gênero história de vida em seus aspectos temáticos e contextuais. Agora, torna-se necessária uma teorização sobre os gêneros textuais, especialmente sobre os gêneros jornalísticos, a fim de discutir o que os estudos na área da comunicação social e da lingüística destacam a respeito do fenômeno. Também é conveniente a explanação sobre os diferentes conceitos que a expressão história de vida recebe nas ciências humanas, com o objetivo de esclarecer a escolha da nomenclatura do gênero aqui analisado.

1.2 Gêneros jornalísticos

Nos estudos da comunicação social, autores conflitam no momento de definir qual fenômeno deve ser chamado de gênero jornalístico. Isto é, nem sempre pesquisadores da comunicação nomeiam de *gênero* materializações discursivas, como uma reportagem, uma notícia ou um editorial. Alguns consideram gêneros as diferentes áreas da atividade laboral, de modo que teríamos os gêneros informativo, o opinativo e o interpretativo, entre outros, cada um deles composto por aquilo que a lingüística chama de gêneros textuais, como notícias, reportagens, editoriais, etc. Além disso, existe discordância também quanto à nomenclatura de certos gêneros (o

que alguns chamam de nota outros podem chamar de notícia) e à definição sobre se um determinado fenômeno lingüístico pode ser ou não considerado um gênero autônomo (o perfil é considerado por alguns um gênero autônomo enquanto por outros um subtipo de reportagem).

Desses dois últimos problemas compartilha a definição das histórias de vida analisadas neste estudo. Por isso, cabe uma discussão mais detalhada sobre o conceito de gênero jornalístico do ponto de vista dos estudos da comunicação social.

As diferenças sobre a noção de gênero jornalístico no campo da comunicação são acentuadas pelos diversos significados atribuídos à palavra *gênero* na língua portuguesa. Sem sair das ciências sociais e humanas, temos os gêneros sociais, gramaticais, literários, retóricos e outros, além, evidentemente, dos jornalísticos e textuais. Por designar “um conjunto de espécies que apresentam características comuns convencionalmente estabelecidas” (Ferreira, 19-, p. 682), o termo *gênero* acaba sendo utilizado para a denominação das mais diversas situações, as quais, muitas vezes, integram um mesmo campo de estudo, gerando uma certa confusão conceitual.

Bonini (2003, p. 4), ao fazer um levantamento na bibliografia que circula na área da comunicação, a fim de entender como ela concebe os gêneros jornalísticos e quais destes têm mais representatividade nesse meio, conclui que há uma mescla de tratamento teórico e prático do fenômeno da linguagem, o que leva a uma flutuação do conceito de gênero nas diferentes obras.

Segundo ele, de modo geral, muitos textos que tratam do tema, além de bastante desatualizados, são construídos como uma espécie de compêndio de dicas, privilegiando procedimentos práticos ao debate acadêmico e tratando o gênero como parte da técnica jornalística. Na verdade, é comum que os autores enfatizem o ensino da técnica jornalística (coleta de informações, o trato com as fontes, organização das informações, relato, composição do jornal), tomando como eixo da explicação a notícia. Também são privilegiados aspectos como categorias do jornalismo (opinativo, informativo, interpretativo, etc.); trabalho nas editorias (política, economia, cultura, etc.), trato com as fontes e com as agências de notícias, objetividade, neutralidade, veracidade, credibilidade (Bonini, 2003, p.4).

Essas categorias do jornalismo a que se refere Bonini também são, muitas vezes, chamadas de gêneros. Observando o quadro 1, identificamos a divisão da

atividade jornalística em jornalismo informativo, interpretativo e opinativo. Alguns autores em vez de a expressão “jornalismo opinativo, interpretativo e informativo” utilizariam “gênero opinativo, interpretativo e informativo”. Além disso, acrescentariam o “gênero divertencial”, que engloba textos como o resumo das novelas, piadas, dicas de filmes, as variedades e algumas espécies humorísticas, ainda que essa categoria não seja tão legitimada nos círculos acadêmicos (Marques de Melo, 1997, p.32-35).

BELTRÃO	MELO
Jornalismo Informativo 1. Notícia 2. Reportagem 3. História de interesse humano 4. Informação pela imagem	Jornalismo Informativo 1. Nota 2. Notícia 3. Reportagem 4. Entrevista
Jornalismo Interpretativo 5. Reportagem em profundidade	Jornalismo Opinativo 6. Editorial 7. Comentário 8. Artigo 9. Resenha 10. Coluna 11. Crônica 12. Caricatura 13. Carta
Jornalismo Opinativo 6. Editorial 7. Artigo 8. Crônica 9. Opinião ilustrada 10. Opinião do leitor	

Quadro 1-Classificações de Beltrão e Melo para os gêneros do jornal (Bonini, 2003, p.5).

Já no quadro 2, constatamos que categorias que a lingüística nomeia de “gênero” Chaparro trata por “espécies”.

Gênero COMENTÁRIO		Gênero RELATO	
Espécies argumentativas	Espécies gráfico-artísticas	Espécies narrativas	Espécies práticas
1. Artigo 2. Crônica 3. Cartas 4. Coluna	1. Caricatura 2. Charge	1. Reportagem 2. Notícia 3. Entrevista 4. Coluna	1. Roteiros 2. Indicadores 3. Agendamentos 4. Previsão do tempo 5. Cartas 6. Orientações úteis

Quadro 2-Classificação de Chaparro para os gêneros do jornal (Bonini, 2003, p.5).

Conforme Bonini (2003, p.4), os gêneros textuais mais citados nos estudos de jornalismo são a notícia, a reportagem, a entrevista e o editorial. Para ele, o aspecto flutuante dos gêneros se revela quando esses textos tomam a notícia e a

reportagem como mesmo gênero ou uma pela outra. O conceito de gênero, diz ainda, é empregado de modo intuitivo e a variedade abordada é pequena e sempre restrita aos textos mais típicos do meio. Conclui, então, que tais obras “pouco podem nos informar sobre os vários gêneros que compõem o jornal”.

Com o desenvolvimento das comunicações, que leva ao surgimento de novos meios, surgem também novos gêneros comunicativos, que costumam ser rotulados a partir dos velhos ou tratados simplesmente por “matéria”. Ou seja, embora um texto noticioso-interpretativo veiculado na Internet seja relativamente distinto de um texto noticioso-interpretativo veiculado em um jornal impresso, a tendência será tratar os dois por reportagem, fazendo-se, talvez, uma distinção entre reportagem para Internet e reportagem para o jornal impresso. Do mesmo modo, é comum no meio jornalístico, a utilização do superordenado “matéria”, que serve para designar qualquer gênero que envolva coleta de informações (a notícia é uma matéria, o editorial não), inclusive aqueles que, por suas características, não se enquadram, de forma evidente, em um gênero já conhecido.

Outra crítica de Bonini é a de que, ao se construir uma tipologia tomando por base apenas os traços que a linguagem revela, como pode ser verificado no quadro 2, quando Chaparro divide as espécies em argumentativas, narrativas e gráfico-artísticas, desconsidera-se o uso efetivo que o sujeito faz de tais características. Segundo ele, o sujeito social e lingüisticamente ancorado escreve/fala ou lê/ouve uma carta ou uma notícia, mas não uma descrição ou uma narração, que são características internas da linguagem sobre as quais se tem pouca consciência. O gênero entendido como uma categoria abstrata e geral diz muito pouco sobre a ocorrência efetiva da linguagem em um meio social (Bonini, 2003, p.6).

Por fim, o autor conclui que grande parte da literatura da área da comunicação trabalha com um conceito de gênero já ultrapassado em outros campos do debate acadêmico. Além disso, a metodologia aristotélica (com tipologias abstratas), muitas vezes utilizada, oferece poucas respostas quanto à compreensão de objetos de linguagem em meios sociais específicos. Essa literatura, esclarece o autor, oferece uma rica quantidade de rótulos relativos aos gêneros e às atividades com gêneros, embora se tenha que desenvolver critérios de seleção para escolher com quais se quer trabalhar (Bonini, 2003, p.13).

Ao estudar a compreensão dos jornalistas acerca dos gêneros textuais com que trabalham, Bonini (2002, p.79 e 80) chega à conclusão de que, embora possa

parecer lógico que os estudos científicos devam fornecer as diretrizes de trabalho dos jornalistas e que haja uma co-alimentação desses estudos com a prática profissional, isso acontece em um grau muito inferior ao imaginado. Os estudos científicos têm um papel secundário no estabelecimento dos gêneros jornalísticos, porque a prática jornalística exige respostas imediatas e estratégias retóricas eficazes para a sobrevivência do próprio jornal. Por isso, na bibliografia da área, há menos preocupação em ensinar estruturas textuais e mais em desenvolver senso crítico sobre a produção jornalística (2002, p. 79-80).

Além disso, segundo Bonini (2002, p.96-97), os rótulos atribuídos aos gêneros, quase em sua totalidade, giram em torno do contexto prático em que os textos são utilizados cotidianamente; logo, a função social é o primeiro critério de identificação de um gênero. Em outras palavras, os jornalistas tentam atribuir rótulos que mapeiam situações comunicativas, independentemente das partes estruturais que possam caracterizar os gêneros. O pesquisador também explica que os movimentos retóricos baseados em conteúdo não são relatados pelos jornalistas, ao que parece, a partir do esquema cognitivo do gênero, mas do esquema cognitivo de determinados fatos do mundo (p.144).

Assim, quando o jornalista sai a campo para cobrir um fato, ele não pensa, inicialmente, se tal fato será descrito na forma de uma notícia, de uma reportagem, de uma nota, de uma entrevista ou de qualquer outro gênero. O jornalista coleta as informações, realiza as entrevistas e fotografa ou filma o acontecido, para depois analisar o que tal fato “rende”, isto é, ele avalia se o fato despertará interesse do público ou não; se há muitas ou poucas informações; se as entrevistas coletadas podem ser descritas na íntegra ou não; se as fotos têm qualidade, e assim por diante. Por exemplo: um fato muito interessante, passível de ser desdobrado e transformado em uma reportagem, se limitará a uma notícia, caso não haja boas fotografias para ilustrá-lo.

Da mesma maneira, ainda que um jornalista conclua que certo fato pode render uma reportagem, o profissional, no momento de redigi-lo, não se baseará em um modelo retórico de reportagem previamente e rigorosamente definido, mas fará a narração dos fatos conforme eles se apresentaram na realidade ou conforme lhe parecer mais adequado.

Se no campo jornalístico a noção de gênero textual ainda não é muito clara, na lingüística, seu conceito já é relativamente consensual, e o que se discute é a

melhor nomeação para o fenômeno. De acordo com Rojo (2005, p. 185 e 186), os grupos que tratam os gêneros por *discursivos* são aqueles que se centram no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos; enquanto os grupos que preferem a denominação *gênero textual*, concentram-se na descrição da composição e da materialidade lingüística dos textos. Todos, contudo, adverte a autora, acabavam por fazer descrições de gêneros, de enunciados ou de textos pertencentes ao gênero. As duas vertentes, também, encontram-se enraizadas nas leituras da herança bakhtiniana.

Para Bakhtin (1992, p.279), os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados que se ligam a diferentes esferas da atividade humana. Segundo ele, ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero pode levar o estudo lingüístico à abstração, desvirtuar sua historicidade e enfraquecer o vínculo existente entre língua e vida. O autor propõe, em suma, uma concepção dialógica para o estudo dos gêneros, na qual o seu contexto de produção e consumo tem grande relevância.

Para Swales (1990, p. 58), um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos de comunicação. Tais propósitos são reconhecíveis por membros especialistas da comunidade discursiva de origem. Além dos propósitos comunicativos, exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida. Se todas essas expectativas são realizadas, o exemplar será visto como um protótipo por sua comunidade discursiva de origem.

Autores como Miller (1984) e Bazerman (2005) têm reafirmado essa perspectiva em suas obras, inclusive, aplicando o conceito de gênero textual (e seus exemplos concretos) ao ensino de língua e retórica. De acordo com Miller (1984, p. 159), gêneros são ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes. Por constituirem uma ação social, os gêneros nos ajudam a entender melhor as situações nas quais nos encontramos e as possibilidades de sucesso na ação conjunta (Miller, 1984, p. 165). Já Bazerman (2005, p.22-34) argumenta que os processos de tipificação contribuem para criar padrões comunicativos que fazem com que a mensagem seja mais facilmente compreendida pelas pessoas. Essas formas tipificadas emergem como gêneros textuais. De acordo com o autor (2005, p.149), por sua relação com o contexto, o estudo dos gêneros é importante para o indivíduo, levando-o a se relacionar melhor com o mundo que o cerca, como no caso

de um iniciante em um ramo da atividade laboral, que vai conhecer e “vestir” um novo sistema discursivo.

Por fim, destaca-se a constatação de Marcuschi (2002, p. 19 e 20) de que os gêneros textuais surgem emparelhados às necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com as inovações tecnológicas, de modo que, nos últimos séculos, foram as novas tecnologias, especialmente as ligadas à comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais.

Com relação aos métodos de análise dos gêneros, nos limitaremos a descrever aquele que foi utilizado neste estudo, o qual parte da concepção de que os gêneros são produzidos com objetivos comunicativos mais ou menos definidos e refletem em grande medida as práticas que os subjazem, de modo que é possível depreender dos textos os movimentos retóricos que os compõem.

1.2.1 Movimentos retóricos

Swales (1990) não chegou a descrever claramente os procedimentos empregados na análise do gênero em seu estudo sobre artigos acadêmicos. No entanto, em um modelo idealizado sobre o gênero, denominado CARS - Creating A Research Space, descreve o modo como o escritor procede para produzir uma introdução de artigo de pesquisa. Esse modelo pode ser visualizado no quadro 3.

MOVIMENTO 1: ESTABELECER TERRITÓRIO		
Passo 1- Estabelecer a importância da pesquisa	e/ou	↓ Diminuindo o esforço teórico
Passo 2- Fazer generalizações quanto ao tópico	e/ou	
Passo 3- Revisar a literatura (pesquisas prévias)		
MOVIMENTO 2: ESTABELECER O NICHO		
Passo 1A- Contra-argumentar	ou	↓ Enfraquecendo os possíveis questionamentos
Passo 1B- Indicar lacuna/s no conhecimento	ou	
Passo 1C- Provocar questionamento	ou	
Passo 1D- Continuar a tradição		
MOVIMENTO 3: OCUPAR O NICHO		
Passo 1A- Delinear os objetivos	ou	↓ Explicitando o trabalho
Passo 1B- Apresentar a pesquisa		
Passo 2- Apresentar os principais resultados		
Passo 3- Indicar a estrutura do artigo		

Quadro 3- Modelo de introdução de artigos científicos em inglês (Swales, 1990, p. 141)

Como, nesse modelo, a organização do texto é apresentada sempre em relação ao ponto de vista do produtor/escritor, o quadro acima descreveria, então, algo como um conjunto de estratégias que o cientista põe em marcha para produzir seu texto (Bonini apud Kindermann e Bonini, 2006, p. 40).

A divisão em movimentos e passos demonstra que a inovação metodológica desse modelo está na forma como pretende depreender a estrutura de uso da linguagem, considerando os aspectos da prática discursiva subjacente ao texto e não só comparando diferentes exemplares do mesmo gênero, a fim de identificar similaridades. O gênero passa a ser apresentado como uma prática ou representação da prática, tanto que sua descrição é realizada por meio de verbos (estabelecer, revisar, delinear, etc.) indicativos de uma ação de linguagem. Cada subparte do gênero constitui uma sub-ação que o falante/escritor executa para chegar a uma ação de linguagem global, correspondente ao gênero como um todo (Kindermann e Bonini, 2006, p. 43).

O modelo metodológico de Swales foi aplicado por Kindermann e Bonini (2006) em reportagens do Jornal do Brasil. O estudo identificou quatro subgêneros da reportagem e seus respectivos movimentos retóricos e passos. Os subgêneros encontrados são: *A reportagem como aprofundamento da notícia*, *A reportagem a partir de entrevista*, *A reportagem de pesquisa* e *A reportagem de retrospectiva*. A *reportagem de aprofundamento* da notícia é aquela que desmembra ou dá seqüência a fatos noticiados anteriormente, o que na literatura jornalística é conhecido por “suíte”. A *reportagem a partir da entrevista* utiliza as opiniões de um ou mais entrevistados, pessoas consideradas aptas para falar do assunto, para comentar um determinado fato. *Reportagem de pesquisa* é a denominação dada ao subgênero em que o repórter procura contextualizar ao máximo o fato motivador, fornecendo causas, consequências, dados, opiniões, comparações, etc. Por fim, a *reportagem retrospectiva* pode tanto comparar um fato com outro semelhante como descrever as causas do fato atual.

Os autores, ao comentarem a realização da sua pesquisa, alertam sobre a dificuldade de delimitar-se o gênero textual escolhido, no sentido de que, em um jornal, por exemplo, não é facilmente identificável qual texto constitui uma reportagem, uma notícia, uma coluna, entre outros gêneros. Afinal, embora os gêneros sejam unidades reconhecíveis pelos membros da comunidade em que circulam, nem sempre eles estão claramente definidos, seja devido às semelhanças

estruturais de muitos deles, às constantes mudanças que sofrem ou à falta de necessidade, para a comunidade leiga, de uma distinção muito precisa.

No caso do jornalismo, como vimos na seção anterior, nem mesmo os próprios profissionais conhecem ou chegam a um consenso no momento da definição dos gêneros textuais com que trabalham. Esse fato sim pode ser problemático, pois ele dificulta o aprendizado dos iniciantes na área, bem como o entendimento entre os profissionais. Nesse sentido, se o modelo de Swales permite visualizar as práticas que motivam e organizam os gêneros e foi útil para a descrição e ensino de gêneros acadêmicos, como artigos (Swales, 1990) e resenhas (Motta-Roth, 2002), é possível que também seja útil na descrição e no ensino de gêneros jornalísticos, contribuindo para a superação das dificuldades acima destacadas.

A falta de padronização na nomenclatura dos gêneros jornalísticos é um dos problemas que encontramos ao selecionarmos as histórias de vida como gênero a ser estudado. Tal gênero era tratado, por seus produtores, como “entrevista” ou “matéria” e, na literatura da comunicação social, não há referência a nenhum gênero jornalístico sob a denominação ‘história de vida’. Essa expressão é, por sua vez, utilizada para designar uma técnica de coleta de dados, como observamos a seguir.

1.2.2 Histórias de vida como gênero textual

Com relação às histórias de vida, não encontramos na literatura, nem da lingüística, nem da comunicação, a referência a elas como um gênero jornalístico. Encontramos sim, um gênero semelhante, o perfil, que o Manual de Redação e Estilo de *O Globo* define como “a reportagem sobre uma pessoa”, da qual fazem parte depoimentos dela própria e de pessoas conhecidas, bem como observações do repórter sobre gestos e hábitos observáveis no comportamento do entrevistado (*O Globo*, 1992, p. 28). O perfil, no entanto, não exige que os fatos descritos façam parte do passado, nem que figurem entre os mais relevantes da vida do indivíduo.

Na literatura jornalística, a história de vida é considerada um tipo de entrevista mais “humana”. Segundo Medina (2000), as entrevistas jornalísticas costumam constituir uma espécie de enfrentamento entre repórter e entrevistado, pois este, freqüentemente, tem medo do que pode ser feito com aquilo que disse, uma vez que a imprensa tende a distorcer os depoimentos, espetacularizando-os, focando aspectos negativos, desmembrando as frases de seu contexto, entre outros

processos pouco éticos. Além disso, as pessoas consultadas pelos jornalistas costumam ser as chamadas “fontes oficiais”, especialistas de cada área sempre dispostos a “aparecer no jornal”. Desse modo, não são contempladas as pessoas comuns, que têm tanto histórias para contar quanto capacidade para comentar fatos que vivenciaram ou observaram. A história de vida, como técnica de coleta, permitiria a participação dessas pessoas normalmente excluídas da mídia, bem como possibilitaria que os fatos fossem abordados sob a perspectiva da vivência humana, comum, e sem desvirtuamentos voltados ao sensacionalismo.

Santos (199-, p. 2-4), tratando das pesquisas historiográficas, também define a história de vida como uma técnica de coleta de informações que, junto com as entrevistas e os depoimentos, faz parte da história oral. Ele caracteriza a história de vida como um processo em que o entrevistado conta os fatos sob seu ponto de vista e de forma bastante livre, sem uma organização cronológica, muitas vezes relatando o passado a partir do presente, o que faz com que toda história de vida, para que seja recontada, tenha que passar por um processo posterior de reorganização efetuado pelo entrevistador. Também destaca que, no momento da entrevista, as lembranças são ordenadas pelo entrevistado com o intuito de conferir um sentido à vivência do sujeito que narra sua história. Essa característica, associada ao fato de que, como ressalta Bosi (2004), a recordação acaba se configurando em uma função social exercida pelos mais velhos, já que vivem em um tempo em que suas produções já não são mais significativas para a sociedade, fazendo com que eles se debrucem sobre um passado idealizado, torna os feitos do passado quase sempre superdimensionados em relação ao seu real aspecto.

Referindo-se às ciências sociais, Hagquette (1992, p. 80) explica que a história de vida não representa uma autobiografia em termos convencionais, porque quem conduz a seleção de temas é o entrevistador e não o entrevistado, como também não constitui, nem pura realidade, nem pura ficção, já que respeita e distorce ao mesmo tempo os fatos do mundo real.

Pela descrição realizada acima, observamos que a história de vida é concebida, tanto nos estudos de comunicação quanto nos de história e de ciências sociais, como técnica de coleta de informações, sem nenhuma referência muito evidente a um gênero jornalístico que a esse processo estivesse associado, embora as informações coletadas sob essa técnica resultem em um gênero, seja ele um relatório, um diário, uma entrevista. No entanto, as noções acerca da técnica história

de vida se aproximam muito mais das observadas no gênero tratado neste estudo do que noções encontradas na conceituação do gênero textual perfil, apresentado pelo Manual de *O Globo*. Entre essas noções, estão a aproximação das histórias de vida com a ficcionalidade, a interpretação da realidade sob um ponto de vista muito particular, a reescrita que o entrevistador efetua depois da entrevista e o fato de esse tipo de entrevista ser aplicada quase que exclusivamente a pessoas mais velhas.

Tendo sido discutidas conceitos e categorias referentes aos gêneros jornalísticos, passa a ser necessária a discussão sobre a configuração lingüística desses gêneros. Essa abordagem será feita a partir da perspectiva da Lingüística Sistêmico-Funcional e da Teoria da Valoração, em que serão considerados o conteúdo ideacional, os índices de avaliação e as vozes do discurso jornalístico.

1.3 Contexto e metafunções

A Lingüística Sistêmico-Funcional procura estudar a linguagem na sua relação com a estrutura social, partindo da idéia de que o falante dispõe de um sistema a partir do qual faz uma série de escolhas para se comunicar nas variadas situações sociais. Para tanto, a teoria leva em consideração, em suas análises, não só o texto, local da materialização lingüística, como também o contexto. Halliday (1997, p. 10) conceitua texto como uma instância da linguagem que está tomando parte em algum contexto de situação, seja qual for o meio de expressão pelo qual ele se concretize. O texto é essencialmente uma unidade semântica (e não um conjunto de sentenças ou uma sentença de tamanho ampliado), que constitui um processo e um produto. É um produto na medida em que ele é de alguma forma material, podendo ser retomado, estudado, recordado, pelo locutor ou pelo interlocutor; e é um processo porque é um contínuo de escolhas semânticas, um movimento através da rede de significados potenciais.

Já o contexto é apresentado por Halliday (1997, p. 5-7) como algo que antecede o texto e pode ser dividido em contexto de situação e contexto de cultura. O primeiro compreende o ambiente em que o texto é produzido e o segundo se refere a toda a história cultural de determinado grupo social, história que determina a própria natureza do código. O conhecimento de ambos os contextos é necessário para o entendimento de um texto.

Os contextos são de extrema importância para a Lingüística Sistêmico-Funcional, pois é através deles que os participantes são capazes de fazer predições sobre os significados que estão envolvidos na interação. Assim, ao ler um texto, obteremos pistas que nos ajudam a identificar o possível contexto de situação em que ele foi produzido. Do mesmo modo, ao conhecermos um determinado contexto de situação, podemos fazer inferências sobre que textos ele poderá produzir (Halliday, 1997, p.36 e 37)

O autor (1997, p. 12) propõe que o contexto de situação seja analisado a partir de três estruturas: campo, relações e modo do discurso. O campo (*field*) se refere à natureza da atividade social em questão, seus atos e objetivos, descreve o que está acontecendo. As relações (*tenor*) se referem aos participantes, aos papéis que eles assumem nessa atividade. E o modo (*mode*) diz respeito ao papel da linguagem nessa atividade, à organização simbólica do texto, a sua função no contexto, ao canal (fônico ou gráfico) e ao modo retórico, incluindo categorias como persuasivo, expositivo, didático e outras.

Com relação ao sistema lingüístico propriamente dito, Halliday (1998, p. 244) distingue três macrofunções ou funções da linguagem: a ideacional (dividida em experiencial e lógica), a interpessoal e a textual. De acordo com Freitas (2005, p.57-58), a função ideacional está relacionada ao campo do discurso e serve para a expressão do conteúdo, do assunto que está sendo abordado; a função interpessoal está ligada à variável de relações do discurso e reflete como os participantes da interação expressam suas visões do mundo, seus julgamentos, os papéis sociais em jogo, enfim, as identidades sociais de ouvintes e falantes; por fim, a função textual se vincula ao modo do discurso e diz respeito ao estabelecimento de relações entre as frases, à organização do texto, que permite que o falante possa produzi-lo e o leitor compreendê-lo.

As três funções, conforme Cabral (2002, p. 9), originam os três modos de analisar um texto: a interpessoal trata o texto como se fosse um diálogo, envolvendo os modos de interação entre participantes; a textual analisa a organização da informação distribuída em tema e rema; e a ideacional analisa processos, participantes e circunstâncias.

Vinculada à categoria relações, foi desenvolvida a Teoria da Valoração. Essa teoria, como explica White (2000-), buscou uma compreensão mais sutil da semântica discursiva de tal categoria, como as consequências retóricas e de posicionamento social que se associam às variadas opções que oferece a léxico-gramática.

Interessa-nos, nessa teoria, particularmente, o sistema de atitude, que passamos a detalhar na seqüência.

1.4 O sistema de atitude

A Teoria da Valoração é um projeto de investigação ainda em curso, que foi desenvolvido a partir de um trabalho realizado nos anos 80 e 90, para o projeto *Write it Right*, que atendia escolas marginais ou com desvantagens da Austrália. Nesse projeto, os pesquisadores buscaram os requerimentos de lecto-escrita para diferentes domínios do discurso, como a ciência, a tecnologia, a mídia, a história e a literatura. Tornou-se necessário, então, investigar em que contextos, por quais meios lingüísticos e com que objetivos retóricos os escritores comunicavam juízos de valor, atribuíam proposições a fontes externas ou modalizavam seus enunciados (White; 200-; Martin e White, 2005, p. 7 e 8)

Para a teoria, a linguagem é um sistema semiótico estratificado que envolve três ciclos de codificação em diferentes níveis de abstração. Desses níveis, os mais concretos são o da fonologia e o da grafologia, seguidos do nível da léxico-gramática e, por último, do da semântica do discurso, como podemos ver na figura 1. Na verdade, os níveis mais altos não estão simplesmente acima dos mais baixos, os primeiros utilizam-se dos segundos para concretizarem-se lingüisticamente.



Figura 1- Estratos da linguagem (Martin e White, 2005, p. 9).

A valoração estaria situada no nível mais alto, o da semântica do discurso. O quadro 4 detalha essas relações, incluindo as categorias de análise lingüística que compõem cada uma das três grandes áreas. As setas indicam em que áreas este estudo está situado.

Registro	Semântica do discurso	Léxico-gramática	Fonologia
Relações (tenor) <i>Poder/status</i> <i>Solidariedade/ contato</i>	<p><i>Negociação</i> -funções do discurso - mudança</p> <p><i>Valoração</i> engajamento - atitude afeto julgamento apreciação -gradação</p> <p><i>Envolvimento</i> - nominalização - tecnicidade -abstração -antilinguagem - insultos</p>	<p>-modos verbais <i>tagging</i></p> <p>léxico avaliativo - verbos modais - adjuntos modais - polaridade - numeração - intensificação - repetição - maneira/ extensão - lógico- semântica - vocativos</p> <p>- nomes próprios - léxico técnico - léxico especializado - gíria - tabu lexical - metáfora gramatical</p>	<p>- tom (e chave)</p> <p>- altura do som - qualidade da voz - fonestesia</p> <p>- acento - sussurro - acrossemia <i>pig latins</i> - escritas secretas</p>

Quadro 4- Semântica interpessoal em relação à léxico-gramática e à fonologia (Martin e White, 2005, p. 35)

Como salientado anteriormente, a Teoria da Valoração, na Lingüística Sistêmico-Funcional, se situa na categoria relações. Os autores incluem nessa categoria, além do sistema de valoração, dois outros, o de negociação e o de envolvimento. O sistema de negociação está interessado nos aspectos interativos do discurso, nas suas funções. O sistema de envolvimento concentra-se especialmente sobre aspectos de solidariedade, isto é, a atuação da linguagem na formação de grupos, como por exemplo através de gírias, léxicos especializados e outras variações. Por fim, o sistema de valoração busca compreender como falantes/escritores utilizam a linguagem para realizar avaliações sobre coisas, pessoas, fatos. A figura 2 ilustra a organização desses sistemas.

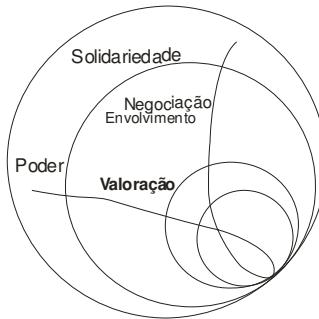


Figura 2- Sistema semântico interpessoal e variáveis de relações (adaptado de Martin e White, 2005, p. 34).

O sistema de valoração se divide em três partes: atitude, engajamento e graduação. A atitude inclui sentimentos, reações emocionais, julgamentos sobre o comportamento de pessoas e avaliações a respeito de coisas ou fatos. O engajamento se refere ao papel das vozes em torno das opiniões ativadas no discurso. Já a graduação diz respeito ao estabelecimento de graus através dos quais os sentimentos serão amplificados ou minimizados (Martin e White, 2005, p. 35). Cada categoria apresenta subdivisões próprias, como podemos ver no quadro 5. É importante fazer a ressalva, porém, de que, para facilitar a apresentação da teoria, o esquema abaixo subdivide as categorias de forma rigorosa, quando, nas manifestações lingüísticas, elas se encontram fortemente relacionadas.

Sistema de Valoração						
Atitude			Engajamento		Gradação	
Afeto	Julgamento	Apreciação	Contração dialógica	Expansão dialógica	Força	Foco

Quadro 5- Organização esquemática da Teoria da Valoração

Neste trabalho, delimitaremos o estudo à noção de atitude, e dentro dela, mais particularmente, à categoria denominada julgamento. É importante, contudo, realizar um breve esboço das outras duas categorias que, junto com a de julgamento, compõem a atitude: as categorias de afeto e apreciação. Isso possibilitará a realização de comparações oportunas ao longo da análise, que contribuirão para a compreensão do próprio conceito de julgamento.

O afeto lida com recursos para a construção de reações emocionais, como, por exemplo, sentimentos positivos ou negativos em relação a um evento, pessoa, fato, fenômeno, etc. Em uma sentença como *Os terríveis eventos da semana*

passada nos deixaram com sentimentos- em ordem de ocorrência- de horror, angústia, ira, e agora, um desânimo geral, observamos a adoção de uma postura sentimental (*horror, angústia, ira, desânimo*) diante de determinado fenômeno (*terríveis eventos da semana passada*), de modo que o falante indica como esse fenômeno o afetou emocionalmente (Martin e White, 2005, p. 35).

A apreciação, por sua vez, trabalha com recursos para a construção de valores acerca de coisas, incluindo fenômenos naturais e processos (Martin e White, 2005, p. 36). Em Martin, 2004, temos um exemplo possível:

Ele [o jaguar tipo-E] é uma obra prima do estilo, com proporções dramáticas, porém perfeitamente calculadas e bem-elaboradas...

No enunciado acima, o falante avalia um evento sem demonstrar afeto explicitamente. Embora se subentenda que ele *gostou* do jaguar tipo-E, o falante preferiu utilizar uma expressão lingüística que não evidencia esse sentimento. Diríamos, então, que ele preferiu uma apreciação a um índice de afeto.

O julgamento diz respeito apenas a avaliações comportamentais de seres humanos, que estão baseadas em princípios normativos (Martin e White, 2005, p. 35-36). Um enunciado que expressa julgamento é

Os escolhidos para representar a Austrália deveriam não só ser talentosos, mas deveriam estar acima da crítica. Espera-se que a prática do esporte ensine honra, fair play, trabalho em equipe, liderança e habilidades sociais.

Nesse exemplo (extraído de Martin, 2004), os futuros representantes políticos da Austrália estão tendo sua conduta avaliada com base em valores sociais específicos considerados importantes para um governante naquele país.

O julgamento se distingue da apreciação porque aquele avalia comportamentos humanos, enquanto esta valora construtos mais abstratos, como planos políticos, objetos manufaturados e objetos naturais. Os humanos também podem ser ‘apreciados’ em lugar de ‘julgados’, em ocasiões em que são tratados mais como entidades do que como participantes, se considerarmos sua aparência estética e não seu papel social. Em outras palavras, quando dizem respeito a

pessoas, avaliações estéticas são consideradas apreciações, e avaliações éticas, julgamentos (White, 200-).

Embora os valores de afeto, julgamento e apreciação sejam tratados em separado, ao efetuar-se uma aplicação da teoria aos textos, facilmente percebemos que essa separação não é tão nítida assim. Isso também foi percebido por White (2004), que considera as três categorias fundamentalmente interligadas, na medida em que todas têm a ver com a expressão de ‘sentimentos’. A diferença, diz ele, é que a fundamentação desses sentimentos varia ao longo dos três modos, pois, no afeto a ação da emoção é indicada de forma direta, como reações incidentais e personalizadas de sujeitos humanos a algum estímulo; enquanto no julgamento e na apreciação, esses sentimentos são apresentados como qualidades inerentes ao fenômeno avaliado em si. Assim, *Ele foi cruel ao deixar o gato na chuva* ancora a avaliação nas reações momentâneas e individuais do falante, mas *Aquele é um belo quadro* ancora a avaliação nas propriedades ‘objetivas’ do fenômeno avaliado. No caso do julgamento, os sentimentos são reconstruídos como propostas sobre a forma correta de comportamento e, no caso da apreciação, como proposições sobre o valor das coisas.

A próxima seção detalha os valores de julgamento.

1.4.1 Julgamento

Martin e White (2005, p. 52) explicam que, no julgamento, entramos na região da construção de significados envolvendo as atitudes das pessoas e o comportamento que elas têm. Passamos a fazer algo semelhante a avaliar o seu caráter. Os autores dividem os julgamentos em aqueles que lidam com estima social e aqueles que lidam com sanção social. Os primeiros têm relação com normalidade (quão usual alguém é); capacidade (quão capaz alguém é) e tenacidade (quão resoluto alguém é). Já os segundos se relacionam à veracidade (quão verdadeiro alguém é) e à propriedade (quão ético alguém é).

A estima social tende a ser controlada na cultura oral, através de conversas, fofocas, piadas e histórias de variados tipos, especialmente aquelas que envolvem humor, uma vez que o humor, freqüentemente, tem a função de realizar críticas.

Compartilhar valores nessa área é fundamental para a formação de redes sociais (família, amigos, colegas, etc.).

A sanção social, por outro lado, é mais comumente codificada na escrita, através de decretos, regras, regulamentos e leis, que dispõem sobre como o comportamento é vigiado pelo Estado ou pela Igreja. A sanção social tem como sustentáculo as penalidades ou punições contra aqueles que não cumprem o código. Compartilhar valores nessa área, portanto, faz com que sejam cumpridas obrigações civis e observações religiosas.

Os julgamentos de sanção social, explica White (200-), abrangem questões de legalidade e moralidade. Da perspectiva religiosa, contrariar uma sanção social pode ser considerado um pecado. Da perspectiva legal, um crime. Assim, contrariar uma sanção social é arriscar-se ao castigo legal ou religioso, por isso, o termo *sanção*. Os julgamentos de estima social, por seu turno, implicam avaliações segundo as quais a pessoa julgada terá uma estima mais alta ou mais baixa em sua comunidade, mas essas valorações não têm implicações legais ou morais. Desse modo, os valores negativos de estima são considerados disfuncionais ou inadequados, são desaconselhados, mas não são avaliados como pecados ou crimes.

No julgamento, tanto quanto nas outras categorias atitudinais, é possível reconhecer avaliações positivas e negativas, isto é, características que a sociedade admira ou reprova. No entanto, os autores ressaltam que é muito difícil, por exemplo, construir uma lista com palavras que expressam esses valores, até porque um item lexical pode ter seu sentido alterado pelo contexto em que aparece (Martin e White, 2005, p.52). Além disso, segundo White (200-), dado que o julgamento está fortemente determinado por valores culturais e ideológicos, na análise dos meios de comunicação em outros contextos culturais que não os ocidentais, de língua inglesa e provenientes de setores da classe média, como os utilizados para a construção da teoria, não se devem aplicar necessariamente as mesmas subcategorias.

Os quadros 6 e 7 resumem as categorias propostas pela Teoria da Valoração para a análise do julgamento.

Estima social		Positiva (admiração)	Negativa (crítica)
	Normalidade (É especial ou não?)	Sortudo, felizardo, encantador, normal, natural, familiar, frio, estável, predizível, atualizado, avançado....	Infeliz, excêntrico, estranho, peculiar, errático, impredizível, retrógrado, obscuro...
	Capacidade (É capaz ou não?)	Poderoso, vigoroso, robusto, saudável, atlético, adulto, maduro, experiente, engracado, inteligente, sensível, lúcido, centrado, educado, competente...	Lento, fraco, simplório, desajeitado, imaturo, infantil, tolo, estúpido, neurótico, insano, ingênuo, ignorante, incompetente, improdutivo....
	Tenacidade (É tenaz ou não?)	Bravo, heróico, paciente, cauteloso, cuidadoso, meticoloso, perseverante, resoluto, confiável, leal, constante, flexível, adaptável...	Tímido, covarde, impaciente, impetuoso, caprichoso, descuidado, fraco, desleal, inconstante, obstinado, irresponsável...

Quadro 6- Julgamento: estima social (Martin e White, 2005, p. 53).

Sanção social		Positiva (elogio)	Negativa (condenação)
	Veracidade (É honesto ou não?)	honesto, sincero, verdadeiro, franco, direto, discreto...	Desonesto, falso, impostor, manipulador, enganador...
	Propriedade (É ético ou não?)	Bom, moral, ético, respeitador de leis, justo, sensível, modesto, humilde, polido, altruísta, generoso, caridoso...	Mau, imoral, corrupto, injusto, insensível, cruel, vão, arrogante, rude, des cortês, irreverente, mesquinho...

Quadro 7- Julgamento: sanção social (Martin e White, 2005, p. 53).

Apesar de a maneira mais evidente de expressar uma avaliação ser através do léxico utilizado, especialmente com o uso de adjetivos, é possível que índices de julgamento sejam ativados nos textos por meio de realizações implícitas.

De acordo com Martin e White (2005, p. 62), a seleção de significados ideacionais pode ser suficiente para invocar avaliações na ausência de léxico atitudinal que indique explicitamente quais sentimentos devem ser ativados pelo leitor. No entanto, ao considerarmos que realizações implícitas são possíveis, dizem os autores, cria-se um problema analítico, pois introduzimos um indesejável elemento de subjetividade na análise. Por outro lado, se descartássemos a possibilidade de realizações implícitas, estaríamos afirmando que o autor, ao efetuar a seleção ideacional de significados, não está levando em consideração os sentimentos que ela poderá despertar em seu leitor, o que é uma postura insustentável. Além disso, segundo White (2004), esse tipo de análise também não

levaria em conta a interação, muitas vezes crucial em termos retóricos, entre avaliações explícitas e implícitas.

Assim, em uma frase como “*George W. Bush fez seu discurso de posse como o presidente dos Estados Unidos que recebeu 537.000 votos a menos que seu oponente*” (exemplo extraído de White, 2004), não há nada explicitamente avaliativo, mas o enunciado tem o potencial de evocar avaliações de injustiça, impropriedade, ilegitimidade nos leitores que compartem uma dada noção de democracia, de processo eleitoral, de representação popular no governo. Essas avaliações implícitas pressupõem normas sociais compartidas e estão fortemente sujeitas à posição do leitor, que interpretará os índices de julgamento de um texto de acordo com seu próprio posicionamento ideológico e cultural (White, 2004).

Como exemplo da interação entre avaliações implícitas e explícitas, os autores (p. 63 e 64) apresentam um exame da arte indígena, em que um crítico avalia pinturas indígenas que recobrem as portas de uma escola na comunidade Yendumu, na Austrália. Ele as aprecia como *espetaculares, notáveis e principal façanha da arte internacional*, bem como considera *modesta* a sugestão do diretor. Desse modo, estabelece uma prosódia de avaliação positiva, que é reforçada pelas avaliações explícitas positivas de afeto (*excitação, interesse, satisfação, orgulho*).

Em 1986, o novo diretor da escola (Mr. Terry Lewis) trouxe considerável excitação para a comunidade Yendumu por seu interesse e apoio à tradicional cultura e linguagem Warlpiri. Uma de suas mais modestas sugestões foi a de fazer o visual da escola menos “europeu”, encarregando um homem mais velho de pintar as portas da escola com desenhos tradicionais. Os resultados foram mais espetaculares do que qualquer um imaginaria.

Tanto moradores europeus quanto aborígines de Yendumu sentiram considerável satisfação e orgulho pela façanha. Visitantes da comunidade estavam igualmente entusiasmados, e comentários sobre essas notáveis pinturas começaram a se espalhar. Minha própria reação foi a de ver essa proeza como a principal da arte internacional contemporânea, bem como uma façanha da cultura indígena. Para mim, estas portas lembram publicações e imagens negociadas nas galerias de arte de Sydney, Paris e Nova Iorque.

Fora de contexto, os termos *façanha, proeza e façanha* descrevem essas portas de maneira não-atitudinal, isto é, como simples nominalizações em torno de uma atividade realizada. Talvez essa seja a leitura mais plausível para *façanha* na primeira vez em que ocorre. Mas como o texto se desenrola e a prosódia de apreciação positiva vai sendo desenvolvida, o leitor é guiado para uma interpretação

atitudinal, de modo que, na segunda vez em que a palavra *façanha* é utilizada, comparando as portas a publicações e imagens do círculo internacional da arte, não há dúvida sobre a apreciação positiva que a seleção ideacional do texto está encarregada de invocar. A atitude explícita, em outras palavras, inicia e reforça, a prosódia que orienta leitores nas suas avaliações do material ideacional não-atitudinal apresentado pelo texto (Martin e White, 2005, p. 63-64).

O quadro 8 demonstra como a interação entre índices explícitos e implícitos também pode ocorrer entre as diferentes categorias que compõem a atitude. Em enunciados em que os participantes são explicitamente julgados de acordo com um papel social, uma apreciação implícita de suas façanhas pode ser reconhecida. Similarmente, em enunciados em que uma atividade é explicitamente apreciada, pode estar implícito um julgamento sobre quem a realiza.

Julgamentos explícitos e apreciações implícitas	
Ele revelou-se um jogador fascinante	<i>Foi uma partida fascinante (impacto)</i>
Ele revelou-se um jogador esplêndido	<i>Foi uma partida esplêndida (qualidade)</i>
Ele revelou-se um jogador equilibrado	<i>Foi uma partida equilibrada (equilíbrio)</i>
Ele revelou-se um jogador simples	<i>Foi uma partida simples (complexidade)</i>
Ele revelou-se um jogador inestimável	<i>Foi uma partida inestimável (valor)</i>

Apreciações explícitas e julgamentos implícitos	
Foi uma partida mediana	<i>Ele jogou medianamente (normalidade)</i>
Foi uma partida decisiva	<i>Ele jogou decididamente (capacidade)</i>
Foi uma partida corajosa	<i>Ele jogou corajosamente (tenacidade)</i>
Foi uma partida honesta	<i>Ele jogou honestamente (veracidade)</i>
Foi uma partida responsável	<i>Ele jogou responsavelmente (propriedade)</i>

Quadro 8- Interação entre índices atitudinais implícitos e explícitos (Martin e White, 2005, p. 68).

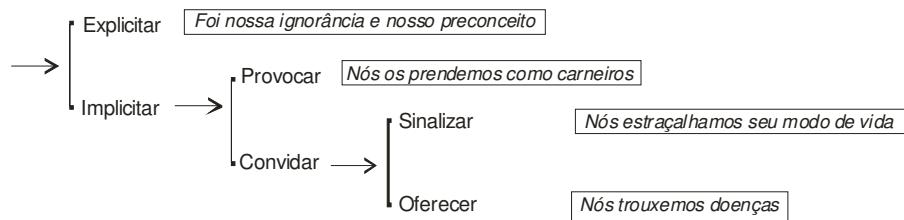
Martin e White (2005, p. 65) se referem também à linguagem conotativa, como um artifício eficiente para provocar uma resposta atitudinal nos leitores. As figuras de linguagem, portanto, também são formas de realização implícita de avaliação, as quais dependem do contexto cultural dos participantes do ato comunicativo para sua adequada interpretação. Como exemplo, os autores fornecem o seguinte fragmento, em que o julgamento e o afeto são provocados pela metáfora.

John Howard disse que ele sabe o quanto vulneráveis as pessoas se sentem nestes tempos de mudança econômica. Ele não sabe. Para eles, estar se sentindo vulnerável equivale a um homem que já tem seu braço arrancado por um leão, e senta na esquina, pega seu cotoco de braço e espera para que o leão termine de comer e venha para cima dele de novo. Isso é algo mais que vulnerabilidade. É injúria, e choque, e medo, e fúria... (Ellis, 1998).

Intensificações também são indicativas de valores de avaliação, porque elas graduam um processo, e a graduação é um aspecto característico do vocabulário atitudinal. Uma palavra com sentido denotativo como *quebrar*, por exemplo, pode ser intensificada de vários modos e em vários graus: *demolir, destruir, desmontar, derrubar, despedaçar, destroçar*, etc. Então, exemplificam os autores, quando o primeiro ministro usa a palavra *estraçalhar*, em seu discurso de Redfern Park, para caracterizar o tratamento da cultura indígena pelos invasores europeus, realiza um julgamento negativo sobre o comportamento desses invasores (Martin e White, 2005, p.65).

A linguagem conotativa, concluem, têm o efeito de intensificar sentimentos e, assim, pode ser comparada a recursos de intensificação classificados como *força* na categoria *gradação* (Martin e White, p. 67).

O esquema 3 sintetiza as possibilidades de expressão dos índices de atitude em um texto.



Esquema 3 - Estratégias para implicitar (ou inscrever) e explicitar (invocar) atitude (Martin e White, 2005, p. 67).

As avaliações explícitas, especificamente as de julgamento, são determinantes para a classificação das vozes do discurso jornalístico. A (im)possibilidade de realização de julgamentos de estima ou sanção social pelo jornalista, por sua vez, está relacionada aos diversos gêneros jornalísticos e ao grau de opinião que cada um deles permite. Essa discussão fará parte da seção seguinte.

1.4.2 As vozes do discurso jornalístico

A observação de textos noticiosos da mídia impressa inglesa em seu contexto usual de publicação nos jornais fez com que Martin e White (2005) identificassem algumas taxonomias para os gêneros e atividades ligadas ao jornalismo já utilizadas pelos profissionais da área. Essas taxonomias são indicadas por classificações como “notícia”, “análise”, “opinião” e “comentário”, e elas têm, inclusive, locais específicos de publicação no jornal. Por exemplo, é habitual que seções designadas como de “notícias” precedam aquelas denominadas “comentário” ou “opinião”, embora a distinção não seja sempre mantida.

Se, por um lado, argumentam os autores, observa-se que essas classificações dos gêneros e atividades jornalísticas não são consistentes com respeito aos aspectos lingüísticos, por outro, é possível associá-las a certas regularidades no uso de recursos avaliativos. Essa constatação levou à identificação de classificações que originaram as chamadas vozes jornalísticas: a voz do repórter e a voz do escritor (Martin e White, 2005, p. 164 e 165).

A expressão *voz do repórter* foi utilizada devido à forte associação entre essa voz e o papel do jornalista de reportagem geral, cuja função é mais tipicamente associada à cobertura de notícias propriamente dita. Já a denominação *voz do escritor* se deve ao fato de o senso comum fazer distinções entre a cobertura de notícias realizada pelo repórter, a qual tem um caráter mais descritivo, roteirizado, burocrático, e algo menos roteirizado, mais individualizado, cuja escrita está associada com análise, comentários e interesses humanos (Martin e White, 2005, p. 169). Posteriormente, a voz do escritor foi dividida em *voz do correspondente* e *voz do comentarista*.

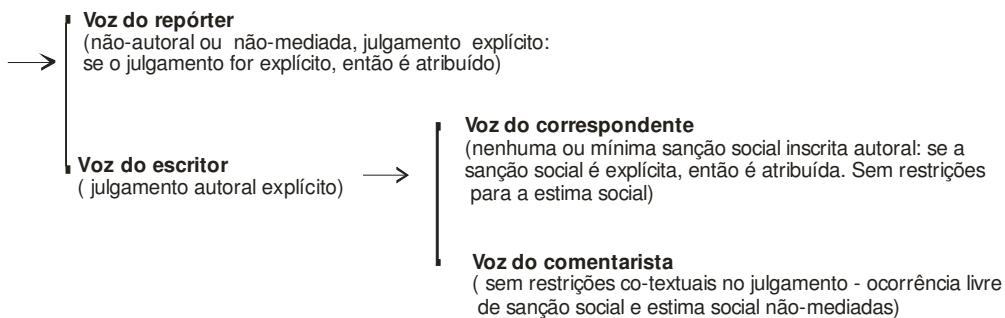
Na voz do repórter, os valores de julgamento manifestados no texto são sempre mediados através da atribuição, isto é, o autor jornalista nunca é a fonte imediata da avaliação, ele a atribui a uma fonte externa, ao contrário do que acontece na voz do comentarista.

Na voz do comentarista, um amplo repertório de valores atitudinais é exposto sem uma aparente necessidade de se fazer referências a fontes externas. Nesse caso, os textos jornalísticos são construídos pelo autor de acordo com seus interesses, e a linguagem está cheia de valores atitudinais. Essa voz é tipicamente encontrada em gêneros como comentários, coluna de opinião e editoriais. São

aqueles textos em que não há restrições para nenhum valor de julgamento, isto é, qualquer valor, seja de estima ou de sanção social, pode ocorrer em situações não-mediadas, sem atribuição da avaliação a fontes externas (Martin e White, 2005, p. 168-170).

A voz do correspondente, por sua vez, ocorre mais tipicamente em páginas de análise de notícias, páginas de educação, de conhecimentos e na cobertura de notícias políticas. Nesses textos, do mesmo modo que na voz do comentarista, o jornalista faz julgamentos, mas ao contrário dela, está limitado a um pequeno repertório de valores. Por outro lado, é semelhante à voz do repórter com respeito à manifestação explícita de sanção social, que só ocorre quando atribuída a fontes externas. Em suma, a voz do correspondente caracteriza aqueles textos em que os valores de julgamento de estima social ocorrem em contextos não-mediados, mas os valores de julgamento de sanção social ocorrem somente em contextos de atribuição. Assim, o autor julga a normalidade, a capacidade ou a tenacidade, mas não a veracidade ou a propriedade dos indivíduos (Martin e White, 2005, p. 169 e 170).

O esquema 4 resume as características das três vozes presentes no discurso jornalístico.



Esquema 4 - Sistema de vozes jornalísticas (Martin e White, 2005, p. 173).

Para os padrões de afeto e apreciação, contudo, as características das vozes jornalísticas não são equivalentes às do padrão de julgamento, já que afeto e apreciação ocorrem com maior regularidade na voz do repórter (Martin e White, 2005, p. 174). Na verdade, explicam os autores (2005, p.177), a princípio, não são observáveis grandes diferenças no uso de índices de afeto nas diferentes vozes jornalísticas, até se atentar para quem é o autor dessa avaliação, isto é, se o

jornalista está descrevendo seu próprio estado emocional ou expressando o estado emocional dos participantes do evento que ele está relatando. No primeiro caso, o afeto é não-mediado e no segundo, mediado. A única situação em que há respostas afetivas do escritor ocorre na voz do comentarista, ou seja, nos textos que incluem fontes autorais explícitas de sanção social.

Uma outra relação interessante de ser observada é aquela que acontece entre vozes jornalísticas e o ato de dar ordens. Segundo Martin e White (2005, p. 179), o ato de ordenar por parte dos autores somente ocorre naqueles textos que também realizam julgamentos de sanção social. Portanto, ordens autorais somente ocorrem na voz do comentarista e, quando acontecem na voz do repórter ou na do correspondente, são atribuídas a fontes externas.

A alta probabilidade de que textos que contêm ordens autorais também contenham julgamentos de sanção social pode ser explicada por diferenças nos objetivos retóricos dos textos. Muitos enunciados com voz de comentarista objetivam persuadir o leitor da necessidade de alguma ação a ser tomada e, por isso, fazem uso de ordens autorais. Em contraste, textos com voz do repórter e até do correspondente não objetivam persuadir, mas relatar ou descrever, assim, eles não possuem ordens autorais (Martin e White, 2005, p. 180).

Assim, do referencial teórico da Lingüística Sistêmico-Funcional, selecionamos a categoria analítica campo para a análise do conteúdo ideacional que envolve o gênero história de vida. Da Teoria da Valoração, especificamente, optamos por centrar nosso estudo sobre o sistema de atitude e, nele, enfocar os índices de julgamento e as vozes do discurso jornalístico. Passemos agora à metodologia utilizada na análise das histórias de vida.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Esta pesquisa consiste em um estudo qualitativo, voltado à descrição do gênero textual história de vida. A opção por esse gênero textual se deveu a três fatores. O primeiro deles é a sua originalidade, pois é difícil encontrarmos gêneros semelhantes em veículos jornalísticos. Outro fator é o papel persuasivo que ele exerce, uma vez que as narrativas aparentemente despretensiosas têm forte influência sobre seu público para a adoção de posturas de interesse da instituição que produz o jornal. Por fim, o resgate histórico que tal gênero jornalístico produz, tendo em vista as transformações sócio-culturais que se observam no oeste do estado de Santa Catarina e os poucos estudos históricos que se ocupam dessa região.

A seguir, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a análise do objeto.

2.1 Coleta de dados

A coleta de dados para este estudo ocorreu “em duas frentes de trabalho”, uma delas voltada à análise lingüística, mais especificamente das expressões de julgamento, das vozes jornalísticas e dos movimentos retóricos, e outra às condições de produção e consumo do gênero história de vida. Para a análise do texto das histórias de vida, construímos um corpus com 23 exemplares do gênero, que correspondem ao total publicado no ano de 2005 pelo jornal JR.

Já para o estudo das condições de produção e consumo, utilizamos técnicas de coleta características das ciências sociais, quais sejam, a realização de observação participante e a aplicação de entrevistas. Essas duas técnicas podem ser definidas, segundo Hagquette (1992), respectivamente, como a participação do pesquisador no grupo que investiga e a interação entre duas pessoas, em que uma delas visa a obter informações a partir de um roteiro de perguntas mais ou menos preestabelecido.

A observação participante, nesta pesquisa, consistiu no acompanhamento da produção do jornal, durante os dias 15 a 30 de julho de 2005, na Cooperativa C. Nesse período, participamos do trabalho de seleção da pauta, da realização de

entrevistas e coleta de informações, da redação dos textos, da produção das fotografias e infogravuras, da diagramação e venda de publicidade.

Com relação às entrevistas, uma delas foi realizada com o diretor da assessoria de imprensa que produz JR e outras cinco com agricultores associados à cooperativa CR, que são também leitores do jornal. A entrevista com o diretor centrou-se na descrição do funcionamento do jornal, das atividades da assessoria, da história de JR, dos conceitos que subjazem a produção do seu conteúdo e dos objetivos de tal publicação, especialmente das histórias de vida. Essa entrevista foi gravada e posteriormente transcrita.

Já as entrevistas com os agricultores envolveram seus hábitos de leitura, preferências temáticas, opiniões sobre as histórias de vida e sobre o jornal, entre outros aspectos relacionados ao consumo dos textos. Ao contrário da anterior, essas entrevistas não foram gravadas, devido ao constrangimento gerado por gravadores e câmeras nesse público, que se envergonha da dificuldade de expressar-se corretamente em língua portuguesa, em razão da baixa escolaridade e da influência dos sotaques dos dialetos (alemães, poloneses e italianos) nos quais foram socializados. Optamos, então, por anotar as respostas. Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente e abordados no momento em que visitavam as instalações da cooperativa para a realização de negócios.

Optamos por investigar a configuração lingüística do gênero ao lado de suas condições de produção e consumo porque consideramos que a linguagem é mais bem compreendida se relacionada ao seu contexto, já que esses dois aspectos são indissociáveis no momento da comunicação. Os exemplares do gênero, que correspondem ao ano de 2005, foram selecionados porque, além de constituírem publicações recentes, equivalem ao período da realização das entrevistas e da observação participante, a fim de que o estabelecimento de relações entre os dados obtidos pelas diversas formas de coleta pudesse ter coerência temporal.

A seguir apresentamos os procedimentos utilizados para a análise das entrevistas, da observação participante e das histórias de vida.

2.2 Passos da análise das entrevistas e da observação participante

O primeiro passo visando à compreensão das condições de produção e consumo de JR foi a descrição das etapas de produção do jornal tal qual verificadas

durante o período de observação participante. A partir dela, também pudemos descrever as relações entre público e produtores e entre produtores do jornal e a chefia da cooperativa.

A entrevista com o diretor do jornal, por sua vez, depois de transcrita, foi analisada segundo categorias estabelecidas com base nas informações nela contidas. Tais categorias são: história do jornal, produção e circulação, equipe produtora, assessoria de imprensa, o público do jornal, estratégias comunicativas e gênero história de vida.

As entrevistas com os associados foram organizadas em uma tabela em que as questões, bem como os dados pessoais dos entrevistados, estavam relacionadas às respostas de cada um. Essas entrevistas forneceram informações acerca dos hábitos de consumo dos produtores e de seus pareceres com relação ao jornal.

2.3 Passos da análise das histórias de vida

A análise do corpus, neste estudo, foi composta de seis passos, os quais estão apresentados nas seções abaixo.

2.3.1 Identificação dos movimentos retóricos das histórias de vida

Neste primeiro passo de análise, foram tomados os 23 exemplares do corpus e identificados e categorizados os movimentos retóricos que os compõem. Tivemos como contraponto para a realização dessa análise, a efetuada por Kindermann e Bonini (2006) em reportagens veiculadas pelo Jornal do Brasil. Os movimentos foram, então, associados às informações obtidas durante a observação das etapas de produção do jornal e por meio da entrevista com o seu diretor, de modo que pudéssemos justificar a existência de cada movimento.

2.3.2 Obtenção da lista de termos

No momento da definição da metodologia, supomos que a utilização de programas computacionais poderia contribuir para a descrição de, pelo menos, um aspecto do objeto, o campo (*field*) em que ele se insere e seu conteúdo ideacional, já que possibilitaria uma observação ampliada e detalhada do léxico que compunha

o gênero história de vida. Escolhemos, então, um desses programas, o *WordSmith*, desenvolvido por Mike Scott (Berber-Sardinha, 1999).

Desse programa, utilizamos as ferramentas *WordList* e *Concordance*. A primeira gera uma lista com as palavras presentes no corpus, indicando, entre outros índices, o de freqüência. A segunda gera uma lista de ocorrências de uma palavra, expressão ou morfema no contexto em que ocorre no corpus.

Inicialmente, utilizamos a *WordList* para o estudo do nosso corpus constituído pelas 23 histórias de vida. Optamos por descartar termos com menos de 3 letras, depois de termos observado no corpus que eles não teriam grande importância para o estudo, já que este objetiva compreender aspectos semânticos do gênero. A ferramenta apresentou, então, 3811 termos (*types*), isto é, *palavras distintas*. A freqüência dos termos variou de 425 a 1. É importante lembrar que, neste estudo, estamos interessados apenas nas palavras distintas e não no número total de palavras do corpus (*tokens*).

O próximo passo foi o agrupamento dos termos em *lemmas*.

2.3.3 Agrupamento dos termos

Dos 3811 termos da lista, selecionamos aqueles que demonstravam possibilidade de agregação com outros de sentido semelhante. Assim, reunimos, em blocos, palavras de mesmo radical, como *família*, *familiar*, *familiares*, *famílias*. O que anteriormente chamamos de bloco recebe o nome técnico de *lemma*. Foram realizados, então, 82 *lemmas*.

Depois da agregação dos termos em *lemmas*, consideramos desnecessário ater-nos a palavras que tivessem recorrência menor ou igual a 5, pois sua pequena freqüência indicava que eles não tinham grande significância para o gênero história de vida.

Em seguida, agrupamos (“manualmente”, sem a ajuda do programa) os termos em categorias semânticas maiores, criadas em decorrência da análise e interpretação da listagem. Essas categorias são: *protagonista da história*, *família*, *posses*, *atividades agrícolas*, *cooperativa*, *processo de crescimento econômico do protagonista*, *comportamento do protagonista*, *ações do protagonista* e *processos vivenciados*.

Se inicialmente supúnhamos que o *WordSmith* contribuiria para a determinação do campo e da função ideacional das histórias de vida, ao final, por meio dele, mais especificamente por meio da ferramenta *WordList*, ainda pudemos averiguar se os itens lexicais ocorriam, em nosso corpus, na forma de adjetivos, substantivos ou outras categorias gramaticais, a fim de descobrir sob qual forma as avaliações eram realizadas nos textos das HV.

2.3.4 Análise das ocorrências dos termos em seu contexto

A partir da lista obtida com a *WordList* selecionamos alguns termos para a aplicação da ferramenta *Concordance*, a fim de identificar a ocorrência deles no seu contexto lingüístico. Solicitamos que a ferramenta nos indicasse os 5 termos que antecedem e sucedem o selecionado.

Escolhemos para essa análise, alguns termos com grande recorrência no gênero, conforme identificados na *WordList*, e outros que pudessem ter algum aspecto avaliativo ou ser acompanhados de alguma avaliação. Alguns exemplos de termos solicitados ao *Concordance* são: *alegria, acreditar, coragem, boa, bom, bem, avô, batalha, amizade, apesar, amor, associado, facilidade, exemplo, evolução, disposição, dificuldade, desbravar, dedicar, cooperativista, cooperativismo, sempre, nunca, novidade, mudança, lutar, melhor, gostar, líder, saudade, sabedoria, saúde, saudável, simplicidade, sócio, sofrimento, trabalho, sou, união, orgulho, pai, felicidade, força, grande, gente, preservar, produtor, pessoa, mudar e passar*.

A ferramenta *Concordance* permite ao operador que solicite, em vez de um termo, a ocorrência de um morfema ou expressão. Por exemplo, ele pode requerer o radical *simpl*, a partir do que obtém a ocorrência de palavras como *simplicidade, simples, simplório, simplesmente*, etc. Esse recurso também foi utilizado neste estudo.

2.3.5 Observação dos índices de julgamento

Com base nos dados obtidos por meio das ferramentas computacionais e da análise dos movimentos retóricos, concluímos que, em se tratando de linguagem avaliativa, as histórias de vida tinham seu conteúdo voltado à descrição da vida de pessoas, especialmente às suas atividades e aos seus valores. Por isso, decidimos

utilizar o referencial analítico da Teoria da Valoração, especificamente a categoria julgamento, que dá conta das formas de avaliação do comportamento dos indivíduos. Distinguimos, então, conforme propõe a teoria, os indicadores de estima e de sanção social, bem como as avaliações implícitas e explícitas presentes nos textos.

2.3.6 Exame das vozes jornalísticas

Uma vez conhecidos os índices de julgamento presentes nas histórias de vida e situados em suas respectivas categorias, passamos à identificação dos emissores dessas avaliações, isto é, começamos a investigar, no discurso das histórias de vida, quais vozes emitiam os julgamentos e em que categoria esses julgamentos se enquadravam. Essa distinção permitiu definir aquilo que a Teoria da Valoração chama de *chave avaliativa* ou *vozes do discurso jornalístico*, que ela divide em voz do repórter, voz do comentarista e voz do correspondente.

O próximo capítulo apresenta os resultados alcançados por meio dessa metodologia.

CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo está dividido em 4 subcapítulos: *Contexto das histórias de vida*, *Movimentos retóricos nas histórias de vida*, *Campo e função ideacional nas histórias de vida* e *Linguagem avaliativa nas histórias de vida*. Cada um deles procura organizar os resultados obtidos pelas diversas vias metodológicas em seções coerentes do ponto de vista dos objetivos desta investigação. Desse modo, os passos apresentados separadamente na metodologia podem ter suas informações unidas em uma única categoria explicativa ou vice-versa. Isso acontece particularmente na mescla entre dados contextuais e textuais, bem como dos resultados obtidos via ferramenta computacional e por meio da leitura e análise dos textos. Iniciaremos pela parte contextual.

3.1. Contexto das histórias de vida

Nesta seção, descreveremos as condições de produção, circulação e consumo das histórias de vida (doravante também chamadas HV) e do jornal em que elas são publicadas. Optamos pela denominação “Contexto” não porque consideramos que linguagem e contexto sejam fenômenos completamente diferentes e facilmente discrimináveis, mas porque os resultados aqui apresentados foram obtidos por meio de entrevistas e de observação participante. Nesta descrição, procuramos abordar tanto o contexto de situação quanto o contexto de cultura, conforme conceitos estabelecidos por Halliday (1997).

3.1.1 Produção do jornal

A primeira tentativa da cooperativa agropecuária CR de levar informações técnicas aos seus associados por meio de um veículo impresso ocorreu ainda na década de 70, quando foi produzido na instituição um folhetim mimeografado chamado *Alfabetando*. Na década seguinte, uma jornalista foi contratada para assumir a assessoria de imprensa da cooperativa e efetivamente desenvolver um jornal agrícola, com identidade e periodicidade bem definidas. No ano de 1987, nascia o jornal JR, que até hoje circula nas regiões extremo-oeste, oeste e planalto-norte catarinense.

Da publicação de 12 páginas, em preto e branco, impressa em papel jornal, JR foi transformado em um jornal de 40 páginas, colorido, impresso em papel couché. O refinamento da publicação, aliado a sua periodicidade mensal, faz com que, atualmente, o jornal seja chamado de *revista* por muitos de seus leitores. Outro fator que o torna muito semelhante ao modelo *magazine* é o fato de grande parte da publicação ser dedicada a matérias de grande extensão e com aprofundamento temático. Por outro lado, JR possui aspectos comuns aos jornais diários, tais como o tamanho, o formato tablóide e a palavra “jornal” estampada na capa.

Trabalham na produção de JR duas jornalistas e um administrador especialista em comunicação social, que é coordenador da assessoria de imprensa. A diagramação, montagem e venda de espaços publicitários são atividades terceirizadas. Além disso, em junho de 2005, foi instituída uma comissão editorial formada pelos cargos mais altos da cooperativa, que acompanha e determina os conteúdos veiculados na publicação. Essa comissão foi instalada devido à significativa independência que o jornal havia tomado em relação aos interesses da instituição; mais especificamente, JR estava publicando conteúdos econômica e ideologicamente desinteressantes à CR.

O jornal JR é auto-sustentável, ou seja, os gastos com a sua produção são totalmente resarcidos com a venda de anúncios. Por ser um veículo de grande circulação (cerca de 17 mil exemplares mensais) e dirigido a um público de difícil alcance para o marketing comercial (o homem rural), as páginas de JR são muito cobiçadas pelos anunciantes, especialmente por aqueles ligados à venda de produtos agrícolas e veterinários. Com relação a esse fato, recentemente, os produtores de JR têm enfrentado dois problemas principais. Um deles é o excesso de anúncios publicitários, que comprometem não só o espaço que deveria ser destinado às informações jornalísticas, mas também a própria credibilidade do jornal. Outro é a necessidade de redução do número de páginas da publicação e a supressão de conteúdos considerados desnecessários pela direção da cooperativa, o que aumenta ainda mais a proporção de publicidade no veículo.

Sobre a supressão de certos conteúdos no jornal, vale a pena entrar em maiores detalhes. A direção da instituição considera JR um veículo de difusão de informações técnicas relativas à agricultura e à pecuária. Logo, devem ser privilegiados pela publicação os conteúdos que contribuem para o aumento da produção e da produtividade do campo. Informações sobre higiene no manuseio de

produtos, novidades tecnológicas, decisões da cooperativa, técnicas eficientes de plantio, são alguns dos exemplos desse tipo de conteúdo. Porém, além dele, são mantidos pelo jornal seções não-técnicas, de temática mais humanitária ou integrativa, como, por exemplo, um espaço de variedades, no qual os leitores homenageiam amigos e parentes, mandam fotos, divulgam eventos, entre outras “amenidades”.

Essas e outras ‘amenidades’ deveriam ser suprimidas, de acordo com a comissão editorial, por não contribuírem para o objetivo da publicação, além de gerarem gastos extras. No entanto, a assessoria de imprensa crê que elas contribuem para a captação de leitores e para a criação de uma espécie de empatia entre instituição, veículo e público. Essa tensão envolve, não é difícil perceber, os diferentes valores e objetivos que a extensão rural tem assumido, ao longo dos anos, no contexto brasileiro, contrapondo modelos chamados difusãoistas a outros mais educativos e democráticos, conforme discussão apresentada na seção 1.1.

O trabalho de confecção do jornal inicia com o delineamento da pauta. Para determinar os temas a serem abordados, a equipe da assessoria de imprensa, inicialmente, consulta o corpo técnico da instituição, formado por médicos veterinários, engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas e outros profissionais que trabalham diretamente com os produtores rurais. Esses profissionais apontam mudanças nas normativas agrícolas, novidades tecnológicas, dicas para a nova safra, entre outros temas que precisam ser reforçados ao produtor rural.

Muitas pautas também são enviadas à assessoria, tanto por funcionários da instituição quanto pelos próprios agricultores. Existe interesse de ambos os grupos em “aparecer no jornal”, seja para difundir sua imagem profissional, para divulgar seus negócios ou, simplesmente, para alcançar um momento de fama. Também disputam espaço em JR as diversas filiais da instituição. Assim, gerentes e funcionários de cada filial cobram dos jornalistas que realizem matérias com produtores rurais da sua região de atuação. Especialmente aqueles de regiões mais distantes (como o planalto-norte, que fica cerca 400 km da sede da instituição), sentem-se desprivilegiados pelo jornal. Os próprios produtores rurais também fazem essa cobrança, sempre insatisfeitos com a cobertura que o jornal proporciona. Contudo, tal insatisfação é praticamente insolúvel, pois, pelo seu tamanho e periodicidade, o jornal não consegue dar voz a todos. Por essa descrição, vemos

que, na configuração de JR, estão em jogo muito mais que informações agrícolas, estão envolvidos interesses de visibilidade e, até mesmo, vaidades.

Depois de delineada a pauta da próxima edição, ela é encaminhada à comissão editorial, que exclui alguns assuntos e acrescenta outros, bem como fornece os ângulos de abordagem para as temáticas.

A partir do momento em que a pauta foi definida, ao contrário do que se pressupõe, os assuntos ou fatos não serão imediatamente enquadrados em certos gêneros textuais e os jornalistas enviados a fazer “uma *notícia* sobre a normativa do leite”, “uma *coluna* sobre a estiagem” ou “uma *reportagem* sobre a colheita do feijão”. Na verdade, entre os produtores do jornal, não existe uma clara definição dos gêneros textuais com os quais o jornal é ou será constituído. Com exceção de coluna, editorial, nota e variedades, as demais produções são tratadas genericamente por *matéria* ou *reportagem*. Os jornalistas também realizam uma divisão temática, da qual emergem algumas categorias como:

- *Matérias técnicas*: aquelas realizadas no campo e que abordam assuntos agrícolas e pecuários;
- *Cobertura de eventos*: relato de palestras, encontros, reuniões que ocorrem na sede da instituição, envolvendo a diretoria e funcionários;
- *Colheitas do tempo*: é o nome da seção do jornal em que as HV são publicadas;
- *Chama do futuro*: é também o nome de uma seção do jornal na qual são publicadas entrevistas com jovens agricultores.

Os demais conteúdos que não se enquadram nessa categoria são simplesmente tratados por *matéria sobre tal assunto*.

A ausência de uma definição rigorosa para os gêneros jornalísticos observada na prática profissional dos produtores do jornal JR vai ao encontro das observações de Bonini (2002; 2003) sobre a falta de uniformidade no tratamento desse fenômeno encontrada na bibliografia da área da comunicação social e sobre a forte relação dos gêneros com a prática que os subjazem. Essa indefinição, ressalta o autor (apud Kindermann e Bonini, 2006), aliada à variedade de gêneros existentes na atividade jornalística, acaba dificultando também o trabalho do analista que, frente a um jornal ou uma revista, não é capaz de distinguir com clareza quais textos podem ser agrupados em quais gêneros.

Para a realização das reportagens no meio rural, os jornalistas de JR sempre são acompanhados por funcionários da instituição, ocupem eles cargos técnicos ou administrativos. Algumas vezes, os repórteres simplesmente observam e relatam o trabalho rotineiro desses profissionais nas propriedades rurais; outras vezes, a visita às propriedades ocorre somente para a realização da entrevista. Esse fato, como veremos na seção 3.2, é motivador de alguns movimentos retóricos encontrados no gênero história de vida.

Os agricultores que participarão das matérias são selecionados e contatados com antecedência pelos próprios funcionários da cooperativa (e não pelos jornalistas), de modo que à equipe de reportagem cabe apenas colher os depoimentos e realizar as fotografias. Essa escolha é feita de forma criteriosa, pois apenas os casos bem-sucedidos podem ter vez no jornal, já que eles devem servir de exemplo para outros agricultores. Assim, aparecem em JR aqueles produtores que têm suas propriedades mecanizadas e com alta produtividade, que fazem um manejo adequado da lavoura e dos animais, que têm uma vida comunitária ativa, que são fiéis à cooperativa no momento de comercializar seus produtos. Embora o critério do sucesso se aplique a todos os gêneros de JR, ele é especialmente válido para as histórias de vida e assinala, de certa forma, uma autonomia bastante limitada do repórter quanto à escolha das suas fontes, ou, por outro viés interpretativo, um trabalho realmente conjunto da instituição visando ao alcance dos seus objetivos.

A maioria das matérias de JR é realizada nas propriedades rurais, estampando grandes fotos desses locais e de seus moradores, mesmo que o assunto não exija esse tipo de complemento. Trata-se de uma estratégia com a qual se busca: 1) exemplificar a informação técnica para facilitar a compreensão do conteúdo; 2) provar que a técnica é viável e está adequada à realidade; 3) despertar inveja ou ambição nos outros agricultores; 4) atrair leitores e agradar os entrevistados por meio da veiculação de fotos, nas quais se privilegia o aparecimento de toda a família.

Depois de obtidas as informações, a linha editorial do jornal determina que elas sejam organizadas em textos de aproximadamente 30 linhas, ilustrados com uma foto grande e de qualidade, com títulos curtos e atrativos e com uma linguagem sem rebuscamientos. Acompanhará a matéria um anúncio publicitário preferencialmente relacionado ao tema nela tratado. Se uma reportagem, por

exemplo, trata de mecanização rural, ela trará no rodapé da página um anúncio de venda de máquinas agrícolas.

Depois de redigidos e organizados os textos com suas respectivas fotografias e anúncios publicitários, todo o material do jornal é enviado para serviços terceirizados de diagramação e montagem. Em seguida, erros gramaticais são corrigidos, títulos e chamadas refeitos, matérias de capa são definidas e os últimos ajustes realizados. Por fim, a montagem e a distribuição.

3.1.2 Circulação e consumo

O principal público de JR é o produtor rural associado à cooperativa, de modo que 90% dos exemplares circulam no meio rural e 10% no meio urbano. O jornal é distribuído gratuitamente e está disponível no dia 1º de cada mês. O público do jornal é estimado em 60 mil leitores, número elevado, tendo em vista o público reduzido da maioria dos jornais institucionais, o número de habitantes das regiões em que ele circula e sua especificidade temática. A circulação do jornal também é ampla em termos de extensão, pois abrange aproximadamente 1/4 do estado de Santa Catarina.

Para o público urbano, JR é encartado em jornais locais por assinatura, chegando apenas às casas de moradores do centro e de zonas nobres das cidades. A opção por dirigir o jornal ao meio urbano, mas apenas para certos setores da sociedade, constitui uma estratégia de divulgação do trabalho da cooperativa e das potencialidades do meio rural para grupos sociais mais poderosos e influentes, como formadores de opinião, administradores públicos, empresários, autoridades religiosas, entre outros.

Ao público rural o jornal é disponibilizado nas filiais da cooperativa, onde o produtor deve retirá-lo. Para garantir sua circulação no campo, a assessoria lança mão de algumas estratégias, como a divulgação em rádio (no programa informativo da instituição) das manchetes da próxima edição do jornal.

A identidade do jornal JR está construída em torno da idéia de um veículo que representa a realidade do campo, como indica seu slogan: *a realidade do campo sem disfarces*. No Brasil, existe uma quantidade razoável de veículos jornalísticos que repassam informações técnicas ao homem do campo, baseados ainda em um modelo difusãoista de extensão rural, mas poucos que procuram ‘representar a vida

no campo' como JR se propõe a fazer. O jornal busca envolver o agricultor em uma atmosfera na qual as informações técnicas se confundem com os sentimentos, os valores, as histórias e a realidade de quem efetivamente vive a agricultura.

Embora o *slogan* de JR não seja completamente verdadeiro, afinal, os disfarces acontecem e são necessários para a cooperativa atingir seus objetivos, a postura de agregar conteúdo humanitário às questões técnicas tem dado bons resultados, segundo a assessoria de imprensa. Uma das hipóteses para o sucesso desse modelo é a baixa escolaridade dos produtores rurais a que ele se dirige e a própria história desses agricultores, marcada pela forte ligação com a terra e com a agricultura.

A maioria dos associados de CR é constituída de pequenos produtores rurais, os quais utilizam mão-de-obra familiar para o trabalho agrícola. São descendentes de colonos alemães, italianos e poloneses que, do RS ou do PR, migraram para SC na metade do século XX. Por ter sido um objetivo de vida e uma difícil conquista dos seus antepassados ou deles próprios, a terra tem, para grande parte desses agricultores, um conceito que ultrapassa a idéia de fonte de renda. Assim, a terra angaria significados como afeição, contemplação, tradição, tranqüilidade, fertilidade, beleza, enfim, existe uma vida sacrificadamente construída em torno da terra que dá a ela muito mais valor que o econômico.

Já a baixa escolaridade desses sujeitos faz com que eles tenham dificuldade de compreensão e produção da língua escrita, desinteresse pelos veículos impressos e pelas manifestações culturais de caráter mais erudito, além de problemas de tomada de decisão, gestão de recursos, compreensão do contexto, aceitação de elementos novos, busca por informações, adoção de tecnologia e outras posturas que dificultam o trabalho de orientação técnica e administrativa da cooperativa. JR, então, usa desses conteúdos mais humanitários (além da linguagem simples) para atrair a atenção do leitor, gerar empatia, aumentar sua auto-estima, motivá-lo a permanecer no campo e a ler o jornal. Muitas dessas características já foram discutidas na seção 1.1, referente à comunicação rural e cooperativa, entre elas a incoerência de direcionar veículos escritos para um público de baixa escolaridade e as principais dificuldades do homem rural para se inserir em uma agricultura competitiva e moderna.

O público masculino de JR costuma demonstrar mais interesse pelas matérias técnicas, que ajudam a aumentar a produtividade e os lucros da atividade agrícola.

Os homens procuram no jornal as matérias que tratam da sua atividade especificamente (sojicultura, suinocultura, citricultura, etc.) e apenas eventualmente lêem as demais. Já as mulheres, que são mais escolarizadas (algumas têm o ensino médio completo), têm mais gosto pela leitura e se interessam sobre diversos assuntos veiculados pelo jornal, desde as questões agrícolas, até recomendações sobre saúde e dicas de culinária.

No meio rural em questão, a situação das mulheres é contraditória: se por um lado elas têm maior instrução e costumam atuar em todos os trabalhos da propriedade (desde os nada até os muito lucrativos), por outro, seu poder de decisão sobre as questões econômicas da família ainda é bastante reduzido. Já os jovens, outro grupo mais escolarizado, costuma ter anseios de sair do campo e trabalhar com atividades urbanas mais lucrativas e menos cansativas, tanto que, como destacado na seção 1.1, setores ligados à extensão rural, incluindo a cooperativa CR, atualmente, voltam muitos de seus esforços para persuadir o jovem a permanecer na agricultura.

Nos relatos expostos no quadro 9, podem ser observadas algumas características dos produtores rurais que consomem JR e sua percepção com relação ao jornal. Esses relatos são resultado das entrevistas realizadas com os agricultores sócios da cooperativa CR, como explicado no capítulo 2.

Informante	Características
1	64 anos; Ensino Primário completo; agricultor; morador urbano; ascendência italiana; fala e comprehende bem o dialeto italiano.
2	Idoso ² ; Curso Superior completo em Ciências Contábeis, profissão pela qual é aposentado; ascendência italiana; comprehende o dialeto italiano, mas não fala.
3	37 anos; Ensino Fundamental completo; agricultor; morador rural; descendente de italianos; fala e comprehende bem o dialeto italiano.
4	37 anos; Ensino Primário completo; agricultor; morador rural; descendente de italianos; fala e comprehende pouco o dialeto italiano.
5	30 anos; Ensino Primário completo; agricultor; morador do campo; ascendência polonesa; fala e comprehende bem o dialeto polonês.

Quadro 9-Características dos informantes.

O informante 1 conhece o jornal JR há cerca de 7 ou 8 anos e retira seu exemplar na instituição quase todos os meses. Dos familiares, todos costumam ler o

² O informante não quis revelar sua idade, apenas disse tratar-se de um idoso.

jornal. A esposa se interessa principalmente pelas receitas culinárias que ele veicula. Ele próprio diz ler e apreciar todo o jornal, porque fala de agricultura e pecuária, que são assuntos de seu interesse. Considera que todos os assuntos devem ser publicados, mesmo aqueles que não dizem respeito aos produtos com que a cooperativa trabalha, pois fornecem uma orientação positiva e, se um associado não utiliza tais informações, outro pode fazê-lo, devido à diversidade de atividades que cada propriedade costuma manter. Com relação às HV, diz gostar muito delas por poder conhecer ou até rever o passado, e observa que os jovens também costumam lê-las. Sobre a leitura do jornal, revela que certas partes são difíceis de entender. Acredita que quanto mais simples forem a linguagem e a organização do texto melhor será o jornal. Faz a ressalva de que, atualmente, o agricultor é mais respeitado nas fotos e nos textos da mídia do que anos atrás. Em termos de hábitos de leitura, costuma ler jornais locais e estaduais, informativos de associações e empresas.

O informante 2 diz ler JR há muitos anos, sem especificar exatamente quantos. Também costuma retirar seu exemplar na cooperativa todos os meses. Além dele próprio, também lêem o jornal sua esposa e o técnico agrícola que trabalha em sua propriedade. Embora leia toda a publicação, dá maior importância àquilo que se aplica ao seu ramo de atividade e aos debates em organizações rurais das quais faz parte. Considera importante a publicação de matérias sobre áreas da agricultura com as quais CR não trabalha, porque tudo que diz respeito ao agronegócio e contribui para seu desenvolvimento é importante, do contrário, o jornal seria limitado demais. Sobre as HV, afirma apenas que é um gênero “válido”. Explica que, embora entenda bem o conteúdo do jornal, acredita que há informações muito densas e aprofundadas, que o agricultor típico da região possivelmente não compreenda na totalidade.

O terceiro informante conta que há dois anos costuma ler com mais freqüência o jornal JR e que o tem feito desde então. Lê as matérias que apresentam os investimentos da cooperativa, para controlar os lucros e prejuízos da instituição da qual é sócio. Aprecia também as matérias que trazem informações sobre sua área de produção agropecuária. Além dele, também o pai, que mora na cidade, lê o jornal quando vai visitá-lo. Sobre conteúdos relacionados a outros ramos agrícolas com os quais a cooperativa não trabalha, argumenta que são apenas curiosidades, mas que podem ter alguma importância para pessoas que lidam com

esses produtos. Acerca das HV, diz que elas influenciam as pessoas a seguirem um caminho de sucesso, mas na realidade é muito difícil manter-se sempre atualizado tecnologicamente, como é proposto nos textos. Na leitura do jornal, o informante 3 diz ter dificuldade para entender certas informações e, quando isso ocorre, procura dirimir as dúvidas com outras pessoas, como técnicos agrícolas ou vizinhos, por exemplo. Reclama que o produtor rural costuma aparecer maltrapilho nas fotos, diferentemente dos trabalhadores da indústria e do comércio, que aparecem sempre muito bem arrumados. Então, segundo ele, os moradores da cidade olham as fotos e pensam “só podia ser colono mesmo”. Acredita também que os produtores do jornal deveriam tomar cuidado ao retratar certas atividades agrícolas. Por exemplo, quando forem falar de suinocultura, fotografar os aportes tecnológicos e não “o porco fuçando na comida”. Além de JR, o entrevistado diz ler o jornal de sua cidade, “para ver fotos de seus conhecidos”, e também a *Revista Granja* e outros informativos agrícolas que trazem informações sobre sua área de produção.

O informante 4 relata que lê do jornal JR apenas aquilo que lhe interessa no momento, especialmente conteúdos relacionados a expectativas de plantio, às novidades técnicas, aos preços do mercado e aos produtores que se destacam. Considera importante que o jornal aborde várias áreas da agricultura e da pecuária, pois são assuntos de interesse para todos aqueles que vivem e trabalham no campo. Sobre as HV, diz que não é um conteúdo importante, apesar de o passado dever ser valorizado. Para ele, os textos presentes em JR são facilmente compreensíveis, pois não há palavras “difíceis”, trata-se de um “português para colono”. Avalia positivamente as fotos publicadas pelo jornal, pois são retratados todos os agricultores, do grande ao pequeno, em seu local de trabalho. Na sua opinião, não adianta “emprestar um terno ao colono” no momento da fotografia; por isso, se ele aparece mal vestido, é porque essa é a realidade do seu cotidiano. Em termos de hábitos de leitura, explica que, eventualmente, lê alguns livros didáticos dos filhos.

Por fim, o quinto informante, diz ler o jornal JR desde jovem, porque o pai já retirava exemplares na cooperativa. Hoje, ele e a esposa costumam lê-lo todos os meses. Interessa-se principalmente por conteúdos que o ajudam a manter-se informado acerca das tendências de mercado, das novidades tecnológicas, das atividades da cooperativa, bem como pelos textos que contam histórias de outros associados. Matérias sobre as mais variadas áreas da agricultura são importantes,

na sua opinião, porque ajudam no sustento e no bem-estar da família rural. Sobre as HV, explica que elas mostram histórias de sucesso e por isso costuma lê-las. A linguagem utilizada pelo jornal é clara e de fácil compreensão. As fotos, por sua vez, mostram a realidade do agricultor, porque mostram também suas dificuldades. O informante 5 lê também informativos de empresas agrícolas, livros religiosos e revistas sobre agropecuária.

Dessa descrição, podemos observar que, de modo geral, os leitores masculinos de JR costumam dar maior importância aos textos que tratam de sua área de produção. Alguns gostam de acompanhar trajetórias de sucesso ou histórias de associados, como as apresentadas nas HV. No entanto, apenas um entrevistado demonstra perceber que as HV tentam persuadir o agricultor a manter-se atualizado tecnologicamente; outros se referem a elas apenas como relatos do passado ou histórias de sucesso.

Com relação à linguagem, não há consenso sobre a dificuldade de compreensão dos textos, pois, para alguns, a linguagem é simples e, para outros, as informações são aprofundadas demais. Nesse sentido, é muito provável que os entrevistados não tenham assumido suas próprias dificuldades, à exceção do primeiro e do terceiro, de modo que podemos confiar mais na hipótese dos problemas de compreensão. Sobre as fotografias também não há consenso. Há quem acredite que hoje o agricultor é mais respeitado nas fotografias do que antigamente, quem diga que as fotografias apenas retratam a realidade ‘maltrapilha’ do agricultor e quem argumente que essa realidade poderia ser disfarçada ou representada sob outros ângulos.

Também é perceptível a diferença que os agricultores sentem entre eles e o ‘povo da cidade’. Alguns comentam o preconceito que sofrem, a imagem negativa que os moradores urbanos têm do homem rural. A linguagem aparece, nesse caso, como uma sinalizadora da condição social, tanto que o informante 4 se refere a um ‘português para colono’, de qualidade supostamente inferior àquele que pode ser usado no diálogo com grupos sociais urbanos.

Da descrição das condições de produção, circulação e consumo das histórias de vida e do jornal em que elas são publicadas, passaremos aos resultados da análise dos movimentos retóricos do gênero, os quais estão, em grande medida, atrelados às condições de produção acima apresentadas.

3.2. Movimentos retóricos nas histórias de vida

No quadro 10, apresentamos os resultados obtidos para o gênero textual história de vida a partir da análise de seus movimentos retóricos. A primeira coluna indica os movimentos retóricos e a segunda, o número de exemplares em que o movimento aparece. Por se tratar de um pequeno número de histórias de vida analisadas (23), não é possível afirmar que o gênero apresenta invariavelmente tais movimentos e em tal recorrência, para tanto, seria necessário um *corpus* maior. Além disso, esses movimentos servem para o gênero história de vida presente em JR e, possivelmente, não para o de outros jornais; afinal, sua estrutura está fortemente relacionada à temática dos textos, que é, por sua vez, praticamente invariável, como veremos na seção 3.3, referente ao campo e à função ideacional das histórias de vida.

Outra questão relevante acerca dos movimentos identificados no gênero é o fato de que alguns deles aparecem uma única vez durante o texto e ocupam sempre a mesma posição na página, como os movimentos 1, 2, 3, 4, 5 e 13, por exemplo. Ao passo que outros são iterativos, como o movimento 9, que é desenvolvido ao longo de toda a HV.

	Movimento retórico	Nº exempl.
1	Indicar a seção “Colheitas do Tempo”	23
2	Nomear o protagonista	1
3	Intitular	23
4	Especificiar o conteúdo	14
5	Introduzir a história de vida	3
6	Identificar o personagem	23
7	Indicar local de moradia do personagem	23
8	Descrever a propriedade rural e o trabalho do personagem	17
9	Relatar trajetória histórica, experiências e opiniões do personagem	23
10	Expor comentário da família	15
11	Expor comentário de funcionário da cooperativa	15
12	Emitir comentários sobre o personagem	23
13	Extraír lição/ concluir a história de vida	5

Quadro 10 - Movimentos retóricos nas histórias de vida

Os primeiros quatro movimentos têm caráter mais estrutural, por isso mesmo possuem lugar fixo na página, estão fora do bloco de texto maior e oferecem facilidade de reconhecimento. O movimento 1 consiste na apresentação, por meio

de sua logomarca, da seção ou editoria da qual as HV fazem parte. O movimento 2 é inexpressivo no corpus analisado, mas já foi significativo em exemplares anteriores, com o que se infere que o jornal está mudando a forma de apresentação dos entrevistados no gênero. O título, definido como movimento 3, normalmente é constituído por alguma parte expressiva da história ou da forma de pensar do seu personagem principal. Já o movimento 4, denominado *chamada* no jargão jornalístico, configura um subtítulo ou um comentário que especifica um pouco mais o assunto apresentado no texto, já que o título, de modo geral, costuma ser bastante genérico.

Os movimentos seguintes fazem parte do texto propriamente dito e são retoricamente mais significativos. O número 5 visa a introduzir a história e não é muito comum, o que indica que, freqüentemente, a história de vida inicia por outros movimentos, especialmente 6, 7 e 9. A identificação do personagem (movimento 6) equivale à apresentação de seu nome, idade e local de nascimento. Nesse movimento, não foi incluída a indicação do local de moradia porque esta, muitas vezes, tem uma importância particular para os objetivos do texto, uma vez que, somente em um veículo de circulação reduzida faz sentido anunciar o local de moradia com tanta precisão, tendo como referência não o município, mas a linha (comunidade rural) em que vive o personagem. Além disso, a divulgação da comunidade em que ele mora possibilita que os demais leitores do jornal possam conferir de perto as informações da história de vida caso queiram fazê-lo. Por isso, a indicação do local de moradia do personagem constituiu o movimento 7.

O movimento 8 *descrever a propriedade rural e o trabalho do personagem* é, em outras palavras, enumerar suas posses agrícolas (hectares de terra, cabeças de gado, etc.) e expor com que ramos da agricultura ou da pecuária ele lida (soja, suínos, citricultura etc.). Esse movimento, juntamente com o número 9, *Relatar trajetória histórica, experiências e opiniões do personagem*, é fundamental para o alcance do objetivo principal das HV, que é fornecer um modelo de produtor rural para os demais produtores, pois tais movimentos apresentarão o início (precário, pobre) e o fim (feliz, confortável) de uma vida cujo meio foi muito trabalho e bons valores.

Os movimentos 10 e 11 são particularmente ilustrativos para a observação de Bonini (2002) de que os gêneros são estruturados de acordo com a configuração dos fatos, pois tais movimentos são motivados pelas circunstâncias da entrevista,

uma vez que ela se desenrola sempre na casa do agricultor, na qual está presente sua família e à qual um funcionário da instituição geralmente acompanha o repórter. Os comentários do jornalista a respeito do que ele observa ou sabe sobre o personagem de sua história podem ser interpretados como uma despreocupação com a neutralidade do relato, por se tratar de uma publicação de assessoria de imprensa. Ou então, esses comentários constituem uma característica do gênero, a qual tem fins persuasivos possivelmente.

O último movimento (número 13) é a conclusão, que aparece poucas vezes no corpus analisado e que consiste em uma espécie de lição que o jornalista extrai do texto, das experiências do entrevistado. A conclusão e a introdução são movimentos que, pela pouca freqüência com que se manifestam, podem ser descartados como característicos do gênero história de vida. Já os demais estão presentes ou na totalidade dos exemplares ou em pelo menos dois terços deles, logo, podem ser considerados movimentos peculiares do gênero (salvo o movimento 2 que está caindo em desuso).

Nossa descrição, como se pôde observar, não incluiu, além dos movimentos, os passos presentes na análise de artigos acadêmicos realizada por Swales (1990). Isso se deve ao fato de as características do gênero história de vida se adaptarem melhor a esse esquema constituído apenas por movimentos, uma vez que sua estrutura está bastante relacionada a sua condição temática, a qual passamos a analisar na seqüência.

3.3 Campo e função ideacional nas histórias de vida

De acordo com Halliday (1998), a função ideacional está relacionada ao campo do discurso e serve para a expressão do conteúdo, do assunto que está sendo abordado. A discussão que se desenrola nesta seção refere-se à constituição temática das histórias de vida, à qual procuramos relacionar alguns aspectos contextuais ao gênero, capazes de explicar a opção por tais assuntos.

Como apresentado no capítulo referente à metodologia, para realizar a análise ideacional das histórias de vida, contamos com a ajuda do programa de computador *WordSmith*, especificamente da ferramenta *WordList*. A opção pela ferramenta computacional foi motivada pela constatação de que as temáticas abordadas nos textos eram sempre muito semelhantes, apesar da pressuposição de

que cada história de vida deveria apresentar fatos consideravelmente diferentes, uma vez que trajetórias pessoais, assim como avaliações sobre elas, são muito particulares e não poderiam se repetir com tanta freqüência. Mesmo que a trajetória desses entrevistados pudesse ser semelhante, por terem a mesma idade, pertencer à mesma classe social, ter a mesma profissão e escolaridade, a semelhança não poderia ser tão grande. Então, concluímos que o repórter conduz as entrevistas por um mesmo caminho, que envolve recordações relacionadas à família, ao trabalho, à melhoria financeira e produtiva da propriedade, ao meio ambiente, entre outras.

Essa percepção levou a uma primeira análise lexical, sem recursos computacionais, que indicou a predominância de termos relacionados ao campo semântico dos sentimentos e virtudes (gostar, orgulhar, sentir, coragem, etc.), do empreendedorismo (trabalhar, investir, ampliar, etc.), da mudança (mudar, crescer, evoluir, etc.), da destruição/ retrocesso (desmatar, crise, prejudicar, etc.) e da cooperação (cooperar, associar, união, etc.). Além disso, levou à identificação dos principais temas abordados nas histórias de vida: trabalho, família, cooperativa, meio ambiente e tecnologia.

Atualmente, observamos que essa análise inicial enfrentava dois grandes problemas. O primeiro deles é o fato de apresentar categorias semânticas deficientes, pois assinalar virtudes é um processo diferente de expor sentimentos. O segundo se refere à seleção lexical menos precisa que o analista realiza tendo como ferramenta apenas sua intuição. A análise inicial mantém, contudo, o mérito de ter percebido essa improvável semelhança entre as histórias de vida, de ter identificado com certa eficiência os temas mais recorrentes e de relacioná-los ao gênero textual e aos seus objetivos comunicativos.

Assim, a ferramenta *WordList* contribuiu para a análise oferecendo dados seguros sobre os termos mais utilizados no gênero. Vejamos os resultados obtidos em contraposição à análise intuitiva efetuada em momento anterior.

A ferramenta computacional permitiu que, de início, descartássemos temas como preservação ambiental, que havíamos considerado de grande importância, e hipóteses de que a referência à italianidade e a festas comunitárias fosse freqüente. Assim, reorganizamos os termos mais freqüentes no gênero em novas categorias semânticas, referentes ao *protagonista da história*, à *família*, às *posses*, às *atividades agrícolas*, à *cooperativa*, ao *processo de crescimento econômico do*

protagonista, ao comportamento do protagonista, às ações do protagonista e aos processos vivenciados por ele.

A primeira categoria inclui termos que são utilizados pelo jornalista para nomear o personagem principal da história. São os mais utilizados *produtor rural, agricultor, associado, sócio, avô, pai, ele*, além do próprio nome do entrevistado. *Produtor rural* é o mais usada, seguido de *agricultor, associado e sócio*. A expressão *colono*, muito comum na fala popular, é intencionalmente evitada pelo jornal e pela cooperativa, devido ao preconceito que ela desperta, de modo que, no corpus analisado, *colono* aparece apenas 3 vezes.

Também é importante observar, nessa categoria, que o personagem raramente é tratado por *esposo* (2 ocorrências), enquanto a freqüência do termo *esposa* é bastante alto (23 ocorrências). Isso indica o papel secundário da mulher na entrevista e no reconhecimento do seu trabalho na agricultura. Outro indicativo do “machismo” predominante no meio rural é a apresentação de apenas uma mulher como protagonista em 23 histórias de vida analisadas, isto é, em todo o ano de 2005. Na verdade, no grupo social analisado, a mulher, até hoje, trabalha tanto quanto ou mais que o homem, porém, continua de fora das tomadas de decisão sobre o processo produtivo, conforme já havíamos destacado na seção 3.1.2, na qual descrevemos o público consumidor das HV.

A segunda categoria agrupa termos que remetem ao campo semântico da família, em que foram mais freqüentes palavras como *família* e seus cognatos, bem como *filho(s), filha(s), pai, neto(s), neta(s), nora, irmã(s), irmão(s), mãe, genro, noivos, avô e pais*. Essa categoria é uma das mais numerosas e já havia sido avaliada de forma intuitiva como tema recorrente.

A importância desse campo semântico decorre do fato de o meio rural em questão ser conservador e dependente do trabalho dos membros da família na propriedade. Por isso, as HV contemplam ano de casamento, nome da esposa, nome e profissão dos filhos, etc. Também os filhos e a esposa contribuem com depoimentos. As fotografias são igualmente significativas com relação a esse ponto: grandes, coloridas e posadas, freqüentemente trazem o personagem ao lado de sua família, sentado em uma varanda ou andando pela propriedade rural, por exemplo. As fotografias podem ser visualizadas nas histórias de vida que compõem os anexos de A até X.

As posses são a terceira categoria, da qual fazem parte termos como *terra, propriedade, casa, dinheiro, arado, chão e bois*. A descrição das posses, tendo a terra como a principal delas, deve-se a dois fatores: à necessidade de despertar no público leitor inveja e ambição e ao fato de a trajetória dos protagonistas da história ter sido marcada pela busca por solos férteis para plantar e por melhoria econômica. Também essa categoria já havia sido prevista intuitivamente como tema recorrente das histórias de vida.

A descrição das posses mostra a possibilidade de melhorar de vida, contanto que sejam tomadas as decisões e atitudes certas. Os relatos contam que, iniciando a vida como agregados ou com poucos hectares de terra, em um galpão de madeira improvisado para morar, os personagens possuem hoje muito mais do que isso: vários hectares, máquinas agrícolas, um bom número de animais, atividades diversificadas, casas confortáveis e assim por diante. Então, divulgar que é possível progredir economicamente na agricultura é o objetivo desse campo semântico.

As atividades agrícolas com as quais lida o produtor rural também constituem uma categoria importante, da qual fazem parte termos designativos dos ramos do trabalho rural: *suínos, milho, porco, roça, lavoura, feijão, leite, soja, vinho, trigo, gado*. Essas palavras apresentam as atividades agrícolas predominantes na região oeste do estado de SC, tais como demonstram estudos geográficos e econômicos.

A descrição das posses e do trabalho dos produtores rurais também aparece nesta análise como um movimento das histórias de vida (*Descrição da propriedade e do trabalho do personagem*), por constituir um dos aspectos de maior relevância para os objetivos retóricos do gênero (ver seção 3.2).

Com relação aos sinônimos *suíno* e *porco*, observamos que, nas histórias de vida, eles não têm o mesmo valor lingüístico. A utilização do termo *porco* é combatida por vários grupos ligados ao meio rural local, por remeter à sujeira, à pecuária de subsistência, devendo ser substituída por *suíno*. Além disso, argumentam, se *porcos* têm essa conotação, ela se estende aos *criadores de porcos*, que devem ser tratados por *suinocultores*. No corpus analisado, observamos que termos relacionados à *suinocultura* totalizam 40 ocorrências e à *criação de porcos* 33; no entanto, os primeiros estão, na maioria das vezes, relacionados ao tempo presente e à pujança econômica, enquanto os segundos, ao tempo passado e às suas dificuldades. É possível também que a grande freqüência do termo *porco* nos textos se deva ao fato de o jornalista se deixar contaminar pelo léxico do

entrevistado no momento do registro dos depoimentos. O mesmo vale para os aparentes sinônimos *lavoura* e *roça*, com 17 e 26 ocorrências respectivamente, em que o primeiro remete à agricultura mecanizada e lucrativa, enquanto ao segundo está associada uma idéia de ‘caipirice’ e pobreza.

Essas opções semânticas, à semelhança do que acontece com o trio *colono / agricultor/ produtor rural* citado no início desta seção, não deixam de constituir uma espécie de linguagem avaliativa, com a qual se procura envolver o protagonista da história de vida em uma imagem moderna e positiva de agricultor. Através de escolhas lexicais, procura-se fugir dos preconceitos agregados a certas palavras relacionadas à vida rural, as quais, freqüentemente, remetem à sujeira, à ‘caipirice’ e à pobreza.

Apesar de identificado na análise intuitiva, o campo semântico relativo à cooperativa superou nossas expectativas ao observarmos os dados fornecidos pelo *WordSmith*, pois foram 114 ocorrências de termos com radical *coop*. Os entrevistados são sócios da cooperativa CR, mas no passado foram sócios até de outras cooperativas. Nas HV, tanto aquela como estas foram sempre fundamentais para o sucesso do personagem na atividade agrícola. Algumas vezes, é um funcionário da instituição, que não o jornalista, quem fala sobre esse assunto ou sobre o papel exemplar do entrevistado como cooperativista. Aqui, evidentemente, há uma tentativa de CR de manter e obter sócios, bem como de fazer com que eles sejam fiéis a ela na compra e na venda de produtos, já que a infidelidade vem sendo um grande problema para a instituição.

O processo de crescimento econômico do agricultor, por sua vez, envolve termos como *dificuldades, trabalho, fácil, saudade, ajuda, tecnologia, luta, distância, trabalho braçal, aprender, sofrimento, coragem, força, medo, problemas*. Nessa categoria estão, de certa maneira, a “fórmula do sucesso” e os “ossos do ofício”: enfrentar as dificuldades, trabalhar, adotar tecnologia, sofrer, lutar, etc.

Entre as fórmulas do sucesso, um dos campos semânticos mais interessantes é o que se relaciona à adoção de tecnologia, que contém termos como *técnico, tecnologia, técnicas*. Tendo em vista que os agricultores são comumente resistentes às novidades e tendem a reproduzir as formas de trabalho de seus pais, a extensão rural historicamente tem dificuldades para inserir as inovações tecnológicas nesse meio, bem como em fazer os produtores acatarem as orientações dos profissionais das ciências agrárias, como já discutido na seção 1.1 deste trabalho. Por isso, a

ênfase do jornal em mostrar que somente aqueles que adotam tais inovações conseguiram progredir economicamente.

O sofrimento, a força, a persistência, o trabalho estão entre os ossos do ofício e são características marcantes da vida e até da personalidade dos personagens das HV. Dessa forma, ao mesmo tempo em que narra e comenta os fatos da vida, o repórter também esboça o perfil do entrevistado, que se constrói, fundamentalmente, em torno de valores ascéticos. O trabalho, nesse caso, não aparece como sacrifício, mas como virtude e até prazer. A finalidade dessa descrição é sensibilizar os jovens atuais sobre o quanto demorada e difícil é a ascensão social, já que estes, influenciados por uma série de valores hedonistas predominantes no mundo contemporâneo, almejam a fortuna fácil, como apresentado na seção 3.1.2, sobre o público de JR.

O comportamento do protagonista é descrito sempre de forma positiva e valorosa, por meio de termos como *exemplo, felicidade, orgulho, acreditar, amar, alegria, disposição, comprometimento, coragem*, etc. Elas somam-se à categoria anterior para configurar o perfil do entrevistado, mas agora fazendo referência mais direta ao próprio sujeito e menos a sua trajetória. São particularmente interessantes, nesse conjunto, o termo *exemplo* e seus cognatos, porque indicam um *comportamento exemplar* por parte do protagonista, o qual deve servir de modelo aos demais agricultores. *Orgulho* é o sentimento que o protagonista desperta nos seus familiares e *felicidade/alegria* são traços de sua personalidade que se mantiveram apesar de todas as dificuldades pelas quais passou.

Analisando os verbos de ação com maior recorrência nos exemplares do gênero, podemos acercar-nos dos principais processos que marcaram a vida dos protagonistas das histórias de vida. São eles *produzir, trabalhar, passar, chegar, associar, comprar, casar, plantar, morar, mudar, precisar, criar, melhorar, cuidar, poder, começar, construir, deixar, morrer, buscar e adquirir*. Esses verbos indicam que os principais feitos da vida do protagonista estão relacionados ao trabalho agrícola (*plantar, produzir, trabalhar, criar*), ao êxodo de sua terra natal (*chegar, deixar, mudar, morar*) e ao processo de desenvolvimento econômico (*adquirir, construir, associar, começar, comprar, melhorar*). Também temos alta recorrência de *casar e cuidar*, dos quais o primeiro termo está relacionado à constituição da família e o segundo, tanto a esta (cuidar dos filhos) quanto ao trabalho agrícola (cuidar dos

animais, cuidar dos negócios). Em suma, a vida do protagonista foi uma trajetória de responsabilidades, compromissos e esforços.

Nessa listagem, há também ‘verbos-coringa’, isto é, que são usados nas mais diferentes construções (especialmente locuções verbais) e que por isso têm alta freqüência no texto. É o caso de *passar* e *poder*. Outros verbos, embora enquadrados em uma categoria poderiam, devido à polissemia, pertencer à outra. Como exemplo, podemos apontar o verbo *mudar*, que, apesar de a maioria das vezes fazer referência à mudança de lugar, é usado também como indicativo de mudança de estado.

Não incluímos na análise dos processos os verbos *dicendi*, como *relatar*, *contar*, *lembrar*, *dizer*, os quais constituem ações vividas no tempo presente da história e exclusivamente relacionadas à entrevista.

Avaliando o uso das ferramentas computacionais utilizadas nesta análise, observamos que a polissemia da língua é, sem dúvida, um dos principais motivos para que os dados apresentados por uma ferramenta como a *WordList* sejam relativizados e conferidos pelo analista. Como citamos anteriormente, a alta freqüência de termos cognatos de *mudar* criou uma primeira impressão errônea de que a transformação de estado do sujeito ou da realidade eram assuntos importantes no corpus analisado. No entanto, esse termo remetia principalmente à mudança espacial ou geográfica. Exemplo semelhante é o da palavra *força*, que nas HV remete tanto à força física quanto à força de caráter.

Outra característica da ferramenta é que ela separa expressões que só podem ser compreendidas no conjunto, como é o caso de nomes de lugares (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Bom Jesus do Oeste) e de expressões idiomáticas como *de mala e cuia*, *morto de medo* e tantas outras. A sua análise fora do contexto também pode levar a equívocos, como ocorreu neste estudo, em uma primeira observação da *WordList*: a alta freqüência do termo *grande* fez supor a referência ao caráter (*um grande homem*, *uma grande inteligência*), quando, na verdade, a maioria de suas ocorrências se dava na designação do estado Rio Grande do Sul.

Se uma lista de termos obtida via computador é útil para impedir que a qualidade da análise seja comprometida por constatações equivocadas do pesquisador quanto à predominância de certos temas em um dado gênero, isso não quer dizer que, para ser relevante, um tema tenha de ter seu léxico consistentemente reiterado, logo, com grande número de ocorrências na listagem. Certamente,

existirão assuntos, em um determinado gênero textual, cuja expressividade não depende da ocorrência numérica de termos associados a ele, mas sim de sua significância social, cultural, retórica ou outra qualquer. Mesmo assim, a reiteração não deixa de ser um fator importante e, nesse sentido, a ferramenta computacional mantém-se útil para o analista.

Mais preocupante deve ser o fato de que uma lista de termos analisada isoladamente pode levar a equívocos do ponto de vista temático, o que é decorrente, como vimos acima, da polissemia das palavras e da segregação de expressões que a ferramenta efetua. Para superar esse problema, há a possibilidade da aplicação da ferramenta *Concordance* e a necessidade da atenta leitura do corpus.

3.4 Linguagem avaliativa nas histórias de vida

Neste estudo, incluímos sob a denominação ‘linguagem avaliativa’ duas categorias: índices de julgamento e vozes do discurso jornalístico. Ambas fazem parte da Teoria da Valoração e tratam dos recursos lingüísticos que contribuem para a formação de avaliações positivas ou negativas.

3.4.1 Índices de julgamento

Martin e White (2005), como descrito na seção 1.4.1, classificam como índices de julgamento as avaliações que recaem sobre o comportamento de pessoas, as quais podem ser efetuadas de forma implícita ou explícita. Encontramos, nas HV, vários casos de julgamento, efetuados dessas duas formas. Geralmente, os julgamentos implícitos são ativados pelo repórter ao contar ‘neutralmente’ os fatos da vida do protagonista da história, fornecendo informações sobre seu local e data de nascimento, motivos que o trouxeram a Santa Catarina, como era o trabalho agrícola há alguns anos, e assim por diante. No entanto, apesar de aparentemente carentes de índices avaliativos, muitas dessas informações históricas podem ser consideradas julgamentos implícitos, porque são capazes de ativar juízos na mente do leitor. Mais do que cada fato histórico recontado, a concatenação de todos eles até o final do texto tem grande poder valorativo, pois encaminha o leitor a uma interpretação positiva sobre o caráter do personagem da história, logo, para um julgamento.

Como observamos na descrição da temática e dos movimentos retóricos do gênero (seções 3.2 e 3.3), as HV geralmente iniciam contando um passado de pobreza, sofrimento e muito trabalho, e finalizam apresentando um produtor rural bem-sucedido tanto economicamente quanto pessoalmente. Também os fatos que integram essa descrição não são selecionados despropositadamente, eles são escolhidos para acionar tais juízos (ver seção 3.1.1). Assim, mesmo que não houvesse julgamentos explícitos, o leitor formaria uma imagem final positiva do entrevistado.

Abaixo temos um exemplo desse tipo de julgamento implícito, cuja leitura levará à formação de juízos de persistência, coragem e determinação.

- (1) *Lazarotto conta que os primeiros anos nas terras catarinenses não foram nada fáceis. Não havia estrada, só atalhos estreitos abertos no mato a golpes de facão. Não havia carro e, em caso de doença, o jeito era pôr o pé na estrada, enfrentar a escuridão e os bichos do mato. No entanto, tudo valia por um pedaço de chão fértil. O produtor da série ‘Colheitas do Tempo’ disse que se naquele tempo existisse um pouco da tecnologia de hoje, tudo seria mais fácil (JR, dezembro de 2005, p. 14).*

Julgamento positivo implícito

Outra forma de realizar julgamentos implícitos ocorre através do uso de figuras, de linguagem conotativa. Esse recurso amplia os efeitos de sentido da avaliação, “provocando” mais do que “convidando” o leitor a fazer julgamentos, usando termos de Martin e White (2005).

- (02) *Na opinião do gerente da filial de Espuma, Nelinho Pedro Riboli, é de associados assim que a cooperativa precisa para se desenvolver e se manter firme nos seus propósitos. “Ele é cooperativista de verdade, nunca desviou um leitão” (JR, junho, 2005, p. 15).*

Julgamento conotativo de sanção social positiva: veracidade

- (03) *Frederico se orgulha em dizer que nunca teve problema com cartório, nem antes e nem depois que começou a trabalhar com os agentes financeiros em Itaiópolis (JR, abril de 2005, p. 26).*

Julgamento conotativo de sanção social positiva: veracidade

- (04) *Ao seu lado João tem uma guerreira, a esposa Maria (JR, janeiro de 2005, p. 21).*

Julgamento conotativo de estima social positiva: tenacidade

Nos exemplos 02 e 03, os agricultores são avaliados como *fiel* e *honesto* respectivamente. Realizam-se, portanto, julgamentos de sanção social positiva. Porém, para ressaltar tal honestidade, o autor apela a construções metonímicas. Vale observar, além disso, que, nos dois fragmentos, a avaliação é atribuída, ou seja, não é realizada pelo repórter, mas por um funcionário da instituição e pelo próprio protagonista que se auto-avalia. Já no exemplo 04, a palavra *guerreira* é usada em sentido metafórico, para ativar juízos de força, coragem, persistência. Segundo os autores da teoria, as construções que utilizam recursos conotativos costumam ter mais poder persuasivo que as demais.

Simultaneamente a essas construções implícitas, o texto apresenta também julgamentos explícitos, isto é, aqueles em que a avaliação pode ser identificada em um único item ou em uma expressão lingüística. Abaixo, temos julgamentos explícitos efetuados por meio de adjetivações.

- (05) “*Nosso pai...procurou ser sempre amigo e justo*” (JR, fevereiro de 2005, p. 12).

Julgamento de estima social positiva: normalidade

Julgamento de sanção social positiva: veracidade

- (06) *Agenor Farias se tornou um grande homem, responsável e comprometido com a seriedade nos negócios* (JR, setembro de 2005, p. 18).

Julgamento de estima social positiva: tenacidade

- (07) *Existe muita gente boa* (JR, janeiro de 2005, p. 21).

Julgamento de sanção social positiva: propriedade

Apesar de Martin e White (2005) ressaltarem, em certas passagens do livro, que uma avaliação não necessariamente deva se realizar por meio de adjetivos, podendo ser identificada também em outras categorias gramaticais, ao apresentar o sistema de atitude, especialmente os índices de julgamento, os autores utilizam principalmente exemplos em que a avaliação aparece na forma de adjetivo. Todavia, em nosso corpus, as adjetivações são numericamente pouco representativas e dividem espaço com os substantivos, quando se trata de emitir juízos sobre pessoas e seus comportamentos.

Essa constatação emergiu, inicialmente, da observação da lista de palavras fornecida pela ferramenta *WordList*. Nela percebemos que não havia grande ocorrência de adjetivos e, quando reunidos os termos em *lemmas*, isto é, por

semelhança de radicais, muitas vezes o adjetivo não existia ou era numericamente igual ou inferior às outras categorias. Assim, em um *lemma* organizado com cognatos de *lutar*, encontramos as seguintes palavras e sua freqüência no corpus: *lutou* (1), *lutaram* (1), *lutar* (2), *lutando* (2), *lutamos* (1), *lutam* (1), *luta* (9). Em outro, envolvendo cognatos de *carinho*, temos: *carinhosamente* (1), *carinho* (5), *carinhoso* (1). E em outro temos: *alegre* (12), *alegria* (10) *alegrias* (3). No primeiro *lemma*, não ocorre a forma adjetivada de *lutar* (*lutador*). No segundo *lemma*, o adjetivo *carinhoso* aparece uma única vez, enquanto as outras duas classes totalizam seis ocorrências. No último, o uso do adjetivo praticamente empata com o uso do substantivo em número de ocorrências. Nos três exemplos, destaca-se o uso de substantivos (*luta*, *carinho* e *alegria-s*), a partir do que cogitamos que os jornalistas nominalizam certas expressões no momento de produção das HV, a fim de evitar o uso de adjetivos. A leitura dos textos acabou por confirmar essa suposição.

Segundo Azeredo (2001, p. 246-250), as expressões nominais, que constituem construções substantivas geralmente derivadas de verbos ou adjetivos, podem desempenhar tanto papéis coesivos no texto quanto modalizantes, conclusões a que o autor chega com a análise de textos jornalísticos. O papel coesivo ocorre através da condensação de proposições/predicados por meio de substantivos, enquanto a modalização serve para exprimir avaliações ou interpretações que o enunciador realiza a respeito das atitudes de outros indivíduos, cujo discurso esteja comentando ou citando.

Todavia, neste estudo, observamos que o uso de expressões nominais pode ser útil para ‘disfarçar’ a avaliação que está sendo efetuada pelo autor. Ao optar por um substantivo, o jornalista ou emissor do depoimento trata a qualidade como se fosse uma característica inerente do sujeito ou do fenômeno avaliado, em vez de uma opinião sua, resultante de sua percepção. É o que acontece, por exemplo, em

- (08) *O profissionalismo* também pode ser visto nas demais atividades (JR, fevereiro de 2005, p. 12).

Julgamento de estima social positiva: capacidade

- (09) “Sempre tive consciência de que era preciso preservar a mata. De lá vem a água que bebo” (JR, fevereiro de 2005, p.10).

Julgamento de estima social positiva: tenacidade

- (10) “*Não podemos nos esquecer do heroísmo e bravura desses pioneiros. Foi preciso muita força de vontade e coragem ao abrir os caminhos para a nossa geração*” (JR, outubro, 2005, p. 18).

Julgamento de estima social positiva: capacidade
Julgamento de estima social positiva: tenacidade

- (11) *Apesar dos cabelos brancos e dos sinais que a vida deixa no corpo, Arthur conserva a simplicidade de quem busca na terra o seu sustento* (JR, dezembro de 2005, p. 15).

Julgamento de estima social positiva: normalidade

No caso das HV, não podemos esquecer que o jornalista não grava os depoimentos nem os transcreve literalmente, de modo que ele próprio pode nominalizar verbos e adjetivos (utilizados pelos entrevistados) ao redigir os textos.

Cada história de vida é em grande parte constituída de julgamentos positivos, sejam eles explícitos ou implícitos, sobre o protagonista da história, seus familiares e a cooperativa. Existem, porém, casos em que julgamentos negativos explícitos são emitidos. Eles ocorrem quando o repórter ou os entrevistados falam a respeito de “outras” pessoas, referidas de modo genérico e coletivo, as quais não compartilham dos mesmos valores que os participantes da entrevista, como podemos observar nos exemplos 12, 13, 14 e 15.

- (12) *Algumas pessoas desistem diante dos problemas. Outras, como é o caso do nosso personagem, lutam incansavelmente. Essas pessoas têm a cara da coragem* (JR, janeiro de 2005, p. 21).

Julgamento de estima social negativa: tenacidade

- (13) *Quando Frederico se mudou de caçador para Itaiópolis, a 80Km de Canoinhas, havia apenas cinco famílias moradoras e poucas a exemplo dele conseguiram evoluir na agricultura. Só tiveram êxito aqueles que foram valentes e tiveram garra para amostrar os resultados na prática* (JR, abril de 205, p. 26).

Julgamento de estima social negativa: capacidade

- (14) “*Hoje em dia as pessoas querem muito mais com menos esforço*” (JR, maio, 2005, p.16).

Julgamento de estima social negativa: tenacidade

- (15) “*Hoje tudo é mais difícil, as pessoas são mais complicadas*” (JR, dezembro de 2005, p. 15).

Julgamento de estima social negativa: normalidade

No entanto, julgamentos negativos são raros se comparados aos positivos. Isso demonstra que o gênero história de vida procura atingir seus objetivos retóricos evidenciando as qualidades dos seus associados, do seu modo de vida, mais do que realizando críticas a outros indivíduos ou a outros hábitos.

Índices negativos, quando se referem ao protagonista da história, são, muitas vezes, neutralizados pelo advérbio de negação *nunca*, enquanto índices positivos são freqüentemente intensificados por *sempre*. Essa constatação foi obtida por meio da ferramenta *Concordance*, do *WordSmith*, em cuja listagem observamos que, das 45 ocorrências do advérbio *sempre* no *corpus* analisado, praticamente todas elas estavam em contextos de julgamento. Já o termo *nunca* teve 15 ocorrências, das quais a grande maioria também estava relacionada ao comportamento do protagonista da história.

Comportamentos normalmente considerados negativos, como ‘desanimar’, ‘apagar o sorriso’ e ‘ter problemas’, freqüentemente aparecem acompanhados pelo advérbio *nunca* (*nunca pensou em desanimar, o sorriso não se apaga nunca, nunca teve problemas com cartório*), enquanto comportamentos positivos, como ‘ser cooperativista’, ‘pensar no futuro’ e ‘ter maquinário renovado’, mostram-se freqüentemente acompanhados pela palavra *sempre* (*sempre foi cooperativista, sempre pensou no futuro de forma positiva, maquinário sempre renovado*). Isso contribui para que o perfil do protagonista resulte invariavelmente positivo no final da leitura, e mais do que isso, positivo absoluto, indicando uma vida sem deslizes, sem relativização de valores ou de conduta.

Não só índices de julgamento, mas também de afeto e apreciação podem despertar sentimentos relacionados a juízos. Conforme a teoria utilizada neste estudo, uma apreciação explícita sobre uma atividade realizada por um sujeito leva à realização de um julgamento implícito sobre esse sujeito, como nos exemplos 16 e 17.

- (16) *Além de dignificar o homem, o trabalho favorece a circulação do sangue”, comentou o produtor (JR, Maio, 2005, p. 16).*

Apreciação explícita/ julgamento implícito

- (17) *A vida nas montanhas de Nova Teotônia não foi nada fácil para Domingos e Irma. Vencer o mato e o inço para cultivar o seu sustento era um desafio diário (JR, julho de 2005, p. 20).*

Apreciação explícita/ julgamento implícito

No exemplo 16, verificamos uma apreciação explícita sobre o trabalho, em que suas qualidades são dignificar o homem e favorecer a circulação do sangue. Também há um julgamento implícito sobre o emissor desse enunciado: o de um homem trabalhador. De maneira semelhante, no exemplo 17, ocorre uma apreciação explícita sobre a vida em Nova Teotônia, ao mesmo tempo em que se realiza um julgamento implícito sobre Domingos e Irma, que são considerados pessoas corajosas, já que venceram os desafios diários que o local impunha.

Lógica parecida podemos estabelecer para os índices de afeto: uma avaliação afetiva sobre um certo fenômeno, pode sugerir qualidades do emissor da avaliação. Vejamos os seguintes exemplos:

- (18) *Albino revela que tem saudade dos tempos em que se praticava mais a religião... (JR, março de 2005, p. 23).*

Afeto explícito/ julgamento implícit

- (19) *"Não gosto de ver máquina velha na propriedade. De velho chega eu", brinca (JR, junho de 2005, p. 14).*

Afeto explícito/ julgamento implícito

No exemplo 18, observamos um índice de afeto explícito sobre os tempos passados, dos quais Albino sente saudade porque neles se praticava mais a religião. A expressão desse sentimento leva o leitor a realizar um julgamento sobre seu emissor: Albino é uma pessoa religiosa. No exemplo 19, por sua vez, ao afirmar explicitamente que não gosta de máquina velha, o emissor produz implicitamente um julgamento sobre o produtor do enunciado, como de um homem aberto a mudanças, inovador.

Martin e White (2005) expõem apenas que índices de apreciação explícitos podem esconder julgamentos implícitos. Porém, os exemplos acima mostram que o processo de realização de julgamentos pode acompanhar também os índices de afeto. Sendo assim, talvez pudéssemos dizer que a possibilidade de ocorrência de julgamentos implícitos é muitíssimo grande na linguagem, já que considerável parte das ações, objetos, fenômenos que se avaliam são produzidos por pessoas ou estão de alguma forma relacionados à atividade humana.

No caso das HV, podemos afirmar que sua configuração lingüística, avaliativa ou não, está orientada à realização de um julgamento. O gênero como um todo

constitui um julgamento, uma vez que, em cada história apresentada, temos a avaliação positiva do comportamento de um indivíduo. Por seu objetivo retórico, fornecer um modelo de agricultor, nas HV, quase toda avaliação, seja ela uma apreciação, um índice de afeto ou um julgamento, converge para um parecer sobre o comportamento humano.

Se no início desta seção dissemos que as HV apresentam vários casos de julgamento, agora podemos dizer que esses julgamentos envolvem majoritariamente valores de estima social. Assim, os personagens são avaliados em relação à aceitação no seu grupo social, na condição de muito ou pouco benquistas, muito ou pouco respeitáveis. Não é possível dizer que, com relação às categorias que compõem a estima social (tenacidade, capacidade e normalidade), haja a predominância de uma sobre a outra, até porque essas categorias nem sempre estão adequadas aos índices com os quais se está lidando.

Com relação à sanção social, os julgamentos nessa categoria não são tão abundantes, embora eles aconteçam, especialmente na voz de outros indivíduos que não o repórter. Mas essa discussão é tema para a próxima seção, que trata dos tipos de vozes presentes no discurso jornalístico, conforme modelo proposto por Martin e White (2005), na Teoria da Valoração.

3.4.2 Vozes do discurso jornalístico

As HV permitem a manifestação de quatro pessoas no discurso: o próprio jornalista, o protagonista da história, um ou mais familiares e um funcionário da cooperativa CR. Em todos os exemplares, têm oportunidade de se manifestar sobre o assunto o protagonista da história e o jornalista e, na grande maioria, porém não necessariamente em todos, os familiares e o funcionário da instituição. Esse gênero não possibilita que pessoas em outros papéis sociais participem da interação, porque, como vimos nas seções 3.1 e 3.2, as condições de produção limitam o repórter à seleção dessas fontes.

A voz do jornalista é a única que não vem marcada por aspas ou introduzida por *verbos dicendi* e é a que predomina no texto por exercer um papel equivalente ao de narrador. Contudo, quando os depoimentos aparecem entre aspas (do protagonista, familiares e funcionário) não são transcrições *ipsis litteris*, pois os jornalistas não costumam gravá-los, mas apenas anotá-los no decorrer de uma

conversa relativamente informal. Sobre esse último ponto, basta observar, no exemplar de março de 2005, um depoimento em destaque, no qual Tadeu (o protagonista) e Maria (sua esposa) assinam o mesmo fragmento em discurso direto:

- (20) “A escuridão das estradas não era motivo para deixar de visitar os amigos para conversar, rezar junto à capelinha e jogar quatrilho. As lanternas a querosene bastavam para iluminar os nossos serões”
 (Tadeu e Maria)

Abaixo, temos alguns exemplos de como podem se manifestar essas vozes no discurso das HV.

- (21) *Conforme o gerente da CR em Bela Vista do Toldo, Jair Daniel Vicente, Irineu é um exemplo na região. “Seu vínculo com o cooperativismo é muito forte. Ele acreditou na CR desde o início”*
 (JR, abril, 2005, p. 27).

Depoimento de funcionário

- (22) *Os filhos demonstram nas palavras o orgulho que têm do pai. “Nosso pai nos orgulha muito, sempre pensou no futuro de forma positiva”* (JR, fevereiro, 2005, p. 12).

Depoimento dos filhos

- (23) *Mas Clementina atesta que ele foi um bom pai. “Ele nunca bateu nos filhos. Se eu queria dar um tapa, tinha que ser escondido dele”, recorda* (JR, setembro, 2005, p. 27).

Depoimento da esposa

- (24) *“Já sou aposentado, podia ficar o dia inteiro na bodega, mas prefiro me dedicar ao trabalho. Eu gosto da terra”* (JR, janeiro, 2005, p. 21)

Depoimento do protagonista

- (25) *Mais tarde, finalmente surgia o cooperativismo - um porto seguro para os agricultores da região* (JR, março, 2005, p. 22).

Depoimento do jornalista

- (26) *Quando veio de Antonio Prado, RS, para explorar as terras desconhecidas de Planalto Alegre, no Oeste de Santa Catarina, Albino Cammatti tinha apenas nove anos* (JR, março, 2005, p. 22).

Relato do jornalista

O jornalista, além de narrar fatos, algumas vezes também tece comentários sobre eles ou sobre seus entrevistados. Contudo, observamos que os comentários, quando constituem avaliações, mais especificamente julgamentos, limitam-se a julgamentos de estima social. Assim, podemos classificar a voz do discurso das HV como a voz do correspondente.

Conforme a teoria, a voz do repórter é aquela em que não é efetuado nenhum tipo de julgamento autorais; a voz do correspondente é aquela em que são efetuados apenas julgamentos autorais de estima social; e a voz do comentarista é aquela em que qualquer tipo de julgamento pode ser realizado de forma autorais. Nessa seqüência de apresentação, cada voz pressupõe a anterior, de modo que, nas histórias de vida, encontramos tanto fragmentos sem julgamentos autorais (voz do repórter), quanto partes com julgamentos autorais de estima social (voz do correspondente).

Os exemplos abaixo ilustram a voz do repórter.

- (27) *Natural da Argentina vive no Brasil desde os dois anos de idade, quando os pais mudaram-se para o interior de Getúlio Vargas, no Rio Grande do Sul. Em 1957, Gino casou com Therezinha Santin. Com o filho Moacir ainda pequeno, em 1959, passaram a residir em Santa Catarina. A primeira morada, em linha Batistello, Chapecó, foi um paiol. "Tinha frestas enormes", recorda (JR, janeiro, 2005, p.22).*

Sem julgamentos explícitos

- (28) *Na opinião do gerente da filial de Espuma, Nelinho Pedro Riboli, é de associados assim que a cooperativa precisa para se desenvolver e se manter firme nos seus propósitos. "Ele é cooperativista de verdade, nunca desviou um leitão" (JR, junho, 2005, p. 15).*

Julgamento explícito de sanção social positiva

- (29) *"Ele encara os problemas de frente, enquanto existem pessoas que passam a vida fugindo deles" (JR, janeiro de 2005, p. 21).*

Julgamento explícito de estima social positiva

- (30) *Cooperativista desde guri . É assim que Irineu se define (JR, abril de 2005, p. 27).*

Julgamento explícito de estima social positiva

- (31) *Conforme o gerente da Alfa em Bela Vista do Toldo, Jair Daniel Vicente, Irineu é um exemplo na região (JR, abril de 2005, p. 27).*

Julgamento explícito de estima social positiva

Nesses fragmentos, observamos casos em que ocorre a voz do repórter, pois as avaliações ou não acontecem (exemplo 27) ou são atribuídas a fontes externas (exemplos 28, 29, 30 e 31), seja por meio do discurso direto ou indireto, de modo que o jornalista não avalia nunca, nem com julgamentos de estima, nem com de sanção social. Ao agir dessa maneira, o redator das HV atua como o repórter típico, que apenas relata fatos, sem se posicionar sobre eles ou sobre seus agentes. Isso contribui para formar uma imagem de isenção e credibilidade para o veículo de comunicação em que o repórter atua.

No entanto, sabemos que a isenção total é impossível e que se, por um lado, o repórter não avalia, não opina, por outro, pode selecionar as opiniões e fatos que mais convêm aos interesses da empresa jornalística ou dele próprio. No caso das HV aqui analisadas, o repórter sempre selecionará fatos e depoimentos que contribuem para a construção de uma imagem positiva da instituição que produz o jornal. Dessa forma, como vimos na seção anterior, os julgamentos apresentados nas HV, sejam eles de sanção ou de estima social, são invariavelmente positivos quando se referem aos ‘de dentro’ (o entrevistado, sua família, a cooperativa), e eventualmente negativos, quando se referem a sujeitos ‘de fora’ (não-associados, agricultores com outros valores).

Apesar de existirem partes do discurso classificadas como voz do repórter, o que equivale a dizer ‘sem julgamentos autorais’, há momentos em que o jornalista tece julgamentos autorais envolvendo estima social. Essa combinação configura aquilo que a Teoria da Valoração chama de voz do correspondente, a qual vem exemplificada a seguir.

- (32) *Apesar do bom-humor, Deonildo passou por muitas nessa vida (JR, fevereiro, 2005, p. 10).*

Julgamento de estima social positiva

- (33) *Um cooperativista exemplar. Assim podemos definir o associado da Cooperalfa há 27 anos, Deonildo Detoni (JR, fevereiro, 2005, p. 10).*

Julgamento de estima social positiva

- (34) *Destacou-se também por ser por ser um produtor consciente, pois sempre preocupou-se (sic) em reflorestar determinadas áreas de sua propriedade (JR, junho, 2005, p. 15).*

Julgamento de estima social positiva

Nos exemplos 32, 33 e 34, o jornalista emite comentários sobre os personagens das HV utilizando valores de estima social, mas também encontramos em nosso corpus alguns poucos casos de sanção social não-atribuída, isto é, julgamentos de sanção social efetuados pelo jornalista. Isso, de acordo com a Teoria da Valoração, caracterizaria a voz do comentarista. No entanto, cremos que as HV não podem ser consideradas textos de comentário, por sua considerável diferença com relação a colunas de opinião, editoriais e outros gêneros textuais em que a voz do comentarista predomina. Analisando mais cuidadosamente essas avaliações de sanção social, chegamos à conclusão de que o repórter, apesar de não atribuir a uma fonte externa o comentário, está tampouco emitindo sua própria opinião, já que, possivelmente, ele não conhece o personagem ou os fatos suficientemente para poder julgá-los. Os fragmentos abaixo tornam mais claras essas afirmações.

- (35) *Seu José gosta da política séria e transparente. Ele prefere estar de bem com as pessoas e com a consciência tranquila a ter que se utilizar da política em benefício próprio. É uma pessoa de boa índole e querida da população. Durante os oito anos de política, sempre trabalhou pensando no bem comum dos cidadãos (JR, junho, 2005, p. 15).*

Julgamento de sanção social positiva

- (36) *Grande parte do sucesso de Joveli reside em sua humildade. Aprendeu com os pais que trabalho era tudo na vida e sempre foi assim. Da educação rígida, aprendeu a ser um pai bondoso e um avô caridoso (JR, fevereiro de 2005, p.12).*

Julgamento de sanção social positiva

Observe-se que, para avaliar que seu José (exemplo 35) é uma pessoa de boa índole, o repórter deveria conhecer profundamente o entrevistado ou as opiniões dos habitantes locais sobre ele, o que a observação das etapas de produção do jornal, descrita no item 3.1.1, nos permite dizer que não é (ou provavelmente não é) verdade. Supomos, então, que esse comentário a respeito de seu José deve ter sido elaborado por ele próprio ou por algum dos presentes no momento da entrevista, de modo que o jornalista apropriou-se de tais palavras ou, simplesmente, esqueceu ou não achou necessário atribuí-las ao emissor do comentário. O mesmo vale para seu Joveli, no exemplo 36.

Certamente, em um veículo jornalístico autônomo, especialmente quando trata de assuntos polêmicos, envolvendo denúncias, por exemplo, jornalistas tomariam mais cuidado no momento de emitir e atribuir julgamentos. Mas o gênero

estudado, em função das características já apresentadas, de fato, dispensa essa preocupação. Além disso, julgamentos positivos, como os que predominam nas HV, geram muito menos polêmica do que negativos.

Essa espécie de confusão que o repórter realiza entre a voz do outro e a sua própria voz pode também ser visualizada no exemplo 37, mas, nesse caso, envolvendo uma apreciação e não um julgamento:

- (37) *Lá no Rio Grande, as terrás onde morava a família Gollub eram muito dobradas e, portanto, pouco favoráveis à produção de grãos*
 (JR, março, 2005, p.24).

Apreciação

Nesse fragmento, o jornalista faz uma apreciação das terras que possuía o protagonista da história no Rio Grande do Sul, avaliando-as como *dobradas* (montanhosas) e *pouco propícias para o cultivo de grãos*. Todavia, o contexto nos permite deduzir que essa apreciação, embora transcrita na voz do jornalista, quem realmente efetuou foi o protagonista da história, o Sr. Gollub, já que é muito pouco provável que o repórter tenha conhecido tais terras.

Ainda com relação às vozes do discurso, observamos que, nas HV, são encontradas poucas ordens não-autoriais e nenhuma autoral. Em outras palavras, o escritor nunca dá ordens e nem os entrevistados costumam fazê-lo. A Teoria da Valorização atribui esse fato aos objetivos retóricos dos textos, explicando que textos com voz do repórter e do correspondente não objetivam persuadir, mas relatar ou descrever, e que, por isso, eles não possuem ordens autorais. No caso das HV, essa afirmação não procede, pois o objetivo do texto é, inegavelmente, persuadir. No entanto, o gênero opta por uma estratégia persuasiva que não envolve diretivas, ordens, enfrentamento ou crítica, mas o fornecimento ao leitor de um exemplo positivo a ser seguido. É o que a retórica classificaria como “argumento pelo exemplo” (Reboul, 2000).

Analizando as histórias de vida sob a perspectiva das vozes do discurso, concluímos que elas não caracterizam o discurso jornalístico ideal ou típico, em que há uma simples narração de fatos e a busca de isenção por parte do repórter. Seguindo a teoria, percebemos que as HV são configuradas sob a voz do correspondente, aquela em que alguns comentários são possíveis. Porém, não podemos dizer que os jornalistas que produzem JR exercem a “função” de correspondente, tal como é conhecida no meio jornalístico. O correspondente, nesse

meio, é aquele que se distancia do local de base do veículo comunicativo em que trabalha e passa a viver em meio ao fato. O exemplo clássico é o do “correspondente de guerra”.

Percebemos também que, muitas vezes, os comentários do jornalista são, na verdade, avaliações do entrevistado que o repórter veicula como se fossem de sua autoria. É possível que esse processo ocorra sem a total consciência do jornalista, da mesma maneira como ele acaba repetindo, na sua voz, o léxico utilizado pelo entrevistado, como verificamos na seção 3.3. White (2005) comenta rapidamente essa apropriação que o jornalista faz da voz de outros no momento de realizar avaliações, no entanto não chega a observar esse fenômeno nos índices de julgamento. Essa mescla de vozes, possivelmente, não interfere na compreensão do texto pelo leitor, ao qual ela provavelmente passará despercebida.

Por fim, tendo em vista essa ‘contaminação’ que sofre o repórter das vozes dos outros, aliado aos processos de produção do gênero história de vida descritos no início deste capítulo, como, por exemplo, o controle rígido do trabalho jornalístico pela diretoria da cooperativa, é inevitável questionar até que ponto o jornalista das HV tem uma voz autônoma. A teoria considera, na voz do correspondente, os julgamentos de estima social como ‘promovidos pelo jornalista’, mas eles não necessariamente equivalem ao ponto de vista desse profissional, pois podem ser apropriados de outras vozes ou ser forjados pelo gênero e pela instituição que está por trás de sua produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, nossa proposta foi a de descrever um gênero jornalístico pouco explorado na literatura especializada. Essa opção trouxe algumas complicações conceituais, das quais a primeira e a mais importante foi nomear o gênero analisado. Optamos, depois de muita reflexão, por chamá-lo de *história de vida* (baseados na técnica de coleta de dados de mesmo nome), ao invés de reportagem ou biografia, já que aquela não continha muitas das características destas, fosse em termos de estrutura textual ou modo de produção e circulação. Porém, não poderíamos dizer que outras *histórias de vida* que não as do jornal JR teriam invariavelmente as mesmas características que observamos nesta análise, embora possam apresentar certas semelhanças. De fato, as HV são um gênero muito peculiar, perfeitamente adaptado às características culturais de seu público, a ponto de seus objetivos retóricos talvez não alcançarem êxito fora do grupo social em que circula.

A produção das histórias de vida está fortemente atrelada a uma estratégia comunicativa estabelecida por CR, a qual visa a difundir entre os agricultores valores de persistência, trabalho, adoção de tecnologia e outros que poderão contribuir para a prosperidade dos negócios agrícolas nos quais cooperativa e produtores rurais são parceiros. Por isso, muito do gênero é estrategicamente pré-definido, como, por exemplo, a seleção das fontes e dos temas a serem suscitados pelo repórter no momento da entrevista e da escritura do texto. Assim, temos, no papel de personagens das HV, sempre agricultores bem-sucedidos econômica e socialmente, bem como a história desses personagens tem um encadeamento temático idêntico em todos os exemplares. Esse encadeamento temático, vale recordar, remete a um início de vida pobre, superado por meio de bons valores, muito trabalho, persistência, adoção de tecnologia, fidelidade à cooperativa, combinação que resulta em sucesso econômico e realização pessoal na agricultura.

Se, por um lado, muito do gênero é delineado antecipadamente, por outro, certas características dos textos se adaptam às possibilidades concretas do repórter no momento da realização das entrevistas. Por isso mesmo, a partir da análise dos movimentos retóricos das HV, podemos dizer que, enquanto alguns estão mais atrelados aos objetivos comunicativos do gênero, outros decorrem talvez exclusivamente das suas condições de produção. Por exemplo, os movimentos *Expor comentário da família* e *Expor comentário de funcionário da cooperativa* se

devem ao fato de família e funcionário estarem presentes no momento da entrevista, enquanto o movimento *Descrever a propriedade rural e o trabalho do personagem* é pré-definido com base nos objetivos persuasivos do gênero.

Com relação aos aspectos avaliativos da linguagem, os dados obtidos na análise das HV mostram que, nesses textos, têm grande relevância as avaliações de comportamentos humanos, chamadas julgamentos. Dos dois tipos de julgamentos propostos pela Teoria da Valoração, nas histórias de vida, predominam aqueles relacionados à estima social. Esse fato nos leva a confirmar nossa hipótese sobre a função retórica do gênero, que é a de fornecer um exemplo de agricultor para os demais agricultores da região. Observa-se que, ao selecionar pessoas benquistas e bem-sucedidas na comunidade e expor sua trajetória de vida, o jornal afeta a estima dos indivíduos em seu grupo social, gerando nos leitores sentimentos como inveja, admiração, ambição, bem como despertando o desejo de estar no lugar do outro, de também ser entrevistado pelo jornal, de ser tão estimado e reconhecido quanto os personagens das HV. Os principais valores de estima encontrados nas HV estão relacionados à bondade, alegria, trabalho, coragem, persistência e competência.

Os julgamentos são ativados, explicitamente, tanto por meio de adjetivos quanto através de substantivos. A utilização desse último recurso, tão freqüente quanto a do primeiro, serve para que o repórter ou o emissor do depoimento não se comprometa sobremaneira nas suas avaliações, isto é, a qualidade é tratada como inerente ao fato, objeto, indivíduo ou grupo social analisado e não como uma avaliação particular sobre ele. Julgamentos também são realizados por meio de recursos de implicitação. Estes são, sem dúvida, expressivamente ricos e também freqüentes no gênero. Estruturas metonímicas e metafóricas e fatos da vida dos personagens, marcados por dificuldades, superação e sucesso, apresentam indiretamente valores de julgamento como honestidade, persistência, empreendedorismo e coragem.

Outros recursos como o uso do advérbio *sempre* junto a contextos positivos relacionados ao comportamento do protagonista, assim como do advérbio *nunca* em contextos negativos, servem para intensificar as avaliações positivas, especialmente os julgamentos sobre o protagonista, efetuados no gênero por familiares, funcionários da cooperativa, jornalista e, até mesmo, pelo próprio protagonista da história. Também certas seleções lexicais, que visam a combater preconceitos relativos ao meio rural, embora não classificadas neste trabalho como linguagem

avaliativa, podem ser consideradas produtoras de uma imagem positiva sobre o protagonista da história e sobre o homem e a vida rural como um todo. É o caso da substituição do termo *porco* por *suíno*, de *colono* por *produtor rural ou agricultor*, de *roça* por *lavoura*.

Essa configuração dos índices de avaliação, centrados na estima social, levaram à identificação da voz presente no discurso das HV como equivalente à voz do correspondente, na qual é permitida a realização de julgamentos autorais apenas de estima social. O redator das HV também não costuma efetuar ordens, típicas da voz do comentarista. Isso ocorre não porque o objetivo das HV não seja o de persuadir, mas porque sua estratégia persuasiva não prevê ordens diretas, mas sugestões apresentadas indiretamente.

Entre os propósitos desta pesquisa, constava o de testar o emprego da Teoria da Valoração no português. Ao utilizá-la, na análise das HV, a primeira constatação é a de que a categorização proposta pelos autores não é tão evidente quando aplicada aos textos. Isso se deve ao fato de um mesmo índice de avaliação poder ser enquadrado em várias categorias, dependendo da interpretação do analista. Além disso, as avaliações implícitas são muito mais abundantes e importantes do que a teoria faz supor, assim como os adjetivos não são os únicos meios utilizados para efetuar avaliações, especialmente, julgamentos.

Outro problema que enfrentamos, este já previsto pelos autores da teoria, é o de os componentes das categorias de estima e sanção social não estarem totalmente adequados ao nosso contexto cultural. Um exemplo simples é o termo *frio*, que Martin e White (2005) classificam como um valor positivo de estima social, mas que no contexto latino-americano possivelmente seria avaliado negativamente. Também classificações, como *tenacidade*, *normalidade*, *capacidade*, *veracidade* e *propriedade* parecem não dar conta do variado leque de valores que uma sociedade compartilha e dos amplos recursos de avaliação que o “tesouro lingüístico” disponibiliza.

Por outro lado, categorias como *avaliação*, *afeto* e *julgamento*, bem como *sanção* e *estima social*, embora nem sempre sejam tão claras e distintas, demonstraram ser adequadas e possíveis de identificação no corpus de estudo. Do mesmo modo, a proposta acerca das vozes jornalísticas é interessante e viável, apesar das dúvidas quanto à efetiva autoria de certas avaliações.

Com relação ao uso de ferramentas computacionais para a análise lingüística, embrenhar-se por esse campo foi um desafio, já que nunca havíamos trabalhado sob essa perspectiva. Consideramos ricos os dados obtidos com o *WordSmith*, além de bastante esclarecedores sobre a constituição ideacional do corpus. A análise da ocorrência dos termos, morfemas ou expressões no seu contexto lingüístico também pode ser útil a estudos que tratam de recursos avaliativos ou, até mesmo, àqueles que se dediquem de algum modo à análise discursiva. Cabe a ressalva, porém, de que as listas de palavras, por si só, não dizem muito sobre o objeto, no caso de análises como esta, podendo, inclusive, levar o analista a alguns equívocos. Por isso, é conveniente que alguns dados sejam situados em seu contexto lingüístico, com o intuito de conferir se a informação tem coerência semanticamente.

O principal objetivo retórico das HV, como já dissemos, é fornecer um exemplo de produtor rural aos demais produtores e, por isso, elas constroem por meio de linguagem avaliativa, sentidos positivos e negativos acerca de comportamentos humanos. As publicações relativas à extensão rural, de um modo geral, não costumam utilizar esse tipo de artifício, pois essa área tradicionalmente utiliza os meios comunicativos para ensinar técnicas agrícolas ou divulgar novidades tecnológicas e informações comerciais. Por isso mesmo, na própria cooperativa que produz o jornal JR, o gênero história de vida foi criticado por não estar efetuando nenhuma dessas demandas, de modo que não contribuiria para os interesses da instituição.

De fato, o gênero história de vida trabalha com a difusão de valores, os quais não fertilizam solos nem fazem plantas produzirem grãos maiores e mais nutritivos. Mas poderíamos dizer que eles fertilizam mentes e, com isso, incentivam os indivíduos a adotarem comportamentos que contribuirão indiretamente para o crescimento da produtividade agrícola almejado pela cooperativa e, provavelmente, por toda a nação.

Além disso, embora somente certos fatos da vida dos agricultores sejam incitados pelo repórter, tornando as HV, como documento histórico, muito limitadas, não se pode negar que elas têm certo valor nesse sentido, já que resgatam o passado colonial de uma região sobre a qual não há muitos registros nem estudos historiográficos. Esse gênero textual também deve receber o mérito de dar voz àqueles que normalmente não possuem essa oportunidade, já que as histórias de velhos agricultores não têm lugar nos grandes meios de comunicação. E se essas

histórias não têm lugar em muitos veículos não é somente porque não ‘rendem’ notícia ou não são fatos importantes, mas também porque esses veículos são urbanos e o meio urbano ainda discrimina o rural, apesar da crescente proximidade cultural entre eles.

Com relação ao objeto analisado, JR e outros tantos jornais rurais são fontes de pesquisa excepcionais para os estudiosos da linguagem por terem objetivos comunicativos bem definidos e uma finalidade de persuasão evidente e até assumida. Também são interessantes porque se dirigem a um grupo social cuja linguagem (entre outras características culturais) difere consideravelmente dos seus produtores, já que estes, além do maior grau de instrução, estão às voltas com léxicos especializados.

Isso faz com que as dificuldades de comunicação nos processos de extensão rural sejam constantes e intensas, justamente devido à distância social que separa aqueles que detêm o conhecimento (os técnicos) e os que executam o trabalho (os agricultores). Assim, estudos da linguagem talvez pudessem contribuir para a maior eficiência dos processos de comunicação que envolvem esses grupos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, M. F. **Juan Díaz Bordenave e a comunicação para o homem rural.** 1993. 347f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1993.

AZEREDO, J.C. Aspectos semântico-textuais do nome e da nominalização. In: VALENTE, A. **Aulas de português: perspectivas inovadoras.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 243-256.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** São Paulo: Cortez, 2005.

BERBER-SARDINHA. Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem. **DIRECT Papers**, São Paulo, n. 40, 1999. Disponível em <http://lael.pucsp.br/direct>. Acesso em: out. 2006.

BIALOSKORSKI NETO, S. Agribusiness Cooperativo. In: ZYLBERTAJN, D; NEVES, M. F. (orgs). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 235-253.

BONINI, A. **Gêneros textuais e cognição:** um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos. Florianópolis: Insular, 2002.

_____. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? In: **Linguagem em (Dis) curso**, Tubarão-SC, Unisul, v.4, n.1, 2003. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/revista.htm> Acesso em: 2 fev. 2006.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação rural.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CABRAL, S.R.S. **Estrutura textual e transitividade: a carta do leitor como construção da experiência.** 2002. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.

CALLOU, A. B. F. Estratégias de comunicação em contextos populares: implicações contemporâneas no desenvolvimento local sustentável. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE INVESTIGADORES DA COMUNICAÇÃO, 7, 2004, La Plata-AR. Anais eletrônicos...La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2004. Disponível em <http://www.eca.usp.br/alaic/trabalhos2004/g1/angelobras.htm>. Acesso em: 20 abr.2006.

CORREA JUNIOR, W. F. Paradigmas da comunicação rural. **Revista Agricoma**, [199-]. Disponível em www.agricoma.com.br/artigocomruralwilsonfonseca.htm. Acesso em: 20 abr. 2006.

DUARTE, J. Comunicação e transferência de informação tecnológica para o agricultor: caso brasileiro. **Comunicação em agribusiness & meio ambiente**, v. 2, n. 2, julho de 2005. Disponível em <http://www.agricoma.com.br/revanteriores.htm#>. Acesso em: 14 abr. 2006.

FERREIRA, A. B. H. (Ed). **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 15 reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 19-.

FONSECA, M. T. L. **A extensão rural no Brasil, um projeto educativo para o capital**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 10 ed. Rio de Janeiro: Terra e paz, 1977.

FREITAS, I.L. A construção de identidade de garotas adolescentes em revistas femininas. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia-MG, n. 21 (1), jan/jun, p. 49-84, 2005.

GARCÍA-CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALLIDAY, M.A.K. **El lenguaje como semiótica social: la interpretación social del lenguaje y del significado**: Colômbia: Fondo de cultura econômica, 1998.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Language, context, and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective**. 5 ed. Geelong – Australia: Deakin University, 1997.

KINDERMANN, C.A.; BONINI, A. A reportagem jornalística: uma caracterização inicial do gênero a partir de exemplares publicados no jornal do Brasil. In: MOTTA-ROTH, D.; BARROS, N.C.A.; RICHTER, M.G. **Linguagem, cultura e sociedade**. Santa Maria: UFSM, 2006. p. 39-56

MAIO, A. M. D. Imprensa cooperativa rural: o apelo à qualidade. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004, Porto Alegre. Anais...Porto Alegre, 2004. 1CD-ROM.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO; A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARTIN, J.R.; WHITE, P.R.R. **The language of evaluation**: appraisal in english. Palgrave Macmillan: New York, 2005.

- MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2000.
- MILLER, C.R. Genre as a social action. **Quaterly Journal of Speech**, 70, p.151-167, 1984.
- MOTTA-ROTH, D. A construção social do gênero resenha acadêmica. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros textuais.** Bauru: EDUSC, 2002. p. 77-116.
- OCB. **Organização das cooperativas do Brasil.** Disponível em www.ocb.com.br. Acesso em: maio 2005.
- O GLOBO. **Manual de redação e estilo.** São Paulo: Globo, 1992.
- OLINGER, G. **Extensão rural: verdades e novidades.** Florianópolis: EPAGRI, 1998.
- PEREIRA, J. A. **O papel dos departamentos de comunicação e educação em cooperativas agropecuárias do oeste de Santa Catarina.** 1999. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1999.
- PIPPI, J. **Ciência, tecnologia e inovação: interdiscursividade jornalística, reformulação discursiva e heterogeneidades.** 2005.130f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.
- REBOUL, O. **Introdução à retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola editorial, 2005. p.184-207.
- SANTOS, A. C. A. Fontes orais, trajetórias de vida e história. In: **Arquivo público do Paraná.** Disponível em www.pr.gov.br/arquivopublico/pdf/palestra_fontes_orais.pdf. [199-]. Acesso em: dez. 2006.
- SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in academic and research settings.** New York: Cambridge University Press, 1990.
- VELA, H.; HEGUEDUS, P. A extensão rural e o pensamento internacional. In: VELA, H. (org). **Extensão rural no MERCOSUL.** Cruz Alta: UNICRUZ, 1999.
- WHITE, P.R.R. Un recorrido por la teoría de la valoración. In: **Appraisal website**, [200-]. Disponível em <http://www.grammatics.com/appraisal/>. Acesso em: 23 maio 2006.
- _____. A linguagem da valoração e da perspectiva. Débora de Carvalho Figueiredo (trad.). In: Revista Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, Unisul, v. 4, número especial, 2004. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/revista.htm> Acesso em: 2 jun. 2006.
- WOLF, M. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Editorial presença, 2001.



A vida não é feita só de alegrias. João Zerbieri, 62 anos, sabe bem o que isso significa. Além das batalhas da vida comuns a qualquer pessoa, João enfrentou a hostiomilite, uma doença grave que provoca inflamação nos ossos. Apesar de carregar no corpo as cicatrizes da enfermidade, ele venceu. Com 12 anos, perdeu o pai e a terra da família leve de ser vendida para pagar as dívidas. Com a mãe e os três irmãos foi trabalhar de agregado. Quando tinha 21 anos, conseguiu comprar um pedaço de terra para a família. Meses depois, o sofrimento não havia nem começado.

Com 22 anos, a implacável doença se manifestou

A cara da coragem

ACREDITANDO NO SENTIDO DA VIDA, JOÃO ZERBIELI, DE LINHA FELIZ, PLANALTO ALEGRE, VENCEU UMA DOENÇA GRAVE E AS TRAGÉDIAS QUE SE ABATERAM SOBRE SUA FAMÍLIA.

po, restou uma perna deformada. Quando estava se recuperando da enfermidade, precisou voltar a trabalhar. Quebrava milho escorandoso na muleta.

A hostiomilite passou a se manifestar de ano em ano, cada vez em uma parte diferente do corpo. João tem seis cicatrizes profundas da inflamação que estourava pele afora. "A vida é boa, mas tem que ser vivida. Não devemos nos deixar abater pelas dificuldades. Elas são passageiras". Frases como essa soaram normais ditas por qualquer pessoa. Quem ouviu a história de João, descobreu que são verdadeiras pérolas.

Ao seu lado, João tem uma guerreira, a esposa Maria. Quando a enfermidade se manifestou pela primeira vez,



João e Maria com dois dos quatro filhos

cuidades com muita coragem", afirma Maria.

Foi lutando ao lado de Maria que João conseguiu criar os quatro filhos. Eles fizeram salras de até 80 sacas de feijão. Aos 30 anos comprou 12 hectares de terra, em Linha Feliz, onde viveu até hoje. "Foi difícil pagar a terra. Agora, ninguém precisa vender terra pra pagar hospital, tem atendimento gratuito. Hoje é bom de viver". Conforme foram crescendo, os filhos começaram a ajudar e a vida da família foi melhorando cada vez mais.

"Pra mim, existe apenas uma crença religiosa: o amor".

(João Zerbieri)

Quando parecia estar tudo bem, mais uma deceção. No dia 7 de setembro de 2003, um raio provocou o incêndio da residência da família. Com a casa, queimaram lembranças de uma vida inteira, documentos e ferramentas de trabalho. No porão, eram guardados insumos e implementos agrícolas. Não sobrou nada. Por sorte, todos os membros da família não estavam em casa. Passaram

a morar no piaô, até a reconstrução da nova casa.

Mas dessa vez, João, Maria e os filhos se reergueram mais fácil. "Muita gente nos ajudou. Receberemos ajuda até de gente que nem nos conhece". Da cooperativa recebeu o auxílio mútuo residencial. "Existe muita gente boa".

A vida continua

João diz que não troca o hoje pelo ontem. "Vivemos num mundo bom. Hoje temos muitos recursos, como meio de transporte rápidos, cooperativa, atendimento médico, escola, energia elétrica, telefone. Hoje tem tudo".

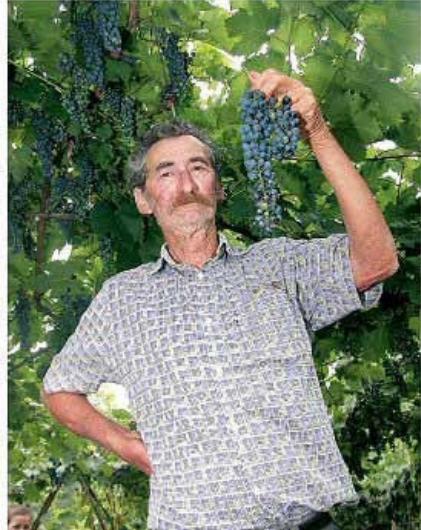
Uma das rendas proporcionadas provém do avárião de 50 metros em parceria com a Aurora e da lavoura de milho. João também planta de tudo um pouco: mandioca, amendoim, pipoca, vassoura, batata, alho, cebola e arroz, tudo orgânico. Duas vacas garantem o leite e o queijo para a família. Também tem o porco pra banha. "Assim, sobra pouca coisa pra comprar no mercado", orgulha-se Maria. João também faz vinagre. São mais de mil litros por ano, vendido para

amigos e conhecidos. "Já sou aposentado, podia ficar o dia inteiro na bodega, mas prefiro me dedicar ao trabalho. Eu gosto da terra".

Conforme o gerente da em linha Feliz, Márcio Celuppi, pessoas como João são um exemplo de perseverança e determinação. "Ele encara os problemas de frente, enquanto existem pessoas que passam a vida fugindo deles". Associado desde 1981, João já recebeu a Cota Capital e associou o filho também. "A cooperativa é a força total do agricultor".

Mesmo carregando no corpo as marcas do sofrimento, João se dirige e demonstra ser uma pessoa feliz. "Eu trabalho muito com a força da mente. Pra mim, existe apenas uma crença religiosa: o amor", disse.

Não é difícil se emocionar com a história de João. Algumas pessoas desistem diante dos problemas. Outras, como é o caso do nosso personagem, lutam incansavelmente. Essas pessoas têm a cara da coragem. A lição que ele nos deixa é que podemos ser felizes mesmo lutando contra as *intempéries* da vida. Não é por acaso que o lugar onde João vive tem o nome de Feliz.



A uva que vai virar vinagre.

pela primeira vez. "Eu não morri de dor; ninguém morre de dor". João passou momentos terríveis. "Eu vi a morte enquanto delirava. Fizeram até novena para que eu morresse logo". Foram meses nos hospitais. Ele ficou cinco meses sem poder fazer qualquer movimento. Desse tem-

pelos eram noivos. Ela esperou a recuperação do futuro marido. Quando João tinha 25 anos casaram. "Se eu gostava dele quando estava sô, não ia deixar de gostar quando ficou doente". Logo que casaram, Maria pegava no arado para ajudar o esposo. "Eu sempre enfrentei as difi-

Anexo B

22
Janerio/2005
17 anos



Espírito jovem aos 70



O gerente da ... de Alto da Serra Nenzi Bodanese, Therezinha e Gino. Salame não pode faltar

Gino Tomazini, 74 anos, vivenciou bem os velhos tempos da agricultura em que a terra era lavrada com boi e arado. As técnicas agrícolas mudaram, mas como outros tantos, se adaptou ao novo jeito de trabalhar a terra. Ele lembra ainda que criava porco pintado, solto no mangueira. Na alimentação, nada de ração, só lavagem. Com a camionete Chevrolet motor 51, a gasolina, apelidada de Baia, ia entregar porcos e voltava com tijolos para construir sua casa.

Natural da Argentina vive no Brasil desde os dois anos de idade, quando os pais mudaram-se para o interior de Getúlio Vargas, no Rio Grande do Sul. Em 1957, Gino casou com Therezinha Santin. Com o filho Moacir ainda pequeno, em 1959, passaram a residir em Santa Catarina. A primeira morada, em linha Batistello, Chapecó, foi um paio. "Tinha festas enormes", recorda.

Na época da mudança, Gino vendeu 8 alqueires de terras gaúchas e comprou uma colônia e meia em Chapecó, com um ano de prazo para pagar. "Não tinha mais espaço para ampliar nossa propriedade no Rio Grande do Sul". Trabalhando como agricultor Gino prosperou e criou os cinco filhos: Milton, que é conselheiro da

Mariice, Célio, Célia e Luciane.

Milho, feijão e trigo eram as culturas a que Gino se dedicava. Chegou a ter 13 agregados ao mesmo tempo. "Nunca me incomodei. Nada era assinado, tudo era feito na base da confiança". Para adquirir financiamentos no banco tinha que ter boa fama. "O gerente do banco pedia para algum conhecido se você era gente boa, trabalhador". O único documento que Gino tinha era a certidão de casamento. Foi dessa forma que comprou terras e dois caminhões a juro agrícola. Naquele tempo, lembra Gino, o associado só recebia o dinheiro da produção quando a cooperativa vendia.

"Trabalhava de sol a sol, mais cinco ou seis horas com lampião".

Gino também sempre foi cooperativista. Sua ficha como associado da ... é a número 79. Ele é um dos remanescentes do grupo de fundadores da cooperativa. Estava presente na visita quando foi alugado o armazém da antiga Sibrasen, para guardar a produção dos associados. Naquele tempo, lembra Gino, o associado só recebia o dinheiro da produção quando a cooperativa vendia.

Trabalhar é viver

Uma das palavras mais importantes no vocabulário de Gino é trabalho. "Trabalhava de sol a sol, mais cinco ou seis horas com lampião". Quando a lua estava cheia, era ela quem fazia companhia ao agricultor. "Antigamente, o trabalho era forçado, mas era mais fácil progredir. A terra também era barata". Trabalho foi a principal lição aprendida pelos filhos. Gino lembra de Milton, que moia um saco de milho por dia numa máquina manual. Muitas vezes achava o garoto adormecido sobre as sacarias no paio.

Os primeiros pés de soja da variedade Santa

Rosa foram plantadas no meio do milho. Quando pronta para a colheita, era arrancada a mão. Todo ano se plantava feijão. "Algumas vezes produzia bem, outras não rendia nada". Mas o grão gerou prosperidade no campo. "Com duas safras de feijão paguei metade colônia de terra".

Naquela época, ninguém ouvia falar de semente tratada. Para plantar milho, Gino escolhia as melhores espigas para virar semente. Quando a lavoura estava pronta para a colheita, o agricultor e os agregados passavam dias quebrando o milho. Ainda na época da colheita, era preciso mobilizar muita gente. Buscava peões nos bairros de Chapecó para garantir a colheita.

Gino está dividindo as 13 colônias de terra que garantiram sua prosperidade entre os filhos. Durante seis meses, o gado pasta nas terras cobertas pelo azevém, em média são 140 cabeças de gado de corte Nelore e Charolês. No outro período do ano, a terra é ocupada pelo colorido mutante do milho, da soja e do trigo. Dois silos de 100 metros com perus completam a renda da propriedade. O primeiro avião foi construído em 1977.

Aproveitando o espaço e os recursos de sua propriedade, Gino tem de tudo um pouco. Cria porco e ovelha pra gasto. Salame não pode faltar. Outra paixão é a uva, que esta safra deve produzir mais de dois mil quilos. Da uva, resulta um delicioso vinho, servido a

Tanques, Ordenhadeiras e Tratores com financiamento em 60 meses.

Dimaq 60 parcerias com o futuro da cultura

32 MESES
Fone: (49) 3220-0300

Av. Getúlio Vargas, 1014-N
Chapecó - SC

Peças Originais:

-
-
-
-
-
-

Westfalia

• todos os que chegam na sua casa. No ano passado, produziu 700 litros de vinho e este ano a produção deve ultrapassar os 1500 litros. Nenhum espaço é desperdiçado. Debaixo do parreiral, cultiva feijão. Gino também não dispensa os cuidados com os peixes e os passeios a cavalo.

Mais de 70 espírito jovem

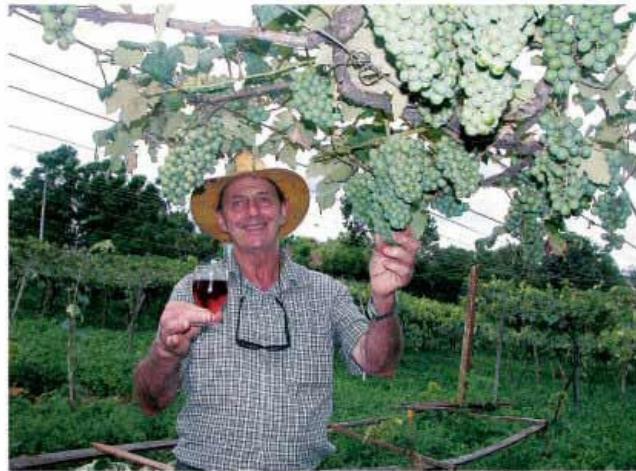
Gino celebra os 74 anos vividos com saúde divertindo-se, na companhia da esposa, no grupo de idosos. Há mais de 9 anos fazem parte da diretoria do grupo em que participam. "Nos encontros, o idoso sai da rotina, conversa, ri e dança".

Mesmo aposentado Gino não abre mão do trabalho na propriedade. "Aposentadoria é boa pra quem sabe aproveitar, pra muitos é azar. Passam os dias na

bodega, sentados ao lado daquele copo pequeno".

Nas horas de folga, Gino senta na varanda e atento vislumbra os movimentos na propriedade. "Fico cuidando ladão", revela. Furtos no campo são um problema e os idosos muitas vezes assumem a função de guarda dos próprios bens. "Alguém tem que cuidar, não da pra deixar a propriedade sozinha".

Apesar dos 74 anos, Gino conserva no sorriso a alegria dos jovens, resultado do amor e dedicação para com a terra. Foi essa mesma terra, que fez dele um homem forte, determinado e alegre, foi com ela que Gino deu sustento e garantiu o futuro de sua família. Gosta de contar causos, dos tempos passados e do presente, que muita vezes assusta pela falta de inocência, que se perdeu no tempo em que nosso personagem da série Colheitas do Tempo não tinha nem CPF.



Gino mostra com orgulho o parreiral carregado e o vinho que produz.

Outra paixão é a uva, que nesta safra deve produzir mais de dois mil quilos. Da uva, resulta um delicioso vinho, servido a todos os que chegam na sua casa. Este ano, a produção deve ultrapassar os 1500 litros. Nenhum espaço é desperdiçado. Debaixo do parreiral, cultiva feijão.

Citricultor destaque

Em Guaraciaba, Antonio Pelegrini foi destaque na citricultura. A família residente em linha Daltro Filho, optou pela atividade devido ao retorno econômico compensatório por área e de menor risco com relação às culturas anuais. Apenas o agricultor e a esposa viabilizaram a atividade. Somente no momento da colheita foi contratada mão-de-obra.

O produtor trabalha com as variedades de laranja Valéncia, Bergamota Montenegrina, Mureott e Argentina. São quase duas mil plantas, sendo mil pés de laranja. Durante o ciclo de produção, in-

vestiu em adubação química, sendo que em agosto foram aplicadas 600 gramas por planta; em novembro, foram 500 gramas por planta e em fevereiro, 400 gramas em cada planta. Também aplicou fungicida, adubos foliares e a calda sulfocártica, sendo duas aplicações no inverno, durante a florada, e duas aplicações no verão.

Com o trabalho dedicado e boa produtividade o associado colheu 93 quilos de laranja por planta. "Foi um sucesso no retorno financeiro por área". No total, foram 93 toneladas de laranja, uma produtividade e tanto.



Antônio Pelegrini de Guaraciaba, com a esposa



A CASP possui a solução para a montagem ou ampliação da sua granja de aves e suínos, oferecendo a melhor tecnologia existente no mercado em equipamentos manuais e automáticos. São comedouros, bebedouros, silos, distribuidores de ração, aquecedores, ventiladores e sistemas de climatização. Conheça a linha completa de produtos através do site:

EQUIPAMENTOS PARA AVICULTURA E SUINOCULTURA

www.casp.com.br



CASP S/A INDÚSTRIA E COMÉRCIO Fone: (19) 3808.8800 - casp@casp.com.br

Anexo C

10
Fevereiro/2005
10 anos



Fidelidade, apesar da distância



Deonildo, Delize, o filho Jair e carro de boi que eles usam para ir na roça

"Ele sempre acreditou no cooperativismo. Mesmo passando com sua produção na frente de cinco comerciantes, nunca deixou de entregar sua produção na [redacted]."

(Claudiomiro Bortoluz)

E foi isso que Deonildo fez. Da sua propriedade, em Presidente Juscelino, Novo Horizonte, até a filial eram 35 quilômetros. No dia de ir até a cooperativa, levantava antes de amanhecer e fazia seis quilômetros a pé até o asfalto, onde pegava o ônibus. Há 17 anos, a [redacted] instalou filial em Serra Alta, que depois seria transferida para São Roque. A distância diminuiu e a fidelidade do associado foi fortalecida.

O gerente da filial de São Roque, Claudiomiro Bortoluz, diz admirar Deonildo porque apesar de todo o sofrimento, sempre foi um cooperativista fiel. "Ele sempre acreditou no cooperativismo. Mesmo passando com sua produção na frente de cinco comerciantes, nunca deixou de entregar sua produção na [redacted]."

Deonildo é da época em que de dia se trabalhava e à noite os vizinhos se reuniam para serões madrugada adentro. O lâmpião, movido a querosene iluminava a praça das mulheres e o jogo de baralho dos homens. Ele lembra com saudade das rezas nos capitéis, capelinha construída numa encruzilhada ou no lugar onde alguém havia morrido. A religiosidade sempre esteve presente na vida de Deonildo. Há mais de 40 anos recebe a capelinha todos os meses em sua casa.

"Todas as noites se ouvia o urro de um leão. De dia, era possível ver o rastro dele."

Impressiona a facilidade de que nosso personagem tem de guardar datas. Acontecimentos importantes não se apagam de sua memória. Além de citar com precisão o dia em que se associou na

[redacted] 04 de janeiro de 1978, sabe também a data em que chegou ao Rio Grande do Sul: 13 de fevereiro de 1958. Da viagem são muitas lembranças, mas a mais marcante é a do gado que veio andando das terras gaúchas até São Lourenço do Oeste. Foram dez dias de andanças.

"Sempre tive consciência de que era preciso preservar a mata. De lá vem a água que bebo".

(Deonildo Detoni)

A terra fértil e a área limitada no Rio Grande do Sul foram estímulos para a mudança de estado. A grande quantidade de mata na região Oeste catarinense também era um atrativo à mata. Mas, diferentemente da maioria dos desbravadores da região, a intenção não era desmatar. "Os italianos

gostavam muito de caçar", explica Deonildo. Naquela época, o principal passatempo era a caça. Entre os alvos, veados, tatus, tatéto (uma espécie de porco). Todas as noites ouvia-se o urro de um leão. De dia, era possível ver o rastro dele.

As caçadas terminaram, mas a mata continua intacta. Na sua propriedade, Deonildo conserva 15 hectares de mata nativa. "Sempre tive consciência que era preciso preservar. De lá vem a água que bebo".

A propriedade tem 60 hectares, sendo 23 de lavoura. A renda da família é complementada pelo leite de oito vacas holandês, e a criação de suínos por ciclo completo. Outra atividade de Deonildo é a criação de cabritos, em torno de 20 por ano. "É só pro gasto".

Ceroulas de bolsa de açúcar

Recém casado com Delize, Deonildo continuou

morando com os pais. Foi lá que nasceu a filha mais velha, Janete. Depois de alguns anos construiu uma casinha. Mas, todos os dias, ele e a esposa faziam quatro quilômetros a pé para ir trabalhar na terra do pai. E nada de relógio para ver as horas. A posição do sol dava o horário. Depois veio o filho Jair. Doente, o menino chorava sem parar. O trabalho na roça tinha de ser conciliado com os cuidados com o menino.

A técnica de plantio era totalmente diferente da praticada hoje. Arava a terra e plantava o milho com dois metros de distância por cama. No meio, plantava soja Santa Rosa. Com esse sistema chegou a colher 74 sacas de soja de uma. "Muitas vezes carpimos debaixo de chuva".

Para os visitantes, Deonildo gosta de contar histórias passadas em sua vida. "Quando surgiu a bermuda para os homens comprar uma. Um dia, fui pra Formosa de bermuda.→

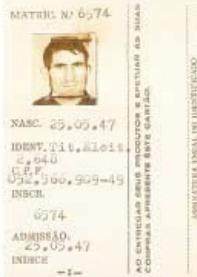
Fevereiro/2005

11

10 anos



• Tinha que voltar de ônibus. Lembei que não deixam viajar com a peça. A solução foi comprar um par de calças pra poder voltar pra casa". "Começamos nossa vida sem nada", lembra Deonildo. As bolsas de 60 quilos de açúcar eram aproveitadas



O técnico Marcionei Zimmerman, Jair, Delize, Deonildo e o gerente da Cooperativa Claudiomiro Bortoluz. No detalhe, a carteira de associado da



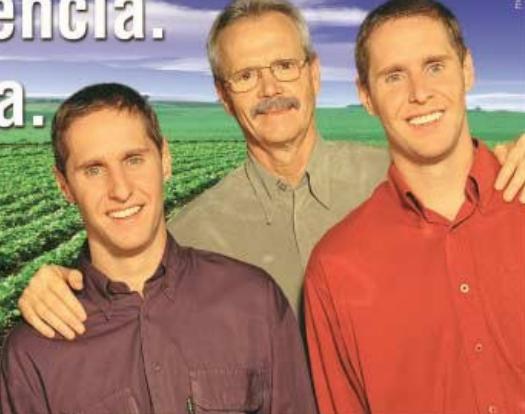
para fazer ceroulas. "Eram tão grandes e desconfortáveis que dava pra se enrolar", conta nindo. Muitas vezes, arando, a ceroula caia. "Era muito engraçado". Além de ceroula, Deonildo usou muita

bombacha, inclusive para ir na roça. "No meio dos estépes era um enrosca aqui, enrosca lá, que acabei rasgando uma bombacha. Fiquei só de cuecas". Apesar do bom humor,

Deonildo passou por muitas nessas vida. "Foram altos e baixos, alegrias e tristezas". Mesmo quando a esposa perdeu parte da visão, não se deixou abater. "Nunca pensei em desanistar".

Não faça experiência. Exija experiência.

**Exija Opera®
na 1ª e na 2ª^a
aplicação.**



Opera®
A opção pela produtividade

F500

**Cultivando Inovação,
Criando Valor**

BASF
The Chemical Company

ATENÇÃO:
Este produto é um agrotóxico de uso restrito, controlado e seu uso é proibido. Use devidamente e siga rigorosamente as normas de uso estabelecidas no rótulo, no manual de instruções e nas normas de segurança. Este produto é venenoso para os animais de estimação. Nunca permita a aplicação do produto por pessoas de idade avançada, crianças e adolescentes. Nunca permita que pessoas com deficiências mentais ou físicas, alcoolizados, drogados ou com outras condições de saúde voltem ao local de aplicação. Nunca permita que pessoas com deficiências mentais ou físicas, alcoolizados, drogados ou com outras condições de saúde voltem ao local de aplicação.

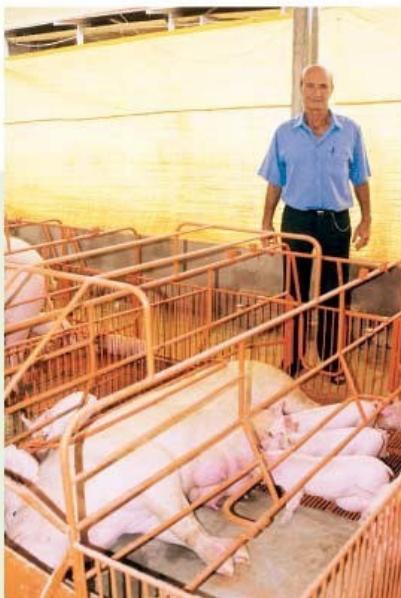
Anexo D

12
Fevereiro/2005
17 anos



JOVELI CASSARO

Trabalho é o sentido da vida



Suinocultura sempre foi a atividade preferida de Joveli Cassaro

Suinocultor tradicional, Joveli Luis Cassaro, 67 anos, reside em Santo Antonio do Meio, União do Oeste, desde 1953. Veio com os pais e cinco irmãos de Erechim, no Rio Grande do Sul, seguindo o mesmo caminho que milhares de gaúchos fizeram rumo a Santa Catarina. Cassaro foi um dos desbravadores da região, ajudou a construir com o trabalho braçal o desenvolvimento local. Foi a lida com a terra que garantiu o sustento da família.

Com a união de famílias foi se formando a comunidade de Santo Antonio do Meio. A primeira escola e a primeira capela foram construídas como esforço dos moradores. O terreno para a Igreja foi doado pela família. Escola, Igreja e Cooperativa; estava formada a comunidade.

Em 1959, Joveli casou com Odila. Da união, vieram sete filhos: Darcí, Oneides, César, Elói, Sirlei, Roberto e Lucivani. Todos os homens continuam na agricultura, trabalhando com o pai.

Da união, pai e quatro filhos construíram-se uma sociedade próspera. Sempre tendo como lema a palavra trabalho, Joveli e os filhos cuidam de 90 cabeças de gado Nelore, alimentadas com pastagem que tem como base a variedade tifton. O profissionalismo também pode ser visto nas demais atividades.

Há 22 anos, Joveli começou a vender carpas durante a Semana Santa, em uma feira em Coronel Fre-

tas. Todo o ano repetia o ritual. Sua entrada na piscicultura foi mesmo abençoada. Hoje, são 18 aqüões que, ao invés de carpas, estão cheios de tilápias. Em 1999, construiram um frigorífico de peixes na propriedade. Além da produção própria, compram também a matéria-prima de outros produtores. São 30 toneladas brutas de peixe ao ano, comercializadas em todo o Oeste de Santa Catarina.

"As dificuldades da vida são muitas, mas devemos ser acessíveis a mudanças e enfrentar com trabalho e confiança".

O maior orgulho de Joveli é ter educado os filhos para o trabalho e, com eles

construir uma empresa próspera. Nos planos para o futuro, o bem-estar da família. "Eu quero continuar ajudando os filhos e ver eles tocando isso aqui".

"Vi a peste suína apenas duas vezes na minha vida. É uma doença terrível".

Grande parte do sucesso de Joveli reside em sua humildade. Aprendeu com os pais que trabalho era tudo na vida e, sempre foi assim. Da educação rígida, aprendeu a ser um pai bondoso e um avô amoroso. Não perde uma oportunidade de reunir filhos, netas, genros e os 15 netos. "Estamos sempre juntos, gosto de ver todo mundo aqui. Somos uma família muito unida. Isso é a melhor coisa que existe".

Os filhos demonstram nas palavras o orgulho que têm do pai. "Nosso pai nos orgulha muito, sempre pensou no futuro de forma positiva". Procurou ser sempre amigo e justo. "Eu sou igual a meus filhos. Não sou melhor, nem pior". Para os netos, é um avô dedicado e bem quieto que poucos hoje em dia tem a oportunidade de conviver.

Antigamente toda a produção da família girava em torno da suinocultura. Todo o milho produzido era para a atividade. "Passava o dia inteiro carpindo. Tocia a camisa três, quatro vezes num meio dia". Sempre mudando para melhorar, foi um dos primeiros agricultores da re-

gião a adotar o plantio direto. "Foi uma inovação para a agricultura. O problema da erosão estava se agravando cada vez mais".

Com o tempo as atividades foram se diversificando. Além da suinocultura, Joveli, com a ajuda dos filhos exerce com profissionalismo a atividade leiteira, gado de corte e piscicultura nos mais de 200 hectares que compõe a propriedade.

Amor antigo

Joveli aprendeu a trabalhar na suinocultura ainda com o pai. Da mudança para Santa Catarina vieram 15 animais, já vacinados contra a peste suína. Quando o plantel da família formava 31 leitões, a peste suína assustou. Sobraram apenas os vacinados. "Vi a peste suína apenas duas vezes na minha vida. É uma doença terrível".

As vacinas afastaram o medo da peste e a suinocultura tornou-se uma atividade próspera para Joveli. A Granja Cabes, que lhe pertence, é registrada desde 1971, quando comprou um casal de súínos Landrasse, vindos da Alemanha.

Porém na história da suinocultura que Joveli apresentou, nem tudo foram flores. Vencer a longa crise da atividade consumiu, além de dinheiro de outras atividades, muita paciência. "Tivemos muito prejuízo, a renda das outras atividades era investida na suinocultura". Desistir de tudo não passou pela cabeça de Joveli. "Se parasse, o prejuízo seria maior, ia perder o investimento alto com as instalações".

Suinocultor,
Pise firme que esta terra é sua! Sucesso em 2005.
Cuidando da sanidade animal do Brasil

www.tecsa.com.br



tecsa@tecsa.com.br



TECSA
LABORATÓRIOS



0300 313 4008

O Cooperalfa

Fevereiro/2005
13
anos



Agora que a crise passou Joveli voltou a sorrir e a investir também. Está ampliando as instalações para mais 160 matrizes. Hoje são 300. Além da parceria com a Joveli vai se multiplicar fêmeas para outras granjas e produtores. A granja também produz leitões, são em média 80 entregues toda semana.

Para prosperar na atividade foi preciso mudar ao longo do tempo. "A suinocultura mudou muito. Antigamente não se calculava o custo do porco terminado, que demorava 18 meses para ser entregue. Hoje, são apenas 150 dias".

Todo o milho cultivado na propriedade abastece a produção de suínos. Agora, dispõe de tecnologia para colheita e armazenagem,

mas houve uma época em que, o milho plantado metro a metro, era guardado no pátio. Quando dava safra cheia, a produtividade não passava de 50 sacas por hectare.

Hoje são produzidos 68 hectares de milho. Chegou-se a alcançar a produtividade média de 186 sacas por hectare. A média é de 135. Há quatro anos, na resteva do milho, é cultivada soja. A produtividade média é de 30 sacas por hectare.

Sempre cooperativista

O que leva um agricultor a se associar em uma cooperativa? "Confiança em uma empresa que é sua", responde Joveli. Cooperativista há mais de 40 anos, Joveli fez parte da antiga Cooper Xaxiense. Quando a mesma foi criada, doou o terreno para a instalação de uma filial em Santo Antônio do Meio. A cota-capital também é um dos incentivos para os associados. Joveli já retirou a primeira parcela...



Os filhos Darcy e Roberto, o técnico Jackson Tedesco e Joveli

O orgulho dos filhos: "Nosso pai nos orgulha muito; sempre pensou no futuro de forma positiva". O reconhecimento do pai: "Eu sou igual a meus filhos, nem melhor, nem pior".

Câmaras de Ar Tortuga para Máquinas e Implementos Agrícolas

*Perfeita para quem
sempre quer mais*

- ⊕ Mais borracha
- ⊕ Mais resistência
- ⊕ Mais durabilidade
- ⊕ Mais garantia



| SAC 0800 411919 . www.tortugaonline.com.br |

TORTUGA
Câmaras de Ar

Anexo E

22
Março/2005
16 anos



Mais que uma pedra no meio do caminho

Ao percorrermos as estradas da série de reportagens 'Colheitas do Tempo' nos deparamos com 'uma pedra no meio do caminho', aliás, que o diga o associado da Albino Camatti, 72 anos, casado com dona Aurora Bet, de Limba Progresso - Planalto Alegre/SC. Ele conta que 60 anos atrás muita coisa existia no meio do caminho, muito mais do que pedras. No meio do caminho havia mato, capoeira, bichos e outros obstáculos. "Desbravar a região não foi uma missão fácil, era preciso muita coragem e disposição", recorda o produtor.

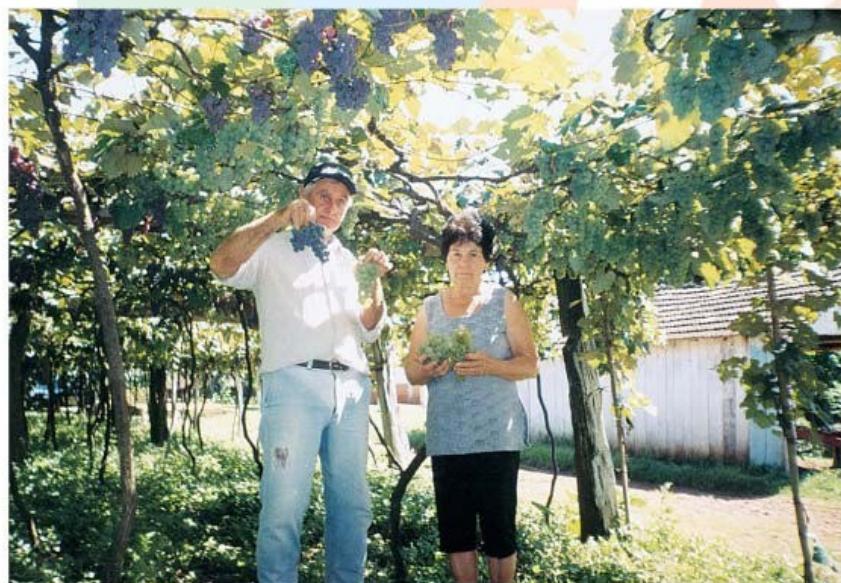
Quando veio de Antônio Prado, RS, para explorar as terras desconhecidas de Planalto Alegre, no Oeste de Santa Catarina, Albino Camatti tinha apenas nove anos. Ele, seus pais Ângelo e Ângela e mais 10 irmãos pequenos deixaram as terras dobradas do Rio Grande para tentar a vida em solo catarinense. "Eu lembro bem o quanto minha falecida mãe, chorava de medo que as coisas não dessem certo, mas meu pai não desanimou e fez o possível para que tudo acabasse bem".

"Eu lembro bem o quanto minha falecida mãe, chorava de medo que as coisas não dessem certo, mas meu pai não desanimou e fez o possível para que tudo acabasse bem".

(Albino Camatti)



Primeira casa de Albino e Aurora é preservada pelo casal. Hoje serve para armazenar produção



Albino e Aurora na última safra de uva

Albino disse que tem saudades do tempo em que havia mais confiança e menos traição entre as pessoas. Seu pai Ângelo Camatti, há 63 anos, comprou em Caxambu do Sul as cinco colônias de terra de Planalto Alegre. "A confiança era tanta que ele comprou as terras pelo mapa e só depois do

negócio fechado que foi conhecer o que havia adquirido", conta o produtor da série 'Colheitas do Tempo'.

Naquele tempo, a viagem percorrida de Antônio Prado-RS a Planalto Alegre, SC, foi longa. É que só havia estrada até a comunidade de Engenho Velho, município de Caxambu, onde a família per-

maneceu por cinco meses até abrir caminho para chegar até a vila de Planalto Alegre, na época denominada comunidade Lajeado dos Porcos, pertencente à Chapecó-SC. De Caxambu a Planalto foi necessário abrir cinco quilômetros de estrada a machado. "Até conseguir acesso às terras adquiridas por

Ângelo Camatti, onde havia um rancho de chão batido, foi preciso muita força e machado", lembra o associado.

Albino recorda que naquele tempo tudo era feito a brago e com muito custo. As tabuinhas utilizadas para cobrir a primeira casinha da família eram cortadas a serraria. A primeira professora de

Planalto Alegre só chegou 10 anos depois dos desbravadores, por volta de 1942, graças a um esforço conjunto da comunidade. Cada morador pagava um pouco. O primeiro carro da região de Planalto, um jeep, foi adquirido 50 anos atrás por Domingos Camatti. "Ele instalou um rádio no veículo e vinha na escola pra gente ouvir. Foi uma surpresa muito grande".

Para começar as roças muita madeira podre se tirava do meio do caminho para poder lavrar com os bois. As primeiras colheitas de milho e trigo, nos anos 50, eram trocadas por madeira e farinha, porque não havia comércio para os produtos. Mais tarde começaram a chegar alguns compradores paulistas na região. "Eles pagavam o que achavam que valia, mesmo assim o pouco de dinheiro que recebíamos tinha grande valor", comentou Camatti.

Com o passar dos anos, foram se instalando comerciantes no município de Chapecó e Planalto Alegre e a comercialização da produção agrícola já não era mais problema para os agricultores da região. Porém, outras 'pedras' foram surgindo no meio do caminho, como a falta de garantia no pagamento da produção. Segundo Albino, antigamente alguns comerciantes davam calote. "Naquele tempo se vendia muito na boa fé e aquele que fosse mais ligeiro, passava a perna nos 'colonos'. Muitos pagavam os comerciantes com a produção. Alguns confiavam demais e acabavam sempre endividados", conta.

Mais tarde finalmente surgiu o cooperativismo - um porto seguro para os agricultores da região. "Com a chegada da acabaram-se os problemas com a falta de segurança na comercialização dos produtos agrícolas e eu fui um dos primeiros a me associar à cooperativa", declarou o produtor.



Saudade

Albino revela que tem saudade dos tempos em que se praticava mais a religião, quando não se desperdiçava tanto dinheiro com coisas desnecessárias e quando as famílias se visitavam mais. "Precisando do favor de um vizinho vinha a família inteira ajudar e ninguém cobrava nada por isso. Se trocava favores e a palavra valia muito". O produtor defende que a honestidade de uma pessoa depende muito dos valores herdados da família. "Meu pai sempre me dizia que dívida é promessa".

Ao se referir à qualidade de vida, Camatti revela: "Eu sou feliz quando tenho amigos e o necessário para

viver, não vale a pena trocar o bem estar pelo luxo". Na opinião do associado, hoje em dia principalmente a juventude não valoriza tanto o que tem. "Antigamente eu ia pra igreja de pé no chão até lá perto, só para economizar chinelo e o meu pai só botava calçado quando ia pra cidade". E as cobras? "Tinha que se negar e quando era picado só com 'reza braba' das benzedereiras para se salvar". Ao mencionar a religião praticada nos tempos antigos, seu Albino Camatti conta que o pai e a mãe levavam os filhos pra igreja. "Hoje está faltando isso". Segundo ele, para receber a Santa Hóstia era preciso confessar. "Hoje desrespeitosamente tem gente que vai comungar bêbado". Claudemir Camatti, filho de Albino, reconhece que o exemplo dos pais é muito importante na vida das pessoas. "No dia a dia eu tento me espelhar na honestidade do pai".



E/d: gerente Piovesan, técnico Bataglion, Claudemir e Albino Camatti

"A confiança era tanta que o pai comprou as terras pelo mapa e só depois do negócio fechado foi conhecer o que havia adquirido. Com a chegada da - acabaram os problemas com a falta de segurança na comercialização dos produtos agrícolas e eu fui um dos primeiros a me associar à cooperativa".

Farinhas Cooperalfa

Mais sabor no seu dia-a-dia.







Linha doméstica.





Linha para panificação.



Fidelidade com você!

Anexo F

24
Março/2005
16 anos



"Meu lâmpião de gás..."

"Lâmpião de gás, lâmpião de gás, quantas saudades você me traz". Com esta música, notabilizada pela cantora e instrumentista Inezita Barroso, homenageamos aquelas pessoas anônimas que de alguma maneira construiram suas histórias apesar da escuridão. Aos ascendentes de lâmpião a homenagem da série de reportagens 'Colheitas do Tempo', do jornal ***COLHEITAS do TEMPO***, para você leitor que curte histórias passadas e lembranças nostálgicas apresentamos a experiência de Tadeu Gollub, de 71 anos, associado da filial ***Maratá***, interior de São Domingos-SC.

Tadeu Gollub e sua esposa Maria Qissil Gollub moraram na Linha São Maurício, interior de São Domingos, juntamente com o filho Carlinho, a nora Cleci e o netinho Henrique Bernardo. Tadeu nasceu em 1934 no município de Erechim-RS. Logo se mudou com seus pais para a comunidade de Paloma, Distrito de Itatiá do Sul-RS, onde viveu até 1955, ano em que veio para Santa Catarina em busca de uma vida melhor, graças ao convite insistente do cunhado.

No começo Gollub resistiu bastante à ideia de ir para um lugar distante dos recursos, sem dinheiro e só com a coragem. "Mas meus pais me encorajaram dizendo que se não desse certo era só eu voltar para junto deles". Lá no Rio Grande, as terras onde morava a família Gollub eram muito dobradas e, portanto, pouco favoráveis à produção de grãos. "O jeito era buscar outras alternativas", disse.

"Naquele tempo as famílias moravam distante até três quilômetros uma da outra e se visitavam muito mais do que hoje".

(Tadeu Gollub)

Quando chegaram em Santa Catarina, no interior de São Domingos, o cenário era bem diferente daquele onde moravam. As terras já não eram tão onduladas. Porém, era uma região totalmente coberta pela mata virgem. A partir daquele ano, 1955, começavam a chegar os pioneiros da agricultura regional. Não tinha nada, não havia estrada, só tinha chão e mato. Foi preciso começar do zero, abrir caminhos a picão e machado. Ao chegar nas terras catarinenses, Tadeu Gollub foi morar com o cunhado até que pudesse se virar. Logo encontrou um lugar distante do cunhado,



Cenário que foi se apagando com o tempo



Eld: gerente Nei, filho Carlinho, nora Cleci, neto Henrique e o casal Maria e Tadeu

onde trabalhou algum tempo de arrendatário até adquirir as suas próprias terras. Naquele tempo o dinheiro valia mais e não era tão difícil comprar terra.

Foi em 1957 quando Tadeu Gollub adquiriu a sua primeira área de terra (13 hectares), em prestações. "A partir

dei comecei a construir um futuro para a família que eu formaria mais tarde". A terra adquirida pelo produtor precisava ser desbravada: a mata tinha de ser derrubada para a implantação das roças. A estradas eram abertas a picão e serrate. Gollub conta que para abrir cinco quilômetros

de estrada, em oito famílias, levaram 240 dias. Cada família trabalhou 30 dias. Ele conta que o primeiro veículo motorizado a passar pela estrada foi o caminhão de mudança de João Angnoni em 1960, ano em que Tadeu Gollub casou-se com Maria Qissil. "Tivemos seis filhos".

"A escuridão das estradas não era motivo para deixar de visitar os amigos para conversar, rezar junto à capelinha e jogar quatrilho. As lanternas a querosene bastavam para iluminar os nossos serões".

(Tadeu e Maria)

Tadeu é sócio da ***16*** desde 1976 e integrado da Aurora há mais de 20 anos. Ao comparecer a suinocultura atual com a que se praticava antigamente, produtor fez questão de mencionar as chamadas 'safras de porcos' praticadas pelos criadores de suínos daquele tempo. Ele conta que quando o milho estava pronto para ser colhido, largava-se os animais na roça para que se alimentassem. Geralmente uma safra era suficiente para três meses de alimentação. Quando terminava o milho da lavoura, os suínos estavam gordos e prontos para o abate. Era hora de conduzi-los até o abatedouro mais próximo. Isso mesmo, os 'porcos de antigamente' não eram transportados, mas tocados até os frigoríficos. Tocava-se os animais, a pé ou a cavalo, até Palmas-PR (100 km). Alguém ia à frente jogando milho na estrada para atrair os porcos até o destino final. "Eles não se perdem, se olham e vão".

Tadeu e Maria lembram do tempo passado com muita nostalgia e saudades. "Naquele tempo as famílias moravam distante até três quilômetros uma da outra e se visitavam muito mais do que hoje". A escuridão das estradas não era motivo para deixar de visitar os amigos para conversar, rezar junto à capelinha e jogar quatrilho. "As lanternas a querosene bastavam para iluminar os nossos serões", conta.

Anexo G

26 Abril/2005
10 anos



Coragem e valentia na chegada

Em Linha São Pedro, interior de Itaiópolis, no Planalto Norte Catarinense, o associado Frederico Siegfried Radeck chegou para desbravar a região em 1973, com a esposa Ilse Koppe (falecida em 1999) e mais sete filhos pequenos. Ele conta que naquela época tudo era diferente. Não havia estrada e as terras eram pobres e impróprias para cultura. "Mesmo assim, não nos amedrontamos e quem nos chamava de louco boje nos tem admiração", disse.

Quando Frederico se mudou de Caçador para Itaiópolis, a 80 km de Canoinhas, havia apenas cinco famílias moradoras e poucas a exemplo dele conseguiram evoluir na agricultura. Só tiveram êxito aqueles que foram valentes e tiveram garra para mostrar os resultados na prática. Para o técnico em agropecuária César Clayton Smentkoski, da → de Itaiópolis, alguém sempre tem que sair na frente para abrir os caminhos. Seu Frederico foi alvo de muitas críticas quando resolveu implantar a cultura da soja na região, onde predominava a fumicultura. "Mas, aquela gente que o criticava hoje tem soja até no quintal da casa", exemplificou.

O produtor de Linha São Pedro, escolhido para a série "Colheitas do Tempo", conta como tudo começou na região de Caçador, onde viveu até 1973. Ele herdou do pai somente dois alqueires de terra, pois eram em oito irmãos e restou pouco para dividir. Segundo Frederico, foi preciso muito esforço braçal e 'malabarismo' para conseguir dinheiro e comprar novas terras. Naquela época o jeito era negociar em troca de produtos e os vencimentos das dívidas de preferência tinham que coincidir com as épocas de colheita. Contar com financiamento era muito difícil. O Banco do Brasil mais próximo ficava em Joaçaba ou Lages, distante 100 km de Caçador. "Além disso, havia muita burocracia", complementou.

Frederico se orgulha em dizer que nunca teve problema com cartório, nem antes e nem depois que começou a trabalhar com os agentes financeiros em Itaiópolis.



Frederico Siegfried Radeck - muita disposição para o trabalho



D/c: Frederico, técnico César, o gerente Edson Barp, o filho Artur com esposa e filha

"Quando as contas estavam vencendo e não tinha dinheiro eu procurava o Banco para me justificar e renegociar o prazo das dívidas". Para Frederico, uma conta a pagar é como um espelho na vida da pessoa, que só alivia depois de liquidada. O filho Artur Siegfried Radeck conta que graças ao sistema rígido do

pai ao educar os filhos, hoje ele também encara seus compromissos com muita responsabilidade. "Essa é uma virtude que eu faço questão de repassar para os meus filhos".

Frederico Siegfried Radeck hoje é proprietário de uma área de 305 hectares, onde produz milho, soja e feijão em

parceria com o filho Artur. No entanto, até chegar onde está foi preciso muito trabalho. Ele conta que começou em Itaiópolis com 50 hectares adquiridos com o dinheiro da venda dos 50 hectares de terra que tinha na região de Caçador. "Mudamos porque aqui é bem melhor que lá". As terras são mais planas e

aproveitáveis para a agricultura. Dizem que a pedra que muito rola não cria limbo. Na opinião de Frederico, este ditado não vale para todos. "Muitas vezes, para melhorar é necessário mudar".

Quando Siegfried Radeck chegou em Itaiópolis, no Planalto Norte Catarinense, não havia estradas e nem pontes. O jeito era abrir bueiros por conta própria. As terras eram abertas a machado e a picareta e só no terceiro ano que as lavouras começavam a se desenvolver, com mais tecnologia e 'menos braço'. A lentidão dos arados, machados e foices começava a dar espaço para a agilidade dos tratores. De 1973 a 2003 o produtor adquiriu 255 hectares, totalizando 305 ha, graças aos financiamentos conseguidos junto ao Banco do Brasil e ao seu espírito empreendedor. Na opinião do gerente da → Edson Carlos Barp, Frederico soube acompanhar a evolução tecnológica e por isso é competitivo no mercado.

Ele conta que antigamente era mais fácil comprar terra simplesmente porque tinha mais terra e mesmo não tendo dinheiro se dava um jeito de com-prar. "Com o tempo a população foi aumentando e a disponibilidade de terras diminuindo e encarecendo". Por outro lado, Frederico re-conhece que trabalhar na agricultura ficou mais fácil. Nem se compara as estradas, Bancos, transporte e assistência técnica de antigamente com a estrutura de hoje. "Pra quem amontoava soja na 'garupa' do trator, hoje pode se contar feliz com colheitadeira e caminhão".



A luta continua

A vida é uma luta contínua. Lutamos para viver e sobreviver. Às vezes, pensamos que não vamos conseguir, mas nossa coragem e vontade de seguir em frente se sobressai a qualquer dificuldade. Se, achamos difícil a luta diária, que dizer então de quem depara-se diante da necessidade de lutar contra uma doença, lutar para não morrer.

O pai, avô e agricultor Irineu Larrocheski lutou por seis anos contra um câncer que insistiu em permanecer no seu corpo. Depois de diversas cirurgias, alcançou a cura. Agora, ele tem a certeza de que poderá contemplar a paisagem do Rio Bonito, a comunidade onde mora, por muito tempo ainda.

Os cabelos brancos, símbolo da sua luta, e as rugas no rosto, resultado da doença que insistiu em determinar o seu fim, não conseguiram apagar o sorriso desse senhor de 71 anos. Pelo contrário, agora, o sorriso não se apaga nunca. "Porque não vou sorrir se ainda posso brincar com meus netos e trabalhar? Só vou me entregar quando morrer".

Descendente de poloneses, Irineu marcou seu lugar na terra. Vive até hoje no mesmo local onde nasceu. Rio Bonito, em Bela Vista do Toldo, é a sua pátria. "Até procurei outros lugares, mas sempre achei que viver aqui era melhor". O Rio Bonito fazia jus ao nome. "Era lindo, de águas cristalinas. Comímos peixe à vontade. Hoje, está cheio de terra e veneno. O Rio Bonito perdeu sua beleza".

Os banhos de rio acalentaram a infância sofrida. A mãe morreu quando tinha dez anos. Ele e os cinco irmãos ficaram "espalhados". Irineu e um irmão foram "dados" ao avô. "Ele era muito rígido". Depois de cinco anos presenciou a morte do seu tutor. Passou novamente a ajudar o pai. Morava em um paloi na roça. "Ia pra casa nos fins de semana".

Conheceu a mulher Iraci ainda na escola. Namoram apenas três meses antes de casar. A união aconte-

ceu quando ele tinha 24, e ela 20 anos. Iniciaram vida nova sem ter nada, exceto cinco alqueires de terra, que Irineu havia herdado da mãe. Aos poucos, foi comprando terra dos irmãos. A esposa, além de trabalhar como professora, ajudava na roça, na secagem da erva-mate e ainda dava conta dos filhos. "O esforço valeu a pena", garante o casal que hoje, rodeados

Irineu e a esposa Iraci: um sorriso para a vida!



Irineu no campo, com o gado. Trabalho, mesmo na aposentadoria

pelos netos, sentem alegria por ter criados os filhos com dignidade.

Seus olhos vitram a evolução

Como agricultor, seus olhos azuis, como era a água do Rio Bonito, viram a evolução. Da atividade de subsistência de pequenos colonos à agricultura de precisão, que transformou o simples agricultor em empresário rural.

Irineu sabe o que é usar os braços como principal ferramenta de trabalho na agricultura. A terra nova, indomada desafiava quem ousava dizer "eu sou agricultor". Ariscar-se a fazer roça de toco era a saída para a sobrevivência, numa época em que a mata reinau soberana sobre aquelas terras.

Apesar de dispor de um bom pedaço de terra, Irineu

arrendava terrenos de outros, já desmatados, para plantar a sua sobrevivência. Desmatar a sua terra seria muito trabalhoso. Essa atitude preservou 34 hectares de mata nativa em sua propriedade.

O sucesso de Irineu como agricultor se deve pelo interesse na orientação técnica. Muitos vizinhos o chiamavam para fazer as suas roças. "Queriam saber qual era o meu segredo. Eu buscava informação na cooperativa, na Acaresc, onde tinha alguém que entendia de agricultura. Hoje, se meus filhos não buscam assistência técnica, eu brigo com eles".

"Informação e uma ajuda dos bancos", foram muito úteis para Irineu. A facilidade em adquirir crédito agrícola, a juros fixos, beneficiava os agricultores. Ele acredita que a falta de crédito

é a principal causa das crises na agricultura. "É muito difícil fazer uma lavoura com capital próprio. O agricultor tem que ter crédito".

Hoje Irineu está aposentado, porém, ainda trabalha. Cuida de 100 cabeças de gado. Os filhos tornam conta da lavoura. "Se não trabalhar, o tempo não passa".

Consciência ambiental

"Quem tem bastante deveria cuidar do que tem e não desmatar mais. Infelizmente hoje, o que manda é o dinheiro", desabafa. O desmatamento já está causando problemas, e vai provocar muito mais, acredita. "Nossa água está diminuindo e ninguém vê, ninguém faz nada para mudar. Não adianta plantar eucalipto. É a mata

nativa que protege a natureza", defende.

Irineu cresceu num tempo em que não faltava água para beber. "Tratar a água não tira o veneno dela. A única que purifica a água do veneno é a terra".

Cooperativista desde guri

É assim que Irineu se define. A → é a quarta cooperativa em que se associou. Apesar da falência das três primeiras, não perdeu a esperança no sistema. "Eu me viciei no cooperativismo".

"A → veio pra ficar. Está investindo no Planalto Norte. Isso é um orgulho para nós". A instalação da → na região foi um "alívio" para os agricultores, acredita. "A vantagem do cooperativismo é a confiança na entrega e no recebimento da produção".

Conforme o gerente da → em Bela Vista do Toldo, Jair Daniel Vicente, Irineu é um exemplo na região. "Seu vínculo com o cooperativismo é muito forte. Ele acreditou na → desde o início".

É por essas e outras que contamos com satisfação um pouco da história desse herói anônimo, que encontrou forças na terra para a sua luta. E por fim, não podemos deixar de fora sua receita. "Para ser feliz é preciso ter paz, e um pouco de dinheiro também". E assim, a luta continua, sempre.

Anexo I

14 Maio/2005
10 anos



Mulher, mãe e agricultora

Gema é mãe, avó, agricultora e cooperativista, igual a tantas outras. E como tantas outras, única e especial. Ela é a primeira mulher a percorrer as páginas da série Colheitas do Tempo. A história de Gema confunde-se com a de outras mulheres que, como ela, fundaram as bases de suas vidas no cultivo da terra.

*.... E a não ser saudade e mágoa
nada ficou pra trás.

A primeira mulher a figurar na série Colheitas do Tempo é Gema Dettori Netto, de Linha Charuto, São Bernardino. Gema, tem 71 anos, completados dia 8 de março, data em homenagem à mulher. Como tantas outras mulheres, ela passou a vida dedicando-se à família e ao trabalho pesado na agricultura.

Nasceu em Barra do Rio Azul, município de Aratiba, Rio Grande do Sul. Os tempos de juventude foram muito felizes. Reunia-se com as amigas para ir a cavalo aos animados matinês. "Éramos em três irmãs. Nos arrumávamos como bonecas, todas com as roupas iguais". O trabalho em uma loja de tecidos era dividido com os preparativos do enxoval. "Naquela época, todas as moças confeccionavam seu enxoval, mesmo que ainda não tivessem um noivo".

"Minha vida de solteira foi ótima", resume. Aos 26 anos casou. Passou os primeiros dois anos de casada morando com a sogra. Até então "teve tudo do bom e do melhor", ótima, conta Gema. Quando estava grávida da primeira filha, ela e o marido Ângelo, resolveram começar nova vida em terras catarinenses. O destino, Linha Charuto, São Bernardino.

...Então a moça franzina tomou uma decisão! Esqueceu delicadezas, temuras de quase-novia e atou os cabelos negros debaixo de um chapéu e se afrouou no trabalho, cuidando da casa e campo, do gado e da plantação...

Apenas duas famílias moravam no local quando chegaram de mudança. Sair das propriedades isoladas no



Gema é a primeira mulher da série Colheitas do Tempo

sertão era difícil. Gema foi levada de carroça até São Bernardino para ter a primeira filha, Nereci. Doentes e mortos eram carregados à cavalo para buscar recursos. "Muitos morriam na viagem", recorda.

Ela morou dois anos em um piaçal de chão batido. Com o marido, cuidava de um salão onde aconteciam animados bailes nos fins de semana. Uma terra sem lei; assim era considerado aquele ringão no passado. Gema viu pessoas sendo assassinadas à faca, sem motivo aparente. "Os homens andavam armados até os dentes, como se fossem bandidos", conta. O salão de festas teve que ser

vendido para custear o tratamento da doença de uma das filhas.

Gema é mulher, é mãe de oito filhos, sendo quatro moças e quatro rapazes. O último filho, Lucinei, teve em casa, praticamente sozinha. Prendida, costurava para toda a vizinhança. Não bastavam as dificuldades naturais em uma família, ela precisava conviver com a doença do esposo. "Ele vivia no hospital". Antes de morrer, há dez anos, o marido de Gema passou todos os negócios para o filho mais velho, Irí.

...Montou e recorreu campo, botou vaca, tirou leite e arrastou água da sanga.

Fez da tempo a sua canga no lento girar do dia e quando às vezes parava comovida, acariciava o ventre, que pouco a pouco se arredondava e crescia...

A moça prendada que, recém casada, não sabia trabalhar na roça, aprendeu a cultivar e sobreviver dos frutos da terra. Mesmo grávida, não dispensava-se do trabalho. As dores do parto que se aproximava não escolhiam hora e lugar. Vinham, muitas vezes, durante o trabalho na roça. Mas, todo o sofrimento da dor, era apagado quando ouvia o choro do filho recém-nascido.

Cravou os filhos ensinando-as as leis do trabalho. Sua maior alegria hoje, é ver que os seus prosperaram com a profissão que ela e o marido lhes ensinaram. Vendo os netos, Gema lembra do passado, de quando seus filhos eram pequenos. "Agora ficou muito difícil criar uma criança, dar educação adequada". Mas, não perde a alegria de ver os netos crescerem. "Um é mais bonito que o outro. Pra mim, é uma alegria enorme quando nasce um neto". E olha que já são 11 os herdeiros dos filhos de Gema.

*...Emagreceu e fastiou-se e enrijeceu como o aço!
Temperando-se na luta
madurou-se como a fruta
que é forçada no baraco...*

Para plantar, era preciso derrubar o mato. "Queimavam pinheiros inteiros para fazer roça". O que não atrapalhava a lavoura também era derrubado sem dó. Levavam ao chão ainda pinheiros inteiros, na base do machado, só para tirar o mel de alguma colméia que se arriscasse a povoar o alto das árvores. Atrocidades que, se o passado voltasse no tempo, não seriam mais cometidas.

Gema acostumou-se a trabalhar com suínos, atividade que era muito lucrativa, com custos de produção baixos. Nos chamados 'safrão de porco', os animais eram soltos no milharal. As porcas criavam até 18 leitões por ano, sem nenhum tipo de medicamento. Criavam-se até 150 porcos ao ano.

O feijão era o 'ouro negro' da época. Plantado e colhido no braço, como qualquer outra lavoura, proporcionava excelente rentabilidade aos agricultores. ▶



Gema, o filho Vanderlei, o técnico Iom Marcelo e o gerente da filial de Charuto, Cláudio Pagnussati

Maio/2005

15

10 anos



» O milho também era uma cultura obrigatória. Sua função era, basicamente, alimentar os animais da propriedade. O cultivo da soja começou a ocupar as lavouras daquelas bandas há pouco tempo. Hoje, os filhos dedicam-se a lavoura e a criação de gado de leite e de corte. Gema cuida da casa e da Mansinha, vaquinha que garante o leite em sua casa. A cooperativa sempre foi e continua sendo companhia de vida da família. "Em nossa família, o cooperativismo foi passado de pai para filhos".

*... Bendita mulher gaúcha
que sabe amar e querer!
Esposa e mãe, noiva e amante
que espera o guasca distante
e acaba por compreender
que a vida é um poço de mágoa
onde cada pingo d'água
só faz sofrer e sofrer...**

O gerente da filial de Charuto, Cláudio Pasinussati diz que na localidade, todos admiram Gema pela alegria que transmite. "Ela se dá bem com todo mundo. Cada época tem um sofrimento. Tudo o que passou é um exemplo para todos". Ainda conforme o gerente, a família sempre trabalhou com a cooperativa. O filho Iri é líder da ... O técnico Ivan Marcelo Koch também considera Gema um exemplo: "Sempre foi forte e nunca deixou de estar ao lado dos filhos".

Apesar dos filhos já criados e encaminhados, Gema vive com a casa cheia. "Minha maior alegria é ter visitas, meus filhos e netos aqui". A vida também segue, com toda a alegria. Há muitos anos, ela participa de grupos de idosos. "Tenho uma vida tranquila. Sempre pensei nos filhos, agora é hora de cuidar de mim mesma", diz. Mas ela mesma admite que não vai conseguir, já que coração de mãe nunca se desliga dos filhos.

* Trechos da poesia 'Mulher Gaúcha', de Antônio Augusto Fagundes.

Colheita de milho



Um dia de campo reuniu agricultores na propriedade de Elio Chimelo, em Coronel Martins, em 14 de fevereiro. O evento foi realizado pela Cooperalfa, em parceria com a empresa Agroceres. O palestrante, Luiz Azeredo Coutinho, aproveitou a colheita para especificar aos produtores as variedades AG 9090, que rendeu 188,3 sacas; AG 8021, que apresentou produtividade de 189 sacas; AG 2020, com 172,2 sacas colhidas e AG 9020, que registrou 189,5 sacas por hectare.

**É com união que
encaramos
grandes desafios.**

O cooperativismo é a união de pessoas. Na Aurora é assim, porque quando há união, as diferenças ficam menores, os objetivos mais claros e todos ganham, todos prosperam. A união é a força que nos leva adiante.



Anexo J

16 Maio/2005
11 anos



Saúde e disposição aos 74 anos

José Calgaro, 74, e dona Otilia, 69, mudaram de Barão do Cotegipe-RS para Coronel Freitas-SC dia 23 de junho de 1965, em busca de terras mais produtivas e menos onduladas. "Quando chegamos na Linha Antinhas, 40 anos atrás, havia somente algumas picadas onde só passava carroça", recorda o associado José Calgaro, da série 'Colheitas do Tempo'.

José conta que o seu pai Vitorino Calgaro adquiriu os 25 hectares de terra dia 22 de janeiro de 1958, pelo mapa. Naquela época arriscava-se bastante em função das dificuldades de deslocamento. Não havia estrada e ter acesso às novas terras era uma missão complicada. "Mas, nem por isso deixava-se de buscar as melhorias", comentou o produtor.

O produtor da série 'Colheitas do Tempo' conta com detalhes como tudo começou: "eu paguei 56 contos de réis para 'os caboclos' derrubarem o mato a golpes de facão e construiram a nossa casa. Naquela época a lenha (cedro, gabriúva e canelal) era farta e chegava incomodar na propriedade. A gente tirava as toras a machado e o que não se usava para construir, aproveitava-se para lenha".



Dona Otilia ainda guarda o ferro à brasa como lembrança

vam. Quanto mais banha tivesse mais ganhava o produtor. Seu José recorda que antigamente um porco levava em média 1 ano e 3 meses até ir para o abate. Hoje em cinco meses o animal fica pronto. "Uma vez a gente engordava 30 porcos anualmente e hoje nem 300 por ano são suficientes para se manter no mercado", comentou.

"Hoje em dia as pessoas querem muito mais com menos esforço".

(Volmir Roque Cararo)

Ao comparar os tempos antigos com a atualidade, dona Otilia disse que as colas mudaram para melhor. Segundo ela, aquela suinocultura rústica e lenta deu espaço para a tecnologia genética e a produtividade. A escravidão dos lampiões foi substituída pela luz elétrica. Aliás, na propriedade de José Calgaro a energia elétrica chegou em 1976. "Com a chegada da luz tudo clareou lá em casa e passamos a ter mais conforto". De carona com a energia elétrica veio a geladeira, o freezer, o ferro elétrico e a televisão. O serviço de casa passou a ser mais leve e os custos de manutenção familiar também aumentaram. "Quando é para se viver melhor, tudo isso vale a pena", comentou dona Otilia.

Na opinião do gerente da Fazenda Joacir Luis Tafarel, de Linha Antinhas, a geração atual tem muito que aprender com estas pessoas mais experientes. "A juventude precisa se espelhar na boa vontade e disposição para o trabalho dos mais velhos". O técnico Volmir Roque Cararo disse que essas histórias de vida são válidas para que a geração atual possa entender melhor a atualidade. "Hoje em dia as pessoas querem muito mais com menos esforço". Ari Calgaro, filho de José e Otilia, revelou que pretende chegar na idade do pai com a mesma disposição para a vida e livre dos vícios.



E/d: Volmir, Joacir, José, Otilia, Ari e esposa

Seu José sempre teve muita disposição para o trabalho. Nem aos 74 anos, ele dispensa a rotina das atividades agrícolas. Em março de 2003, ele teve que se submeter a uma cirurgia para o implante de uma platina na perna, após ter sofrido um acidente manejando o gado. Para se recuperar não precisou mais que três meses. José e Otilia são aposentados, mas ambos preferem

levar a vida se sentindo útil. "Além de dignificar o homem, o trabalho favorece a circulação do sangue", comentou o produtor.

O associado da série 'Colheitas do Tempo' revela que não há nenhum segredo para dispor de saúde. Apenas, defende que é necessário evitar os exageros práticas nada saudáveis como o vício do cigarro e das bebidas alcoólicas. Seu José con-

ta que só bebe uma cervejinha nos fins de semana na companhia dos amigos e com cigarro só teve uma breve experiência aos 17 anos. "Naquela época só não fumava quem não fosse homem". Na alimentação, seu Calgaro não tem muitas restrições, come de tudo um pouco e também não dispensa uma boa salada de radish, alface e outras verduras. "Faz bem para a saúde".

Além de bons hábitos alimentares, o vigor de José e Otilia se deve à disposição e amor que eles sempre tiveram pelo trabalho. Desde o início sempre foram batalhadores. Eles contam que, quando chegaram na Linha Antinhas há 40 anos, tinham apenas duas vacas e 12 porcos da raça Duroc, alimentados com espigas de milho e lavagem. Naquele tempo, os suínos valiam pelo que pesa-

Anexo K

14 Junho/2005
18 anos



Cabeça nas nuvens e pés firmes no chão



Atilio e o pulverizador computadorizado: "custou o valor de três carros novos"



Gerente Cláudio Tossati, Atilio e a esposa Clélia, admirando a plantação em crescimento

época. "Me chamavam de louco, assim como diziam que o Santos Dumond, inventor do avião, era maluco".

Uma irmã de Clélia, 75 anos, esposa de Atilio, dizia que eles iriam morrer de fome naquela terra. De fato, as primeiras safras foram difíceis. As formigas mineiras e a sambábala prejudicavam o desenvolvimento das plantas. Ele

produzia milho, trigo e mandioca. No dia em que esta reportagem foi feita, 6 de maio, completava 50 anos da chegada de Atilio e da família ao local. E eles não morreram de fome. Pelo contrário, prosperaram. "Criamos nossas raízes aqui", conta. Mais que raízes, criaram também 10 filhos.

Dizer que terra de erva-

ra de cultivo era consenso na época. E havia um pouco de verdade nisso, em termos imediatos. Ninguém imaginava que a tecnologia transformaria a agricultura. Atilio pensou nisso, senão não teria apostado seu futuro naquelas terras. "Eu pensava diferente, terras planas não tinham pedra e isso algum dia favoreceria o agricultor. Hoje em

dia, terra de morro é abandonada".

Em 1972 Atilio começou a corrigir a terra com calcário. Mais uma vez seu espírito empreendedor é testado. Foi o primeiro agricultor de Xaxim a comprar um trator, apesar de dizerem que ia falir se fizesse o investimento. "O Atilio vai a picar", ouvia muito isso. Há 29 anos comprou a

primeira seiva. O primeiro pulverizador automático chegou há pouco tempo na propriedade. O maquinário é sempre renovado. "Não gosto de ver máquina velha na propriedade. De velho chega eu", brinca.

O maquinário, que não fica mais que oito anos na propriedade de Atilio, serve para desenvolver as lavouras. São 80 hectares plantados de milho e soja. A média de produtividade do milho é de 140 sacas por hectare. A soja tem resultado, em média, 35 sacas por hectare. "Sempre fico de olho na cotação dos produtos para saber o que plantar". Ele dedica-se ainda à criação de galinhas poedeiras.

O pensamento nas oportunidades que o futuro oferece não o impede de sentir saudades do passado. O trabalho braçal impunha muitas dificuldades, como foice, enxada, arado e boi. Apesar da falta de água encanada e de energia elétrica, fica uma certa nostalgia. "Aquele tempo era melhor. Hoje, as pessoas não dão muito valor para o que tem".

Os anos trabalhados não lhe roubaram a vitalidade. Atilio não pára de trabalhar. Ainda trabalha na roça, cuida dos negócios e ajuda os três filhos agricultores na lavoura. "Começar a trabalhar como agricultor hoje é mais difícil. O produto desvalorizou muito, enquanto os insumos agrícolas aumentam cada vez mais". Como protagonista da agricultura atual, Atilio está fazendo correção de solo em toda a sua propriedade. Com assistência da [redacted], faz análise de solo. Sua preocupação com o manejo correto da terra não é de hoje. Foi um dos primeiros agricultores em sua comunidade, há 21 anos, a trabalhar no sistema de plantio direto. Por mais de 40 anos foi sócio de cooperativa. Primeiro, da Xaxiense, depois da [redacted]. Hoje, os filhos são sócios.

Atilio é um verdadeiro empreendedor, afirma o gerente da [redacted] de Xaxim, Cláudio Tossati. "O que ele faz serve de bula para os agricultores aqui da região. Todos sabem que ele tem visão de futuro". Bem sucedido, explica seu segredo. "Cabeça nas nuvens e os pés bem firmes no chão".

Anexo L

Junho/2005 **15**
18 anos



Herói desde pequeno

O associado José Fiori, 68 anos, foi escolhido pela filial de Linha Espuma, Nova Itaberaba, para participar da série 'Colheitas do Tempo', pela sua história de luta e liderança política. Ele veio sozinho do Rio Grande do Sul, com 14 anos de idade, só com a roupa do corpo e muita coragem. De 1951 a 1955 trabalhou como bôia-fria para adquirir as suas terras. "Eu tinha 18 anos quando consegui comprar um pedaço de chão pra viver com a família que eu constituiria mais tarde".

José é filho de Natalino Fiori e Maria Goobi Fiori. Nasceu no município de Getúlio Vargas-RS, em 21 de outubro de 1937. Ele saiu ainda bebê da cidade natal quando sua família transferiu-se para Herval Grande - RS, onde residiu até 1951. Dia 23 de fevereiro de 1952, José Fiori partiu sozinho, a pé, até a divisa de Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Ao chegar em Chapecó, ele encontrou o professor Copini, que lhe encaminhou até a casa dos pais em Vila Espuma.

Chegando na comunidade de Espuma, em 1952, na época pertencente ao município de São Carlos-SC, começou a trabalhar de peão nas propriedades rurais da região. Aos 22 anos de idade conheceu dona Terezinha, com quem se casou quatro anos depois e teve dois filhos:



José e Terezinha Fiori



Nas horas de folga Terezinha costurava

Vilson e Dilson Sérgio (já falecido). Seu José recorda que no começo era tudo muito difícil. Para poder casar, ele teve de construir a sua própria casinha de madeira (5m x 6m), coberta de tábua lascada. A luz elétrica só che-

gou em 1981. Até então era só no lampião. "Teve época que a gente queimava pano com banha de porco para clara rea a casa", recorda o casal.

Nos primeiros onze anos Fiori trabalhou com lavouras de milho, feijão, soja e trigo,

Mais tarde, em 1963, já com o pensamento voltado para a agregação de valor, passou a lidar com a pecuária. Aliás, até os dias atuais, cuidar da bicharada é o seu maior prazer. Para se ter uma ideia do quanto seu José dedica-se às atividades pecuárias, nas fases iniciais dos pintinhos (cerca de uma semana) ele muda-se para o avíario a fim de cuidar de perto do bem-estar das aves. "Especialmente nesse período elas estão mais suscetíveis ao frio e por isso temos que manter a temperatura ideal no galinheiro", disse o produtor. Atualmente, seus 115 hectares de terra são bem diversificados, com receita proveniente da produção de grãos, suínos, aves, pecuária leiteira e de corte. Para cuidar de tudo, José Fiori conta com a ajuda do filho Vilson, da esposa Te-

rezinha e de mais duas famílias de agregados.

José Fiori tem sido referência para a agricultura da região. Em toda sua jornada já foi condecorado pelos seus atos de bravura na agricultura e na vida pública. Já foi premiado como produtor exemplo no município de Chapecó e região Oeste e foi um dos primeiros a construir um paó modelo em sua propriedade. Destacou-se também por ser um produtor consciente, pois sempre preocupou-se em reflorestar determinadas áreas da sua propriedade. Filiou-se a um partido político em 1991, quando Nova Itaberaba ainda pertencia a Chapecó, e exerceu a função de delegado do sub-diretório do município. Com a emancipação de Nova Itaberaba, Fiori passou a integrar a executiva do Partido Democrático Social.

Dia 03 de outubro de 2002, José Fiori elegeu-se vereador pela primeira vez com 87 votos. Sua candidatura surgiu por insistência de correligionários e da comunidade itaberabense pelo seu carisma e espírito de liderança. Seu José gosta da política séria e transparente. Ele prefere estar de bem com as pessoas e com a consciência tranquila a ter que se utilizar da política em benefício próprio. É uma pessoa de boa índole e querida pela população. Durante os oito anos de política, sempre trabalhou pensando no bem comum dos cidadãos. "Nunca me sobrou dinheiro do salário de vereador, mas não me arrependo de ter sido útil para a comunidade". José Fiori foi vereador por dois mandatos: de 1992 a 1996 e de 2001 a 2004. "O mais difícil foi ter que usar gravata", comenta o associado. Graças a sua despretensão, recentemente foi mencionado como "eterno vereador" pela gestão atual de Nova Itaberaba.

José Fiori é associado da **AVESUY** desde 1987. Inicialmente se associou na matriz, depois transferiu-se para a filial do Alto da Serra, mais tarde para Nova Erechim, Nova Itaberaba e finalmente Espuma em 1982. José foi líder da cooperativa durante muitos anos e batalhou no processo de abertura da filial **AVESUY** na Linha Espuma. "A nossa agricultura precisa do cooperativismo para se manter competitiva", defendeu. Na opinião do gerente da filial de Espuma, Nelinho Pedro Ribeiro, é de associados assim que a cooperativa precisa para se desenvolver e se manter firme nos seus propósitos. "Ele é cooperativista de verdade, nunca desviou um leitão".

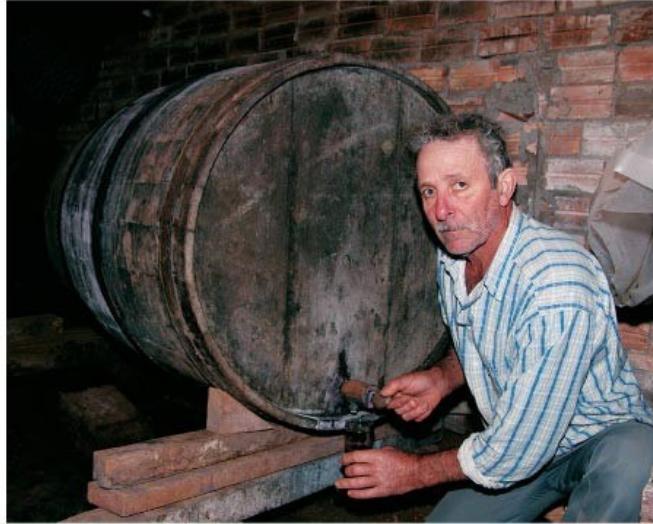
AVESUY[®] PROJETOS AMBIENTAIS AMBIENTALMENTE CORRETA

Rua Coronel Fidônio Souza Melo Filho, 485
Fone/Fax: 49 433 4594
Cep 89820-000 - Xanxeré - SC
avesuy@avesuy.com.br www.avesuy.com.br

- Biogestores
- Revestimentos com PVC
- Aletas Sanitários, Industriais
- Tratamentos de Efluentes
- Equipamentos para Salinicultura
- Geradores de Energia a Gás e Biogás
- Irrigações e Fertilizações



Vida e esperança nas montanhas de Nova Teotônia



Domingos é um apreciador do bom vinho. Segue com rigor o ritual dos imigrantes italianos de todo o ano fabricar vinho na propriedade

Quando colonizaram o Oeste de Santa Catarina, os imigrantes italianos buscavam terras montanhosas, por acreditarem serem as mais férteis. Com Domingos Oldoni, 60 anos, residente em Linha Nova Teotônia, Seara, não foi diferente. Quando saiu da Serrafina Correia, no Rio Grande do Sul, seu pai buscou abrigou em uma das regiões mais montanhosas do Estado. Domingos nasceu em solo catarinense, mas a história de sua vida confunde-se com a de tantos outros filhos de imigrantes. A vida simples do povo da roça ganhava sentido com o trabalho pesado na agricultura e na relação familiar. Foi baseado nas leis do trabalho que constituiu a sua família e comandou a sua vida.

O bom humor é a característica mais marcante em Domingos. O riso fácil demonstra que as dificuldades da vida não conseguiram o abater. Estudou apenas até a quarta série. Na época, era o grau mais elevado nas escolas do interior. O pouco estudo foi complementado pela sabedoria de quem desde cedo teve que trabalhar para ajudar no sustento da família. Ele conta que com 14 anos já tinha corpo de rapaz, acompanhando normalmente os adultos nos trabalhos da roça.

"Não cheguei a ir em cinco bailes na minha vida. A única distração era a reza do terço nos domingos".

Na sua juventude, a vida se resumia praticamente ao trabalho. "Não cheguei a ir em cinco bailes na minha vida. A única distração era a reza do terço nos domingos". Por 11 meses, Domingos deixou de frequentar o terço. Com 20 anos foi servir no exército,

mais precisamente no Rio de Janeiro.

Era o ano de 1964. Da ida, ficaram na lembrança os dez dias em que permaneceu em Palmas, no Paraná. Passou muito frio e dormiu empilhado junto a outros rapazes que também tinham como destino o Exército do Rio de Janeiro. Na viagem, outra parada, dessa vez em Curitiba para prestar exames antes de integrar a guarda nacional.

Chegou ao destino com pneumonia. Recuperado, foi escolhido para servir como garçom dos oficiais. Uma data em especial ficou marcada na lembrança. Como garçom dos oficiais serviu na festa do então General Ernesto Geisel, que se tornaria presidente do Brasil, nomeado pelo Regime Militar. Os meses em que permaneceu no exército foram inesquecíveis. Convocado para servir no Canal de Suez, na América Central, teve que retornar devido a doença do pai.

Então, a reza do terço voltou a fazer parte de sua rotina dominical. A paquera com a futura esposa come-

çou ali, a cada dezena de orações. Vizinhos desde a infância, Irma e Domingos se casaram quando ele tinha 26 anos.

Casórios que viravam a noite

Irma chegou na igreja de jipe, usando o vestido feito em casa. Sua chegada até que foi luxuosa, em comparação às noivas da época. Muitas chegavam na igreja a pé (as noivas se arrumavam na casa de algum conhecido que morava próximo à igreja), ou a cavalo. O baile do casório de Domingos e Irma foi do sol à sol. Nos casamentos da época, o vinho era servido à vontade. Nada de cerveja e gasosa, a bebida oficial vinha das pipas guardadas nos porões especialmente para a data.

O cardápio incluía ainda bolo, bolacha, cuca, pão e churrasco. Os preparativos começavam uma semana antes do casamento e reuniam toda a vizinhança. As mulheres se envolviam com a futura esposa come-

bolachas. Tudo era assado no forno de barro. Já os homens davam conta da carne. Os espetos artesanais eram catados no mato uma semana antes de esquentarem na brasa. O boi, engordado durante meses especialmente para o casamento virava churrasco, assado em grandes valas no chão. No inverno, o fogo para assar a carne era aceito uma noite antes, para esquentar a terra.

A festa se estendia por um dia inteiro, varando a noite. As refeições também eram muitas. De manhã, quando chegavam, os convidados se serviam de café com bolacha e cuca. A cerimônia só podia ser celebrada por um padre. Sem um verdadeiro sacerdote, o casório não acontecia. No almoço, carne à vontade. À tarde, era servido outro café. Antes do baile da noite, a carne sobrada no almoço era requentada. E tinha também aqueles que não dispensavam um café de madrugada. As festas de casamento reuniam em torno de 200 pessoas. Os pa-

rentes e compadres, muitas vezes, vinham de longe e nenhum vizinho deixava de ser convidado.

Com tanta festa, aumentava a responsabilidade dos pombinhos de manter a união. Domingos e Irma não decepcionaram. Em breve, completam 40 juntos. E já fazem planos para a festa das bodas de ouro. Desta vez, é claro, com o brilho dos três filhos e cinco netos, somando ao orgulho de ter formado uma linda família.

Passado X presente

A vida nas montanhas de Nova Teotônia não foi nada fácil para Domingos e Irma. Vencer o mato e o inô para cultivar o seu sustento era um desafio diário. Até mesmo a estrada de acesso à propriedade foi feita "à mique". Depois de aberta a estrada, era preciso mantê-la. Irma conta que, muitas vezes, tinha que carpír a estrada para o mato não crescer ali.

A primeira casa do casal era de madeira e tinha 6 X 7 metros. A mobília se resumia a um fogão, uma cama e uma pia improvisada. A bica da pia era o caule de um coqueiro. A falta de meios de conservação de alimentos tornava a carne um artigo de luxo, apenas para dias festivos. Houve uma época em que energia elétrica era um sonho distante, até inimaginável. O único meio acessível era o cíareto a querosene. A entrada na compra da primeira geladeira consumiu de Domingos 10 porcos de 100 quilos cada.

Os jovens que, no passado, sonhavam em ter sua propriedade, agora abandonam o campo. Domingos presenciou essa mudança. Por um lado, confessou que ficou ali porque não conhecia outros lugares. "A vida era essa e tava bom assim. Se eu ainda fosse jovem, compraria terras planas. A gente sofreu muito aqui".

O rigor que o relevo montanhoso impunha aos agricultores que permaneceram ali agora é abrandado pela nos-

Anexo N
22 Julho/2005
18 anos



Em sintonia com o passado

Com a chegada do rádio à pilha, muitos passaram a ser ouvintes assíduos das radionovelas e outros programas gaúchos como o Correspondente Renner, da Rádio Guaiba; o Repórter Esso e o Rodeio Coringa da Rádio Farroupilha, de Porto Alegre-RS.

Na filial de Ipuacu quem conta sua história de vida para a série de reportagens 'Colheitas do Tempo', do jornal 'O I - - -', é o associado Arcelino Stocco, 68 anos, viúvo há 11 anos. Ele é do tempo em que a produção agrícola era transportada das propriedades rurais até as vilas no lombo dos cavalos. "É que não havia estrada e o cargueiro era a solução".

Arcelino Stocco nasceu em Nova Prata-RS em 1937. Ele veio de Lagoa Vermelha-RS com a família quando tinha 15 anos de idade, em 1950, para produzir nas terras de Linha Samburá – no município de Entre Rios-SC. Arcelino casou-se em 1960, aos 24 anos de idade, com Carolina Maria Carneiro, com quem teve sete filhos. Permaneceu na sede da comunidade-



Arcelino Stocco - momento de nostalgia

a ser ouvinte assíduo das radionovelas e outros programas gaúchos como o Correspondente Renner, da Rádio Guaiba; o Repórter Esso e o Rodeio Coringa da Rádio Farroupilha, de Porto Alegre-RS.

Dupla jornada

Em 1994 Arcelino ficou viúvo e o dia-a-dia na propriedade passou a ficar mais pesado. Com a morte de Carolina, o produtor teve de se acostumar com a dupla jornada (lavoura e casa), até então praticada pela esposa. "Eu sou testemunha de que a mulher agricultora trabalha muito mais que os homens". Apesar das dificuldades, Arcelino sempre valorizou a educação dos filhos. Dos sete, apenas dois não fizeram faculdade, mas estão estudando. "Eu sempre incentivei os meus filhos a estudarem, para que não estraguem a coluna erguendo cestos de milho nas ladeiras", disse. "Hoje em dia muita gente tem os recursos nas mãos e pouco interesse de estudar", comentou Alexandre Ramos, agrônomo da [REDAÇÃO]. No tempo de Arcelino se via muitos colonos lavrando os morros com bois. "A gente pensava que se evoluía com a força do braço".

O produtor conta que naquele tempo havia menos festas comunitárias, no entanto as famílias se visitavam mais, apesar do escuro e da distância: "A gente passava os domingos na beira dos rios com os amigos", conta. Para o gerente da filial de Ipuacu, Eudes Biavatti, ouvir histórias passadas é importante para o melhor entendimento dos dias atuais. Segundo ele, a humildade e a simplicidade que existiam no passado não deveriam se perder. "Hoje em dia existe muita ambição e individualismo". Na opinião do técnico Ivanor Fogolari, essas histórias de vida 'nos' reportam ao passado. "Nos faz refletir o quanto evoluímos". O filho Gedson, que mora com o pai, também se delicia com as histórias. "Isso prova que as coisas mudaram muito e continuarão em transformação, cabe a nós se adaptar".



E/d: Arcelino, Gedson, Biavatti, Ivanor e Alexandre

de de Samburá durante 20 anos. Em 1980 mudou com a família para a Linha Carneiro, interior de Ipuacu, onde reside até os dias atuais, na companhia do filho Gedson, de 28 anos de idade.

O produtor da série 'Colheitas do Tempo' recorda que 55 anos atrás tudo era diferente e mais pesado. Ele conta que plantava trigo, feijão e milho e, após a colheita manual, tinha de andar a cavalo sete quilômetros até a sede da Linha Samburá, onde começava a estrada, para entregar a produção a comerciantes da região que vinham buscar os produtos com caminhões. As espigas de milho eram vendidas para serrarias da região que usa-

vam o produto para tratar os bois usados no arrasto das toras. "Com 700 sacas de milho em espigas o meu pai comprou um jipe traçado, com 11 mil km".

Cooperativismo chegou para facilitar

Stocco conta que a trilhadeira para debulhar o trigo vinha de Cordilheira Alta, o arroz era descascado no pilão e os 'porcos' tratados no porreteiro com mandioca e milho na espiga. Quando estavam prontos para o abate, o rebanho era tocado a pé por mais de sete quilômetros, para

entregar a produção para os compradores que vinham até a sede de Linha Samburá para aparhar os animais. Foi assim até 1957, quando comerciantes de Bom Jesus e Vargeão começaram a ir até a propriedade para comprar os suínos. Em 1973 Arcelino se associou na extinta Cooperativa de Abelardo Luz, para a qual passou a entregar a produção.

Dia 14 de julho de 1976, há exatos 29 anos, abriu a filial da [REDAÇÃO] em Entre Rios e Arcelino imediatamente se associou. "Eu era integrado e produzi muito porco pra [REDAÇÃO], até 15 anos atrás". O produtor de Linha Carneiro recorda que o cooperativismo chegou para facilitar a vida do

agricultor, na hora de comercializar a produção e adquirir os insumos. Stocco é simpaticante do sistema há muitos anos. Ele até já foi sócio da Cooperativa Pindorama nos primeiros dois anos em que morou em Xanxerê, quando chegou do Rio Grande.

A irmã de Arcelino foi a primeira professora na região e graças ao compromisso das aulas, foi adquirido o primeiro relógio. "Antes o sol era o nosso guia". O primeiro rádio a pilha da região foi comprado pelo pai, seu Ernesto Stocco, em 1957. Foi uma grande conquista. "Os de bateria a gente tinha que levar até Xanxerê para recarregar". Com a chegada do rádio, o pai de Arcelino passou



talga de ter vencido as dificuldades e ter pela frente um futuro com as melhores expectativas possíveis.

O trabalho na terra, baseado apenas na força dos bois e na bravura dos homens, lá noite adentro. Muitas vezes, Domingos lavrou a terra em companhia da lua. As lavouras tinham de ser carpidas para evitar a invasão das pragas. Irmã lembra da primeira vez que aplicaram uréia no milho. Diziam que era tóxica, por isso, colocavam o insumo na raiz, planta por planta, com a colher. As histórias que hoje causam risos eram apenas fruto da falta de informação.

O ciclo do milho era mais longo, plantado em agosto e colhido no fim de abril. Colhiam em média duas mil sacas do cereal por safra. "Tudo na unha", diz Domingos. Ele lembra ainda que sempre houve estiagens, mas como o milho tinha o ciclo longo, os prejuízos eram menores. "Hoje se ganha mais dinheiro, mas é mais fácil de gastar também". Domingos conta de anos em que prosperou muito como agricultor: 1977 e 1987. Conforme ele, foram anos bons em produtividade e preço dos cereais.

Quando casou levou da casa do pai 21 suínos. Dessa forma passou a ser suinocultor. Em determinada época, decidiu por fim na criação. Mas a determinação durou apenas 15 dias. Recomeçou o plantel e produz até hoje. A suinocultura, junto com o leite, é a principal atividade da propriedade. Domingos planta milho apenas para abastecer a suinocultura.

O tempo passa rápido, mas a velocidade com que as coisas mudam é inacreditável. Há pouco mais de 30 anos, para tratar os porcos, nada de ração ou concentrados. Os animais comiam milho, *radichi* e abóbora. Quando Domingos era garoto, começou a aparecer na região o porco branco. Olívio Atílio Fontana, fundador da Sadia, falar no rádio sobre os benefícios da nova genética. "Ele dizia que nos restaurantes as pessoas querem carne magra e nós lamos ter que produzir mais carne, em vez de tanta banha".

Para Domingos, o que provoca mais saudades do tempo que passou é o respeito e a amizade entre vizinhos. "Se algum vizinho estivesse doente, a visita era obrigatória. As pessoas eram mais honestas e gentis". A vida social nas comunidades ganhava o reforço dos serões. "Visitar amigos e vizinhos é muito importante. As pessoas deviam conservar esse hábito. Uma pessoa sozinha entre quatro paredes não é ninguém".

É notável o amor e o orgulho que Domingos sente pelos 5 netos. A visita dos herdeiros enche a casa de



Técnico Juliano Scatolin, gerente Odinei Fritzen, Domingos, Irma, a neta Gabriela, o filho Jair, a nora Salete e o veterinário Víctor Gallo

alegria. Alegria essa que é constante também pela neta, Gabriela, que mora junto com os avós e com os pais. Ele também é um apreciador do vinho. A bebida é obrigatória durante o almoço e a janta em sua casa. Como bom descendente de italianos, ele produz o vinho que consome.

Conforme o gerente da linha Pavão, Odinei Fritzen, Domingos é um agricultor cooperativista e serve como exemplo pelas dificuldades que enfrentou em sua vida. "Apesar de tudo o que ele passou, ainda se mantém sempre bem humorado. Com certeza, é um exemplo a ser seguido".

Parteiras

Não faz muito tempo, as parteiras eram personagem indispensável nas comunidades do interior. Domingos e Irmã jamais vão esquecer da querida Ledyvina Zuzze, já falecida. Foi ela que fez o parto dos três filhos do casal. Moradora da comunidade de Nova Teotônio, a Omá (avó em alemão), como era carinhosamente chamada, chegou perto de mil partos durante seus 80 anos de vida.

Chegava a cavalo nas residências em que era chamada para acudir alguma mulher em processo de parto. Sabia o aniversário de todos que tinha ajudado a nascer. Os doentes também não eram esquecidos pela Omá. Quando alguém estava mal, ela não deixava de estar constantemente presente.

As festas em comemoração ao seu aniversário jamais serão esque-

cidas. Todo dia 7 de fevereiro reunia mais de 100 pessoas para comemorar sua nova idade. Mais do que justo comemorar a vida daque-

la que tinha ajudado tantos a ver a luz do dia. Omá morreu, mas é lembrada com carinho por todos que fizeram parte de sua vida.

A Alfa agora tem Turbo

Tecnologia para garantir inúmeros benefícios em um só Fertilizante.

Serrana Turbo
É SUPERPRODUÇÃO

Turbo já está disponível em todas as filiais. Procure o seu gerente.

BUNGE 100

Anexo O
08 Agosto/2005
18 anos



Relíquias que funcionam

A casa foi construída em 1956 e a pick-up Jeep zerinho comprada em 1968. O fusca chegou em 1984 e o trator em 1977. Passados muitos anos, tudo está impecavelmente preservado e funcionando. Obra do casal Marcelo Marafon, 79 anos e Grandilhia Benini Marafon, 78, de Santa Fé, Coronel Freitas, que chegaram ao município em 1943, recém-casados, vindos de Serafina Correia, RS.



A casa, a caminhonete, a cerca, a família... tudo é valorizado pelos Marafon

Trinta e sete anos após a fabricação e com somente 33 mil quilômetros rodados, a caminhonete Jeep é o meio de transporte que Marcelo usa, todos os meses, para buscar a aposentadoria em Marema, município próximo. Quem a dirige? Ele próprio. E ai de algum atrevido pôr as mãos na chave da relíquia, que ainda tem pintura original da cor cinza-escuro. O fusi-

ca está com apenas 78 mil quilômetros, isso depois 25 anos de estrada. A casa, legítima arte em madeira, tábua amarela e janelas púrpuras, é companheira das fruteiras que a cercam e mais se parece com um cartão postal. "Prendemos preservar esse patrimônio", avisou a neta Fátima que, aos 28 anos de idade, acostumou-se com os bens do avô desde a infânc-

cia. "Se não tivessem cuidado de tudo isso, eu nem conheceria tais preciosidades, nem poderia estar utilizando-as".

Fátima desconde do único filho de Grandilhia e Marcelo, o sócio da Alfa Zelito, que é casado com Ide. Ambos têm dois netinhos, Anderson e Érico, vindos do casamento de Fátima com Irceu Cúnico, que moram na casa antiga.

Cássio é o segundo filho de Zelito e formou-se no curso médio em julho de 2005. Pretende se especializar em eletrônica. Os que lidam na roça têm integração em agricultura com a Aurora, cultivam milho, feijão e soja, mas a atividade principal é o leite. "Antigamente não vendíamos leite à cooperativa. Hoje, estamos satisfeitos nesse sentido", argumentou Zelito.

Caso raro

Agrotóxicos não entram nos 12 hectares de lavoura dos Marafon. Tudo é resolvido na base da enxada. "Enquanto eu viver, inço não se cria por aqui" disse o patriarca Marcelo, que abriu o mato à machado, enquanto Grandilhia ia a frente cortando as árvores mais finas. Contudo, 20 hectares de mato virgem ainda estão intactos. E permanecerão! O casal é do tempo em que levava milho de carroça a Coronel Freitas, 18 quilômetros de Linha Santa Fé, para vender o cereal. "Às vezes usávamos até sete mulas para o transporte", recorda a vovó Grandilhia.

Mais de meio século atrás, no auge da segunda Guerra Mundial, nem rádio o casal Marafon possuía. "O mundo externo não existia para nós. Nossa pensamento estava no machado e na enxada", lembra Marcelo. Antas e porcos-do-mato os acompanhavam, apesar do estrago que faziam no miliar.

Na despedida da reportagem, além do tradicional chimarrão, doces de leite de dar dar água na boca e causos contados pelos anfitriões como antigamente. A certeza que ficou é que, além dos bens físicos, a tradição, a cultura, o jeito de ser e de viver, tudo continua intocável. Ainda bem.

*"Enquanto eu viver, inço não se cria por aqui".
(Marcelo Marafon, 79 anos)*



Neste mês de Junho
Motosserras com
desconto de 5%

Roçadeiras Stihl



Dimaq
Em parceria com o homem do campo



Av. Getúlio Vargas, 1014 N - Chapecó - SC - Fone: 49 3322 0300



Dia 13 de maio de 1960 a família de Ernesto Pilatti partiu de Flores da Cunha – RS com destino ao município de Paraíso, no Extremo-Oeste de Santa Catarina. Foram 48 horas de viagem até chegar na terra prometida. "Lá no Rio Grande eu era arrendatário e o meu sonho era ter as minhas próprias terras", disse.

Foi assim que tudo começou. Dia 13 de maio de 1960 veio o casal Ernesto Pilatti e Adélia Bordin Pilatti e mais a filha Vanice para desbravar as terras de Linha Grácia – interior de Paraíso-SC, na época pertencente ao município de São Miguel do Oeste – SC. No caminhão de mudança havia um pouco de tudo, algo parecido com a 'arca de Noé':



Gerente da Alfa Clair Barp (à direita) e a família Pilatti

porco, galinha, milho, mandioca, farinha de polenta, salame e mudas de parreira, alâs, foram eles que trouxeram a cultura da uva para o município do Paraíso. "Chegamos às 10 horas da manhã, tiramos o fogão de cima do caminhão de mudança e fizemos polenta com salame, queijo e vinho".

A caminho do Paraíso



"Antigamente o cavalo era o transporte mais comum", disse Adélia Pilatti

Seu Ernesto conta que quando chegaram no Paraíso-SC havia muito mato e mosquito. Dona Adélia chorou três dias sem parar, até se acostumar e só não voltou para o Rio Grande porque não tinha dinheiro. "Eu só me acostumei porque naquela época tinha muita gente boa que nos faziam companhia". Num raio de 30 km havia uns 10 moradores, que se visitavam para jogar quatinho e contar piada.

"Viemos em busca do Paraíso, fomos evoluindo e felizmente boje estamos bem".

(Ernesto Pilatti)

Logo na chegada Pilatti contratou alguns peões para derrubar 2,5 hectares de mata para plantar feijão. A primeira colheita rendeu 60 sacas e toda a produção, debulhada a mangú, era guardada dentro de casa. Tinha feijão por toda à parte, a 900 réis a saca. "Valia muito e naquele tempo este era o único jeito para armazenar a safra". No segundo ano começou a

plantar milho e trigo, que passou a ser transportado no carrogueiro até São Miguel do Oeste – o centro consumidor mais próximo.

Quando a família Pilatti chegou, 45 anos atrás, a terra era nova e para derrubar uma árvore com serrote e machado demorava-se até 1,5 dia. "Hoje em dia as pessoas não fazem mais tanto esforço como se fazia antigamente", comenta o produtor. Aliás, naquele tempo, tudo era diferente. O que se tirava da roça não tinha despesa nenhuma. Não se comprava milho e nem adubo. A semente era crioula, de pãoi. "Quando viemos morar aqui uma saca de feijão valia 1,8 contos de réis, o suficiente para comprar uma bolsa de farinha de trigo, uma bolsa de 60 kg de açúcar, 30 kg de sal e uma lata (20 l) de querose-ne", recorda.

Aos poucos, a terra foi enfraquecendo e exigindo do agricultor um pouco mais de atenção. "Tivemos que começar a devolver ao solo o que vinhamos extraíndo ao longo dos anos". Ernesto semeou o primeiro milho híbrido em 1975 e desde então não parou mais. "Ele rendia bem

mais que o crioulo que foi sendo gradativamente substituído".

Em 1968 partiu para a criação de suínos e vacas de leite. No começo só dava para as despesas da casa. Depois as atividades foram evoluindo, inclusive a produção do vinho. Atualmente possui 0,5 hectare de parreiral com diversas variedades de uva, algumas trazidas do RS. "Vinemos em busca do Paraíso, fomos evoluindo e felizmente hoje estamos bem".

Ernesto Pilatti sempre foi cooperativista. Ele conheceu o sistema ainda no Rio Grande. Em 1976 se associou na extinta Cooper São Miguel. Na liderança por mais de 10 anos, foi um batalhador. "Eu pegava a mula e la visitar as famílias para associá-las". Atualmente o filho Gilmar Pilatti, associado da

mostra que herdou do pai o espírito de liderança, se re-elegendo líder na gestão 05/09 pelo distrito de Grácia.

Ernesto Pilatti, 69 anos, Adélia Bordin Pilatti, 67 anos, o filho Gilmar, a esposa Leila e os filhos Eduardo (9) e Juliana (2) se consideram felizes na terra sonhada por muitos – o Paraíso.

Anexo Q **Setembro/2005**
26 **18** anos



O sonho era voar

Na comunidade de Pinheiro Marcado, interior de Ouro Verde-SC, visitamos um agricultor que tinha um sonho pouco comum. Quando menino Agenor Fabris, 72, associado da ... sonhava em ser aviador. "Eu enxergava aquelas máquinas enormes voando bem alto, imaginava que um dia eu pudesse me tornar um piloto de avião", recorda o produtor da série 'Colheitas do Tempo'.

Porém, o destino lhe reservou um rumo bem diferente – trabalhar em chão firme. O pai de Agenor logo tratou de botar o menino no cabo do arado. Afinal, era o que ele sabia fazer. O produtor conta que estudou somente até o 4º livro. "Eu só aprendi o ABC, a tabuada e as quatro operações de matemática". A maior lição aprendeu com a vida. Agenor Fabris se tornou um grande homem, responsável e comprometido com a seriedade nos negócios. "Como associado sempre honrou seus compromissos", conta o gerente da filial de Ouro Verde, Sadi Antonio Galazzi.

Agenor e a esposa Dorilde, 73, vieram do Rio Grande há 47 anos, casados e com um filho. Eles se mudaram de Lagoa Vermelha-RS para Abelardo Luz - SC, na comunidade de Passo das Antas, onde permaneceram por quatro anos. Seu Agenor começou a vida em Santa Catarina trabalhando de empregado para o irmão. Com o dinheiro que ganhava como motorista de caminhão, comprou uma casa, depois umas terras e mais tarde um ônibus, na tentativa de andar com as suas próprias pernas. No entanto, na falta de passageiros, não foi um negócio bom e teve que se desfazer do ônibus a troco de bananas. Ou melhor, a troco de sapatos. Depois de muitos prejuízos, se obrigou a vender o ônibus para um sapateiro da região – o único que se mostrou disposto a fazer o negócio. "Ele não tinha dinheiro e só podia me pagar se eu aceitasse em mercadorias".

Quatro anos depois que havia chegado em Santa Catarina, vendeu a casa nas Antas e foi trabalhar nas terras (48 hectares) que seu pai deixou de herança. Finalmente decidiu ingressar



Dorilde e Agenor: pais exemplares



D/e: gerente e auxiliar ..., o casal Fabris e filhos

sar na agricultura e construir uma vida no campo. Teve de começar do zero. Nas duas colônias de terra havia apenas mato e pinheiros. Para despovoar a área e implantar as lavouras foi preciso muitas horas de trabalho com machado e serrrote. Fabris começou plantando

milho e feijão, depois trigo, arroz, mandioca, cebola, batata, galinha, ovos, leite, queijo... Naquele tempo tudo que se plantava, vendia. "Eu fiz todo enxoval das minhas quatro filhas, que não precisaram gastar um tostão quando casaram", conta Dorilde.

anos depois a produção passou a ser comercializada para cerealistas de Xanxerê. Fabris recorda que a colheita do milho era sofrida. Da roça até o seu destino final a produção passava por um longo e penoso caminho. Primeiramente era colhida à mão, depois amontoada, em seguida recolhida em cestos e transportada em carroças até o paioi e, finalmente, era encacada, pesada e carregada em caminhões. "Só mais tarde começaram a surgir caminhões com buraco na carroceria para agilizar a descarga de grãos a granel", recorda o produtor.

"Vale mais o bigode do que qualquer documento".

(Agenor Fabris)

Com o passar dos anos Agenor, Dorilde e seus sete filhos foram evoluindo e crescendo juntos. Em 1969 eles adquiriram o primeiro trator para destocar as lavouras e aumentar as áreas de plantio. Foi adquirindo novas propriedades e hoje já dispõe de 110 hectares, além das terras que passou para todos os filhos. Também possui plantadeira, colheitadeira, caminhão e trator de primeira linha. Agenor sempre investiu na melhoria da propriedade e sempre honrou seus compromissos financeiros. Na chegada da propriedade uma frase estampada resume o estilo de vida do produtor: A granja de Agenor vai como pode e paga quando tem. "Graças a Deus vamos muito bem e não devemos nada a ninguém". O auxiliar de escritório da filial de Ouro Verde, Alcemar Sagoratto, também manifestou sua admiração pela maneira com que o associado administra os negócios. Alcemar fez questão de citar uma frase de Agenor que ilustra muito bem a sua postura: "vale mais o bigode do que qualquer documento".

Caminho penoso

Antigamente a roça era diferente e muito mais trabalhosa. As primeiras safras de milho de Angelo Fabris eram vendidas para serrarias da região, que usavam o produto para tratar os bois puxadores de toras. Alguns



Todos os dias Zeli Moras, 64 anos, levanta às quatro e meia da manhã. Liga o rádio, acende o fogo e toma o churrasco. Ainda escuro, sai para tratar o gado no pasto, as vacas leiteiras, a ternera da e os dois ou três porcos que cria para o gasto. Volta para a cozinha, come pão com queijo e vai para a roça. Há quase 30 anos, Zeli saiu de Nova Prata, no Rio Grande do Sul, para firmar suas raízes em Linha Cambucica, interior de Nova Itaberaba.

Nos dois caminhões de mudança vieram Zeli, a esposa Clementina, os três filhos pequenos, os móveis, cavalo, porca, temeiro, uma pipa de vinho, carroça e tudo mais que pudesse ter utilidade na vida simples do campo. A mudança ocorreu em busca de terras mais férteis. A distância da igreja e da escola nas terras gaúchas também não estava agradando a família.

Em linha Cambucica moravam cerca de 15 famílias na época, mas a proximidade com os bancos escolares e o fim da necessidade de caminhar quilômetros para ir à missa era tudo o que Zeli e Clementina queriam. E a terra também se mostrava produtiva. As safras de feijão eram animadoras. Além do feijão, plantava milho e criava suínos. A produção era puxada no cagueiro pelo cavalo, que ia vencendo a terra dobrada.

Vendeu uma colônia de terra gaúcha a 10 mil cruzeiros, que chegaram para comprar dois alqueires catarinenses. Mas, a cada ano, Zeli comprava um pedacinho de terra, mesmo fazendo tudo 'no braço'. Chegou aos 34 alqueires, devidamente divididos entre os filhos.

"Se todos os sócios fossem igual ao Zeli, o cooperativismo teria apenas pessoas comprometidas".
(Valmir Bataglion)

As dificuldades da vida nova não se resumiam ao tra-

Saudosismo vivo



Zeli faz questão de tratar o gado diariamente. Na era do trator, a junta de bois Cigano e Minero ainda tem serventia na propriedade



O gerente Roberto Schneider e o técnico Valmir Bataglion com Zeli e a família: gaiteiro fino

balho árduo do campo que não tinha domingo nem feriado. Vieram ainda do Rio Grande do Sul os pais de Zeli. Dentes, necessitavam dos cuidados do filho e da nora. As crianças adoraram os novos ares. Passavam os dias brincando, correndo, tomando banho de rio, sentindo o melhor do sabor da infância.

As seis décadas de vida

de Zeli não o limitaram quando o assunto é trabalho. Além de tratar os animais, atividade que não gosta de delegar a ninguém, cumpre diariamente sua rotina de ir à roça. Para ele, que sabe bem o que é fazer safras apenas com a força do braço e dos bois, os novos tempos também têm seu sabor amargo. "Hoje é mais fácil de se trabalhar na

agricultura, mas não sobra nada". A renda da propriedade é gerada pelas culturas de milho e fumo, além do gado de corte e das vacas leiteiras.

Zeli é fundamental na propriedade, que agora é conduzida pelo filho Oscar e sua esposa Marlei. Junto ainda moram dois netinhos. O pequeno Jean passa o dia brincando ao redor da casa e Tais

já se mostra interessada nos assuntos da propriedade. O outro filho, Lauri, também mora na linha Cambucica. A outra filha, Isabel, mora em Chapecó.

O avô Zeli é carinhoso com os seis netos. "A gente tem mais tempo de dar atenção para os netos do que teve para os filhos". Mas, Clementina atesta que ele foi um bom pai. "Ele nunca bateu nos filhos. Se eu quisesse dar um tapa, tinha que ser escondido dele", recorda.

A vida também tem alegrias

Quando jovem Zeli era gaiteiro fino. Animava festas e casamentos regados a dança, vinho e cachaça, tudo iluminado por lâmpada. Já em Santa Catarina vendeu a gaita e ficou mais de 20 anos sem tocar. Há dois anos, comprou o instrumento e, para sua surpresa, ainda não perdeu o jeito.

No auge dos 41 anos de casamento, Zeli e Clementina dançam e se divertem nos animados encontros de idosos. Dançam do começo ao fim da festa, sem cansar. Fazem parte do grupo de idosos de Linha Cambucica. Os encontros ocorrem mensalmente, mas sempre tem alguma comunidade para visitar. A comunidade visitada fica com o compromisso de devolver a visita.

Um exemplo para o cooperativismo

"Se todos os sócios fossem igual ao Zeli, o cooperativismo teria apenas pessoas comprometidas", afirma o técnico da

Valmir Bataglion, que atende a família. O gerente da filial de Linha Cambucica, Roberto Schneider, concorda. "Ele é um exemplo de sócio".

A história de Zeli com o cooperativismo vem de longa data. Antes da instalação do posto em sua comunidade, em 1982, foi sócio provisório em Alto da Serra - uma das primeiras filiais da. Também foi líder cooperativista por 20 anos. "A cooperativa é o nosso braço direito".

Anexo S
12 Outubro/2005
18 anos



Sem medo do cooperativismo



Fátima e os pais Mário e Luiz: cestas de vime para a uva

Quem tem medo de ficar careca é falacrotófico. Fasmofobia é o medo de fantasma. E tem os gelofóbicos, que tem horror a garagliadas. E, pasmem! Tem até gnosiofóbico, que detesta conhecimento! E quem tem medo do cooperativismo, o que é?

Quando instalou-se em Nova Erechim, Mário Solivo, preferiu negociar apenas com comerciantes. Achou melhor não se aproximar da filial número 7 da **C&C**. Antes, havia sido sócio de uma cooperativa no Rio Grande do Sul. A entidade falou e a experiência não foi nada boa para ele. "Dizia que nunca ia me associar a uma cooperativa".

Mais tarde, percebeu que o negócio era sério e com a orientação de outros sócios decidiu fazer parte do sistema. Foi associado por 17 anos, até receber a Cota-Capital. O filho Sadi é sócio desde 1995.

Mário Solivo, 70 anos, é mais um de nossos agricultores que carregou no caminhão de mudança a esperança no trajeto entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Ele e a esposa Luiza, saíram da cidade gaúcha de Erechim, hoje Severiano de Almeida, em 13 de agosto de 1963. Os três caminhões de mudança que chegaram nas terras catarinenses em Nova Erechim traziam, além dos quatro filhos, muita vontade de vencer. Em linha Guabioba nasceram mais quatro filhos.

A maior incentivadora da mudança foi a mãe de Mário, Carolina, que via na nova terra o cenário de futuro. Naquela época a agricultura precisava de terras férteis para produzir. A falta de adubos levava os agricultores a buscarem novos horizontes. A decisão de mudar de vida foi rápida. Em 22 dias a família já pegava a estrada rumo à nova morada. Entre a família de Mário e do irmão eram 24 pessoas.

O destino a Nova Erechim não foi escolhido por acaso. Grandes partes dos parentes já residiam ali. João Soligo, irmão de Mário, é um dos primeiros colonizadores do local. Mário lembra que, quando se mudou, as terras da região eram bastante pro-

curadas. "Não era tão fácil comprar um pedaço de terra".

Nos 25 hectares comprados no solo catarinense, começou produzindo milho, feijão e suínos. Os primeiros tempos foram sofridos. Os suínos criados na mangueira eram alimentados com milho, mandioca e abóbora, até atingir os 40 quilos. Após isso

confinavam-se os animais. As porcas prenhas eram fechadas e cuidavam seus leitões em uma quintinha cama de samambaias. Levava um ano e três meses para que o suíno atingisse o peso comercial. Os porcos eram pesados na balança de vara ainda no chiqueiro. "Era al que os comerciantes lucravam", supõe Mário.

Fazer lavoura também era muito trabalhoso. Roçar a capoeira, arar a terra a boi e arado, além de carpir eram as rotinas da roça. Para preparar um hectare para o plantio, tornava-se necessário o trabalho de 3 homens durante 10 dias. Em 1978 Mário começou a fazer plantio consorciado de milho e soja, tudo colhido manualmente. A soja

entra de vez para a lista de opções para as safras agrícolas. Enquanto os pais trabalhavam na roça as crianças ficavam brincando por perto. Para os menores, era feito um buraco no chão e ali ficavam.

Foi um pouco difícil se

acostumar com a nova morada. Dificuldade logo superada pela convivência com os vizinhos. O ponto de encontro com os mais próximos era a igreja. Porém, Luiza lembra com nostalgia, mas sem saudades das lavagens de roupa na sanga, com sabão de taxo. Para clarear, as peças ficavam de molho na cinza. Depois de lavar roupa caminhava com o cesto cheio de peças molhadas para secar.

A falta de água encanada também ditava os hábitos da higiene pessoal. Mário lembra que banho era uma vez por semana na sanga. No inverno, preparava-se a gamela com água quente. "Uma barra de sabonete durava até um ano; os homens usavam apenas para fazer a barba", recorda Luiza.

O gerente da **C&C**, Otacílio Camatti compartilha das lembranças da família Solivo

recordando que o acesso a medicina antigamente era difícil. Ir ao médico, apenas em casos graves. Com o objetivo de "limpar o organismo", aos doentes era ministrado óleo de ricino.

A rotina doméstica pesada não impediu que a criatividade se manifestasse. Lui za é especialista em confecionar chapéus de palha de trigo, muito usados no campo. "Nunca precisamos comprar um chapéu", orgulha-se. Para costurá-los, muitas vezes usa uma máquina de costura, que mais parece uma peça de museu, que herdou ainda da sogra. Mário também faz belíssimas cestas de vime, que usa para transportar a uva colhida em sua propriedade.

Como descendente de italiano que não perde seus costumes, Mário ainda faz o bom e velho vinho caseiro. As pipas de vinho e o masteiro, que tem mais de 80 anos, e as mudas de parreira foram trazidas do Rio Grande do Sul na ocasião da mudança.

Mesmo que se preservem os costumes, é negável que as coisas mudaram, e muito. Não era só o trabalho no campo e a rotina doméstica que desafiava os desbravadores da região. Para viajar de Nova Erechim a Chapecó era necessário um dia inteiro. Isso porque não existia ponte e era necessário fazer a volta por Alto da Serra, interior de Chapecó. Atravessar o Rio Chapecó só era possível de balsa.

Mário já dividia a propriedade entre os filhos. Sadi, a esposa Nádia e a filha Juciane, que moram com Mário, Luiza e Fátima, cuidam da lavoura, suinocultura e avíario. O personagem da Série Colhitas do Tempo desse mês nos deixa uma última lição. "A gente aprende com os problemas".

Conquistas

Numa cartinha escrita com carinho quando soube da visita do Jornal O Cooperativa a sua casa, Mário fez questão de contar que chegou a Nova Erechim acreditando construir um bom futuro para ele e os filhos, o que se orgulha de ter con-

Outubro/2005 13
18 anos



Gerente ← Otacílio Camatti e a família Solvo

seguido. Os filhos Laureci, Maria, Valdecir, Fátima, Natalina e Sadi, residem em Nova Erechim. Bertilha mora em Porto Alegre e Valdir reside em Blumenau.

O agricultor recorda que em 1981 adquiriu uma

Toyota ano 69, para ajudar no recolhimento da produção. Em 1982 comprou um trator equipado para ajudar e facilitar o trabalho da família. Já no ano de 1983 foram construídos os primeiros 50 me-

etros de aviário, o primeiro de Nova Erechim sobre bases de concreto, que custou 750 sacas de milho. Um novo trator Valmet - 68, foi adquirido em 1985, utilizado até hoje na propriedade.

O ano de 1986 marcou na vida do agricultor como o melhor período como suinocultor. Lembra que entregou uma carga de 36 suínos, que na época dava para comprar uma F100 nova e ainda sobrava dinheiro.

A Nutron Alimentos desenvolveu uma linha de rações para atender às exigências nutricionais de leitões pré e Pós-desmame.

Papinha Aurotron



Ração com alta digestibilidade para leitões a partir do 7º dia de idade. Pode ser fornecida nas formas, seca ou molhada (1 parte de ração para 2 partes de água).



Núcleo Leitão Aurotron Inicial 60



Produto para a fase Inicial, a partir dos 45 dias de idade, com aditivos nutricionais focados ao sistema imunológico.



Serviço de Atendimento ao Cliente
0800 999994

Anexo T
14 Outubro/2005
18 anos



Pedro Beal tem saudades do passado

Em meados de setembro/05 a reportagem do jornal visitou Pedro Beal.

Não aquele da Rede Globo que vive nas telas da televisão, mas um senhor de 79 anos, de 1º Passo Ferraz, interior de Bom Jesus-SC, que vive no anonimato preso às recordações do passado. "Tenho saudade do tempo em que a gente sempre tinha dinheiro no bolso e era possível viver com bem menos", disse o pequeno produtor da série 'Colheitas do Tempo'.

Pedro Beal e a esposa dona Maria Antonioli, 79, deixaram o município de Antágora-RS, naquele tempo distrito de Encantado-RS, dia 18 de setembro de 1963 em busca de dias melhores no interior de Xanxeré-SC, Oeste Catarinense, hoje município de Bom Jesus, próximo de Abelardo Luz-SC. Pedro e Maria vieram com os filhos Edi, Rita, Elena (falecida), Terezinha e Danilo. O filho Ari, o mais novo, nasceu em Santa Catarina. Há 42 anos uma família desse porte conseguia viver numa pequena propriedade rural. "Hoje isso é impossível", comentou o produtor.

Em 1963, para comprar os 6,6 hectares de terra na comunidade de Passo Ferraz, interior de Bom Jesus, Pedro precisou vender os cinco hectares de terra que possuía no Rio Grande do Sul. Segundo ele, foi uma boa troca, porque lá as áreas eram muito dobradas e pedregosas. "Aqui bem mais planas". Antigamente o solo era magro e não havia calcário para corrigi-lo. A madeira apodrecida era o único adubo. Com

o extrativismo da madeira, os resíduos de pau podre foram ficando escassos e a terra enfraquecida. Em 1977 foi a primeira vez que Pedro Beal usou calcário na roça. Os outros diziam: "essa cinza aí não vai dár em nada". E deu! "Eu colhia 25 sacas de milho por hectare e após o calcário passei a colher 80 sc/ha", contou.

Quando a família Beal chegou nas terras de Santa Catarina havia só caboclo trabalhando de peão nas serrarias e plantando milho pra fazer canjica. Era puro espinho e naquele tempo a queimação e o arado eram as práticas mais comuns usadas para limpar o solo e implantar as lavouras. No primeiro ano Beal conseguiu fazer um pedágio de roça com o trator de Leolino Ferronato, um senhor já falecido. Pedro, Maria e os filhos começaram plantando milho de pãoi, arroz e feijão crôulos e depois passaram a criar porco, galinha e vaca para poder sustentar a família com a venda de carne, ovos e queijo. "Naquele tempo não havia complicação



Pedro Beal sente saudades do passado

com a inspeção e dava pra ganhar dinheiro com esses produtos coloniais", recorda dona Maria.

Em 1973 Pedro Beal comprou uma trilhadreira em sociedade com o compadre Afonso Bolani (falecido), com a qual ganhou dinheiro durante 15 anos trilhando produtos para agricultores da região. Até 1985 as terras eram lavradas a boi e arado. Depois o genro Rubens Caleffi comprou um trator e continuaram revolvendo a terra das lavouras até 1995, com a chegada

do sistema Plantio Direto que veio para mudar a realidade da produção de grãos e estancar o processo erosivo.

Cooperativismo é a nossa força

O filho Danilo, sócio e líder da cooperativa, apesar de respeitar a história do pai, não concorda quando ele diz que antigamente a vida na roça era melhor. Pelo contrário, na opinião de Danilo a agricultura atual oferece muito mais facilidade de evoluir e melhores condições de vida. Ele mencionou o cooperativismo como a grande força da agricultura familiar. Na opinião do líder, foi o melhor sistema que já inventaram para os pequenos poderem acompanhar as mudanças e não perderem o bonde da história. "Na geração tem assistência de um agrônomo e mais facilidade para negociar".

O gerente da filial de Bom Jesus, Orlei Luiz Dal Magro, falou da importância de ter líderes como Danilo que valorizam o sistema e que são grandes parceiros. Ele também reconhece a importância que tiveram os desbravadores da agricultura regional. "Não podemos esquecer do heroísmo e bravura desses pioneiros. Foi preciso muita força de vontade e coragem a abrir os caminhos para a nossa geração". O engenheiro agrônomo Alexandre Rogério Ramos disse que a família Beal consegue viver bem numa pequena propriedade. "Com a experiência do pai, o espírito empreendedor do filho e o trabalho de toda a família, eles conseguem tornar eficiente a produção de milho, soja e leite". Atualmente são 14 hectares de área própria e mais 12 hectares cultivados em parceria com os vizinhos Nelsinho, Nestor e Elizário.



E/d: Engenheiro agrônomo Alexandre Ramos, gerente Orlei Luiz Dal Magro e a família de Pedro Beal



Viver é aventurar-se

A rotina dos jovens de hoje não se parece em nada com a juventude de Luis Varnier. Caçar no mato, abrir estradas para garantir o acesso, trabalhar na agricultura usando apenas a força física e ir a alguma festa de comunidade de vez em quando era a rotina do nosso personagem da série Colheitas do Tempo.

Luis Varnier saiu de Benito Gonçalves, no Rio Grande do Sul, aos 12 anos. Foram três dias de viagem até a primeira parada, Cordilheira Alta. De lá, seguiram a pé, pelo meio do mato. Ele lem-

que conheceu a esposa Rosina, também migrante gaúcha, de Guaporé. Ela lembra das mudanças feitas com a carroça, onde se carregava de móveis e mantimentos a animais. Numa certa ocasião, as galinhas escaparam no mato. A cena foi engraçada, lembra ela, mas recolher as galinhas deu muito trabalho.

"Eu o namorava, mas nem olhava em sua cara de tanta vergonha".

(Rosina)

A paquera começou no terço de domingo. Não demorou para que Luis comeasse a acompanhá-la até um pedaço da es-



Luis e Rosina com o serrape que era usado para serrar madeira



Geci, Darci, o técnico Márcio Palmegiani, gerente Nedilso Lunardi, Rosina e Luis

bra bem que há 66 anos Coronel Freitas tinha apenas 4 moradores. Para começar a nova vida, seu pai comprou 40 porcos para consumir o milho que não tinha comércio na época para ser escondido. Os porcos eram soltos no mihalar para se alimentarem. Para comercializar os suínos, recorda da viagem de Coronel Freitas até Xaxim, tocando os porcos pelo mato afora por cinco dias.

Há 58 anos, passou a residir na comunidade de Anita Garibaldi, Xaxim. Foi ali

trada, por medo de ser visto por familiares da moça. "Eu o namorava, mas nem olhava em sua cara de tanta vergonha", recorda Rosina.

Todo mês, Luis cumpria sua função de ir até o moinho, apeando o cavalo pelas infundáveis picadas. Quando chovia muito, a viagem para comprar farinha tinha de ser adiada e o pão faltava. Rosina lembra de ocasiões em que o pão substituía o trigo. Na alimentação da época mandioca e batata eram itens básicos. Carne era con-

sumida a cada 8 dias, quando uma galinha era morta. Peixes, mortos a espigarda, também eram consumidos de vez em quando.

Iniciar as lavouras na nova terra representava trabalho árduo. Ele lembra que a produtividade era boa, as terras eram férteis e não precisavam de adubos. O burro era o companheiro fiel do arado. Amansar bois para o trabalho na roça foi uma ideia que surgiu bem mais tarde. As geadas fortes, que chegavam a acumular gelo por horas,

matavam os inços, garante o agricultor. Colheitadeira era uma ferramenta inimaginável na época. Os cereais eram malhados a porrete.

Na juventude de Luis, as heranças recebidas dos antepassados eram muito presentes. Na escola, aprendeu a ler e a escrever em italiano. Ele foi o primeiro da família a aprender falar o português. Aprendeu com os caboclos da vizinhança. E quase que foi preso por não se apresentar ao serviço militar. A correspondência chegou atrasada e Luis teve que se apresentar às pressas. Passou três anos no serviço militar, em Santa Maria, RS.

Luis e Rosina tiveram 11 filhos e todos são agricultores. O filho Darci é um dos líderes da

e com a esposa Geci comanda a propriedade. O casal não reclama de dificuldades em criar os filhos. Mas, além dos desafios diários, lutaram a vida toda com a saúde frágil de Rosina. Ela comemora estar viva, com 75 anos, depois de ter passado por várias cirurgias. Mas valeu a pena, garante. Não é qualquer pessoa que tem o privilégio de comemorar 48 anos de casamento e contemplar uma geração de 24 netos e 8 bisnetos. A vida, realmente, é uma aventura deliciosa, recheada com o carinho dos familiares.

HÁ 38 ANOS

POSSIBILITANDO

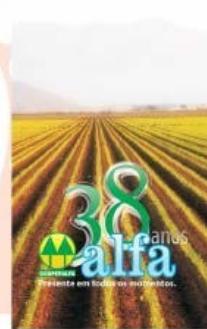
TECNOLOGIA AGRÍCOLA,

FORTALECIMENTO E

MELHORA DA RENDA

MÉDIA DO HOMEM DO

CAMPO.



Anexo V
 14 Dezenbro/2005
 18 anos



Saudade do canto dos passarinhos

NA COMUNIDADE DE LINHA ZAMIGNAN, A 13 KM DA CIDADE DE QUILOMBO, VIVE ALGUMÉM PREOCUPADO COM O FUTURO DA HUMANIDADE. AO SER QUESTIONADO SOBRE A SUA MELHOR LEMBRANÇA DO PASSADO, O ASSOCIADO ILIRIO LAZAROTTO, 63, CONVIDADO DA SÉRIE 'COLHEITAS DO TEMPO', RESPONDEU: "EU TENHO SAUDADE DO CANTO DOS PASSARINHOS".

Ilírio é do tempo em que a caça era uma grande diversão. Ele, seus pais e seus irmãos vieram de Erechim-RS para o Oeste Catarinense em 1965, há exatos 40 anos. Na época, eles optaram por vender os 21,7 hectares que dispunham lá no Rio Grande do Sul para adquirir uma propriedade de 62,2 ha no interior de Quilombo-SC, juntamente com o tio Carlos Gaspareto (falecido). Aparentemente um bom negócio. No entanto, segundo Ilírio, antigamente eles não levavam em consideração a topografia das áreas. Sómente considerava-se a fertilidade do solo. As terras de lá eram 'magras' e o desejo dos agricultores era sair para um lugar onde tivesse mato e fertilidade. A presença de urtigão e pé de Embu era sinal de terra fecunda. "Porém, não percebemos a dificuldade que seria trabalhar sobre pedras e morros", ponderou o produtor.

Lazarotto conta que os primeiros anos nas terras catarinenses não foram nada fáceis. Não havia estrada, só atalhos estreitos abertos no mato a golpes de facão. Não havia carro e, em caso de doença, o jeito era pôr o pé na estrada, enfrentar a escuridão e os bichos do mato. No entanto, tudo valia por um pedaço de chão fértil. O produtor da série 'Colheitas do Tempo' disse que naquele tempo existisse um pouco da tecnologia de hoje, tudo seria mais fácil. "Se tivéssemos insumos para corrigir o solo, teríamos permanecido em solo plano e mecanizável lá do Rio Grande onde morávamos", disse.

Passado divertido

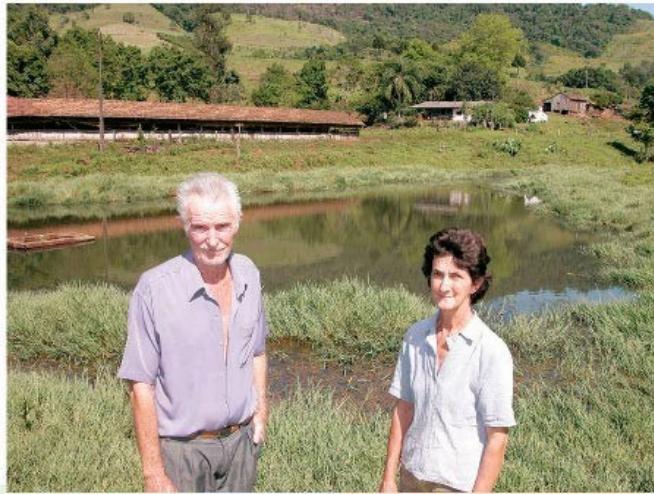
Com o passar dos anos Ilírio foi organizando sua propriedade, mais tarde casou-se com Nelsi Tereza Lazarotto com quem constituiu família. Dona Nelsi recorda com muita nostalgia do tempo de juventude. Ela conta que nos domingos se fazia até 10 quilômetros a pé para dançar ou assistir um jogo de futebol. "A gente andava no escuro e

atravessava o rio de calque numa turma". A comunidade era mais unida e qualquer galinha virava baile. "As moças não pagavam a entrada e por isso não podiam dar 'carão' nos rapazes", recorda. Para Ilírio o maior prazer aos domingos era jogar futebol, "Eu era goleiro e seu eu faltasse, eles vinham me buscar".

**"Quando se morre
não se leva nada.
Por isso temos que
cuidar da saúde,
dos amigos e da
natureza"**

(Ilírio Lazarotto)

Antigamente, segundo o casal da 'Colheitas do Tempo', havia mais amizade e



Ilírio e Nelsi - amor pelas coisas da natureza



E/d: gerente Hélio Risson e família Lazarotto

menos obstinação pelo material. Hoje as pessoas pensam mais no serviço, sobrando-lhes pouco tempo para os amigos. Antigamente todas as noites as famílias se visitavam, a pé ou a cavalo. Aos poucos o costume do serão foi sendo deixado de lado. Na opinião de Lazarotto, é preciso retomar alguns valores que se perderam no tempo. "Quando se morre não se leva

nada, por isso temos que cuidar da saúde, dos amigos e da natureza".

Defensor da natureza

Ilírio possui consciência ambiental madurecida. O produtor reconhece que no passado muita coisa errada foi feita e, segundo ele, a ju-

ventude atual precisa urgentemente salvar o que ainda não foi destruído, preservando os mananciais, plantando árvores e cuidando dos pássaros. "Quem reflorestar estará fazendo um grande gesto pelas gerações futuras". Lazarotto já foi caçador no passado, porém hoje defende tudo que está ligado à natureza: animais e meio ambiente.

O gerente da Hélio Risson, da filial de Vila Gaúcha, disse que a preocupação da família para com a natureza deve servir de lição. Além disso, na propriedade de Lazarotto há um belo exemplo de união. Todos trabalham juntos: o pai Ilírio, o filho Lauri, a nora Susana, o neto Eduardo Luís (6), a irmã Terezinha Lazarotto e o sobrinho Delvino Radaeli e família. "Juntos, as coisas andam mais facilmente", disse o gerente.

Até um jacaré de dois metros de comprimento apareceu na propriedade da família e está sendo cuidado com todo carinho. O crocodilo apareceu em junho de 2005 num açude próximo a residência de seu Ilírio, que fica a 15 km do Rio Chapecó. "Ele deve ter vindo pela sanga que liga o rio à propriedade", disse o associado. Na época, o produtor ficou surpreso com o aparecimento do jacaré. Ele só tinha ouvido falar, mas nunca tinha visto um, muito menos na propriedade. "Quando eu era novo meu esporte era caçar. Hoje sou um defensor da natureza, e o jacaré vai ficar aqui o tempo que ele quiser".



Arthur Giovanoni, de 77 anos, divide seu tempo entre o jogo de cartas na bodega de linha Adolfo Konder, em União do Oeste, onde reside, e o cuidado de sua mais nova netinha, Emeli. Mas não é só a pequena que ganha a atenção do vovô Artur, que tem mais 12 netos.

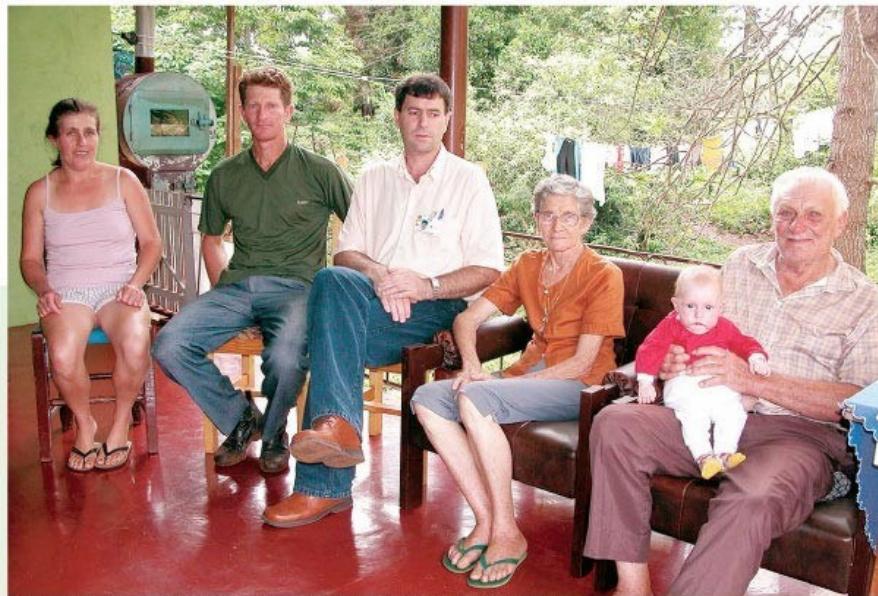
Apesar dos cabelos brancos e dos sinais que a vida deixa no corpo, Arthur conserva a simplicidade de quem busca na terra o seu sustento. Com os pais, se mudou de Marau, no Rio Grande do Sul, para o município catarinense de Vargem Bonita, quando tinha um ano de idade. Logo após, os pais se separaram e ele voltou a morar no RS, em Itatiba, com o pai e um irmão.

"Não tinha nem arado, cheguei a plantar o trigo de enxada e colher de foicinha".

(Arthur Giovanoni)

Há 41 anos voltou à Santa Catarina casado e com três filhos. Comprou terra em União do Oeste e ali começou uma nova vida. Plantava milho e feijão, mas não colhia muito, pois tudo era feito 'no braço'. A colheita era a etapa mais custosa da lavoura, recorda. "Não tinha nem arado, cheguei a plantar o trigo de enxada e colher de foicinha". Além de plantar e colher criava algum porquinho comum para a banha e o salsame.

No colo do vovô



Cleusa e Gelson, o gerente da...

...em União do Oeste, Sezer Belei, Rosa, Arthur e a neta Emeli

A primeira casinha em que Arthur e Rosa moraram em São Luiz, hoje União do Oeste, tinha 5x6 metros e era coberta de tabuinhas. Ficaram morando ali por 5 anos, até construir uma casa melhor. Arthur sempre foi acostumado com a simplicidade da vida. "A gente era pobre e se contentava com o que tinha. Hoje tudo é difícil, as pessoas são complicadas".

"Uma galinha tinha de ser morta e preparada no mesmo dia, já que não havia geladeira para conservar".

Pobre, porém dignos. Alimento nunca faltou para a família de Arthur. "Uma galinha tinha de ser morta e preparada no mesmo dia, já que não havia geladeira para conservar". Nas épocas geladas, faziam bastante fogo para se esquentar, pelo menos a comida ficava deliciosa no fogo de chapa sustentava por pedra e barro. "Contando ninguém acredita o que a gente passou na vida", diz Rosa.

Nem mesmo as crianças escapavam de ir para a roça, todos ajudavam. Rosa trabalhava na lavoura durante o dia e à noite fazia os serviços de casa, apenas com a luz de um círculo a querosene.

No tempo em que carro era um luxo de gente rica, o cavalo e as próprias pernas

eram os companheiros mais fiéis. Os longos passeios para visitar parentes e compadres eram feitos à cavalo. O animal era o meio de transporte para as viagens até o moinho, de mais de 30 quilômetros de distância, um dia inteiro de viagem.

Um amor que venceu o analfabetismo

Arthur e Rosa iniciaram o namoro por carta, mesmo ela sendo analfabeto. Eram seus irmãos que liam as cartas do namorado. Ela chorava quando conta que não sabe ler e escrever. As letras, sobrepostas em uma folha de

papel, para ela, representam apenas um emaranhado de códigos indecifráveis.

Durante a juventude, Rosa não pode ir à escola por ter que cuidar da mãe doente e dos irmãos. Depois veio a luta de cuidar e garantir o sustento da própria família e, novamente, o *be-a-bá* ficou de lado. Agora, diz ela, não quer mais aprender, apesar de esse ter sido um desejo de toda a sua vida.

Quem hoje comanda a propriedade que Arthur e a esposa construíram é o filho Gelson com a nora Cleusa. Além de Emeli, eles têm os filhos Leonardo e Wagner. Todos moram na mesma casa. Gelson produz, além da lavoura suínos, aves e leite.



(49) 353-8383

RAFITEC Ind. e Com. de Sacaria Ltda.
Rod. BR 282 | Km 519,5 | Cx. Postal 142 | 89825-000 | Xaxim | SC
www.rafitec.com.br | e-mail: sonia.comercial@rafitec.com.br



Feliz Ano Novo e Próspero 2006

Cortina (azul e amarela)
Sacaria Convencional
Sacaria Laminada
Tecido p/ Big Bag
Big Bag
Tecidos Especiais

